







CARTAS AMOROSAS

D'UMA

RELIGIOSA PORTUGUEZA



D. M. A.
Religiosa do Convento
de em Braga

CARTAS
D'HELOISA E ABAILARD

TRADUZIDAS POR

CAETANO LOPES DE MOURA,

Traductor das obras de Walter Scott,

SEGUIDAS DAS

CARTAS AMOROSAS

D'UMA

RELIGIOSA PORTUGUEZA,

RESTITUÏDAS Á LINGUA MATERNA

POR

D. Joze Maria de Souza,

Morgado de Matheus,

AUGMENTADAS COM AS IMITAÇÕES DE DORAT E OUTRAS,

E TRADUZIDAS DO FRANCEZ

POR

FILINTO ELYSIO E CAETANO LOPES DE MOURA.

TOMO SEGUNDO.



PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J.-P. AILLAUD,

11, QUAI VOLTAIRE.

1838.

PREFAÇÃO.

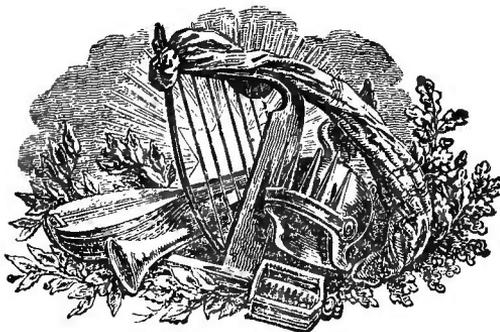
As cartas d'uma religiosa portugueza, que dâmos novamente á luz, apparecêrão, pela vez primeira, vertidas em francez na officina de Pedro Marteau em Colonia sem data; forão recebidas com tal acceitação, que no anno 1669 apparecêrão

novamente impressas por Claudio Barbin, e assim successivamente em 1777, 1778, 1779, 1796, 1806, 1823 e 1824.

A justa celebridade, de que gozárão as sobreditas cartas no illustrado seculo de Luiz XIV, foi causa de que muitas pessoas de gosto se aventurassem a imitá-las. Uma das imitações, que mais bem acceita foi na republica litteraria, é a que trasladou em linguagem portugueza o nosso eximio poeta Francisco Manoel, com uma elegancia e pureza de dicção digna, a todos os respeitos, de sua bem merecida reputação. A esta versão juntâmos a da imitação feita por M. Dorat. N'uma e n'outra encontrará o leitor a mesma elegancia e simplicidade: n'ellas tambem verá uma viva pintura do amor em todas as suas phases, e com todas suas inquietações, prazeres, arrependimentos, ciúmes, e

heroicos sacrificios. Mariana é a amante mais terna, e desinteressada, e ao mesmo tempo a mais amavel, que dar-se póde.

Esta religiosa vivia pelos annos de 1663 n'um convento de Beja. O cavalleiro com que se correspondia era M. de Chamilly, mais conhecido com o titulo de conde de Saint-Leger, o qual com effeito militava n'essa época em Portugal, como outros muitos officiaes francezes, debaixo das ordens do conde de Schomberg, e voltando para França foi feito marechal em 1703, e cavalleiro das ordens militares em 1705.



CARTAS AMOROSAS

D'uma Religiosa Portuguesa.

Parte Primeira.

CARTA PRIMEIRA.



CONSIDÉRA, meu Amor, quão
excessivo foi o teu descuido
de prever o que havia de suc-

ceder-nos! Ah, infeliz! foste enganado, e me trahiste, por lisongeiras esperanças mentirozas : Uma affeição sobre que tinhas fundado tantos projectos deleitosos, e da qual te promettias infinito prazer, põe - te agora n'uma desesperação mortal, sómente comparavel em crueldade á da ausencia, que é della causa. — E ha-de esta ausencia, para a qual ainda a minha dor, por mais engenhosa que seja, não soube achar nome assaz funesto, ha-de ella privar-me de contemplar aquelles olhos em que divisava tanto amor, e que me fazião conhecer affectos, que enchião meu peito de alegria, que erão tudo para mim, tudo supprião, e emfim me satisfazião?

Ai de mim! os meus ficarão privados da unica luz que os animava, sós lhes restão lagrimas; nem eu lhes dou outro exercicio, senão o de chorar continuamente, desde o instante que sube estares resolvido a uma separação,

para mim tão insoffrivel, que em breve tempo me acabará.

Parece-me porém , que de algum modo me affeição a infortunios , dos quaes és a unica causa. — Dediquei-te a minha vida apenas te vi, e sinto algum gosto em fazer-te della sacrificio.

Milhares de vezes no dia a ti envio meus suspiros, que te procurão por toda a parte, e não me trazem outra recompensa de tantas inquietações, mais do que um aviso, por demasia sincero, da minha má Fortuna, a qual cruamente não consente que eu me lisongeie, mas repete-me a cada instante: Cessai, cessai, ó Marianna desditosa, de consumir-te em vão, e de procurar um amante, que jámais tornarás a ver; que passou os mares para fugir de ti, que vive em França entregue ás suas delicias, e que nem um só momento cuida nas tuas magoas, que te dispensa de todos esses transportes, e não sabe agradecer-t'os... Mas não,

eu não posso resolver-me a formar de ti um conceito tão affrontoso, e tenho nimio interesse em justificar-te. Não quero mesmo imaginar que te esqueste de mim.

E não sou eu já assaz desaventurada, sem que ainda me deixe atormentar por falsas suspeitas? — Para que fazer esforços por apagar da memoria todos os disvélos, com que anhelaste a dar-me provas do teu amor? Ah! todos estes disvélos tanto me encantarão, que eu seria uma ingrata, se não te amasse com o mesmo arrebatamento a que me impellia a minha paixão, quando gozava d'esses testemunhos, que me davas reciprocamente da tua. Como é possível que lembranças de momentos tão agradaveis se tornassem tão crueis? e que hajão de necessidade, em despeito da sua propria natureza, servir sómente para tyrannisar o meu coração? — Ai de mim! a tua ultima carta o reduzio a um estado miserando : as suas

palpitações forão tão sensiveis , que parecião-me como esforços para separar-se de mim, e reünir-se a ti. — Fiquei tão abatida destas commoções violentas , que cahi em um desmaio por mais de tres horas, perdidos os sentidos... Luctava assim contra a vida que não queria recobrar , pois devo perdê-la por ti, já que não posso conservá-la para ti.... Emfim tornei de máo grado a ver a luz..... Comprazia-me o sentir que morria de amor..... e demais estimava cessar para sempre de soffrer as angustias de um coração , despedaçado pela dor da tua ausencia.

Depois d'este accidente, padeci muitas e diversas indisposições; mas como posso eu existir sem males, em quanto não torno a ver-te? Sei supportá-los sem murmurar, porque de ti provém. — Como? É essa a retribuição que me dás por haver-te amado com tão extremada ternura? — Não importa : estou resolvida a adorar-te toda a minha

vida, e a não ver mais pessoa alguma....., e certifico-te que farias bem de não amar juntamente ninguém. Acaso poderias contentar-te com outra paixão menos ardente do que a minha? — Encontrarias talvez mais formosura (ainda que em outro tempo me disseste que me não faltava gentileza); mas nunca acharias tanto amor..... e tudo o mais é nada.

Deixa de encher as tuas cartas de ociosidades : não me escrevas que me lembre de ti. — Eu não posso esquecer-te, nem tão pouco me esqueço da esperança, que me déste, de vir passar commigo algum tempo. Ah! porque não queres tu passar assim toda a vida? Se me fosse possível sair desta amaldiçoada clausura, não esperaria certo em Portugal o cumprimento das tuas promessas; mas partiria desconcertadamente a buscar-te, seguir-te, e amar-te por todo o mundo. Não ousou lisongear-me desta possibilidade, e não

quero nutrir uma esperança, que me daria seguramente algum gôsto, pois só quero ser sensível aos meus pezares.

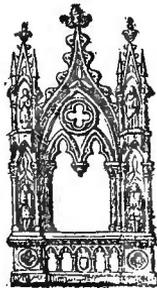
Confesso todavia, que meu irmão, offerecendo-me uma occasião de escrever-te, causou-me a surpresa de alguma sensação de alegria, e suspendeo por um instante a desesperação em que estou.

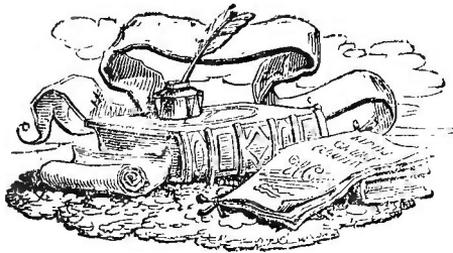
Conjuro-te de dizer-me para que te applicaste com tanta efficacia a encantar-me, como fizeste, sabendo mui bem que devias abandonar-me? — Ah! dize, porque motivo te assanhaste em fazer-me desgraçada? — Porque me não deixaste tranquillã no meu claustro? — que injuria ou mal te havia eu feito!

Mas perdoa : — não te imputo culpa alguma : — não me sinto forças de cuidar na minha vingança : — accuso unicamente o rigor de meu acerbo destino. Parece-me, que separando-nos, fez-nos todo o mal que podíamos temer. Separar nossos corações não poderia. O amor

8 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

mais poderoso do que elle os ligou por toda a nossa vida. Se tens algum interesse na conservação da minha, escreve-me frequentemente. Bem mereço attenção e cuidado de me participares o estado de teu coração, e da tua fortuna, — sobretudo vem a ver - me. — Adeus! não posso largar este papel, que ha de ir ás tuas mãos. — Bem quizéra ter a mesma dita... — Ai! que loucura é a minha! Percebo, ainda mal, que isso não é possível... Adeus! não posso mais... Adeus! ama-me constantemente, e faz-me padecer inda maiores males.





CARTA SEGUNDA.

PARECE-ME que faço grão menos-
cabo dos sentimentos do meu
coração, em procurar dar-te

delles um perfeito conhecimento, escrevendo-os. Quão venturosa seria eu, se tu podesses avaliá-los justamente pela vehemencia dos teus! Mas tu não es capaz de os julgar, nem eu devo pôr em ti essa confiança; assim vejo-me obrigada a dizer-te, e ainda menos vivamente do que o sinto, que não devias maltratar-me como fazes, mostrando um esquecimento de mim, que me desespera por extremo, e mesmo a ti, serve de vituperio.

É bem justo ao menos, que toleres os meus queixumes dos infortunios por mim previstos, desde que sube a tua resolução de me deixar. Bem conheço que me enganei, em pensar que terias commigo um procedimento de melhor fé do que é costume; porque me parecia, que o meu excessivo amor fazia-me superior a todas e quaesquer suspeitas, e merecia de ti uma fidelidade além da que se encontra de ordinario: mas tua propensão para trahir-me

venceo emfim a justiça, que devias a tudo quanto por ti havia feito.

Não deixaria ainda de ser bem desafortunada, se soubesse que me amavas unicamente porque eu te amo, pois quizera tudo dever á tua propria inclinação: porém tão longe estou de um tal estado, que são passados seis mezes em que nem uma só carta recebi de ti!

Todas estas desgraças attribuo á cegueira, com que me abandonei a amar-te. — Não devia eu prever que todo o meu contentamento feneceria mais de pressa que o meu amor? Podia eu esperar que te demorasses toda a vida em Portugal, e que renunciasses a tua fortuna e o teu paiz para te occupar sómente de mim? — As minhas penas não podem admittir allivio algum, e a lembrança dos meus prazeres remata a minha desesperação.

Como assim? — Todos os meus desejos se frustrarão, e não tornarei mais a ver-te na minha cella arrebatado da ar-

dente paixão que me mostravas ? Mas, ai de mim ! quanto me engano ! Em demasia conheço agora que todos os alvoroços, que se apoderavão da minha cabeça e do meu coração, em ti erão excitados sómente por alguns deleites, que acabavão tão rapidamente como elles.

Era-me necessario nesses momentos felicissimos implorar o auxilio da minha razão, para moderar o funesto excesso das minhas delicias, e para annunciar-me tudo o que soffro presentemente. Mas entregava-me toda a ti, e não me achava em estado de pensar no que podia amargurar o meu jubilo, e impedir-me de gozar plenamente das fervorosas demonstrações da tua affeição. Sentia demasiada satisfação de estar comtigo, para poder lembrar-me de que um dia te acharias longe de mim. Lembra-me comtudo de haver-te dito algumas vezes, que me farias desgraçada, mas estes receios desvanecião-se immediatamente, e comprazia-me em

fazer-te delles o sacrificio, e em abandonar-me ao encanto, e á má fé das tuas protestações.

Diviso mui bem qual seria o remedio efficaz para os meus males, e delles me veria cedo livre, se cessasse de amar-te; mais ai de mim! que remedio cruel!... Não, antes quero soffrêl-os, e muitos mais ainda, do que esquecer-te... Ai! depende isso de mim? — Não posso accusar-me de ter um só momento desejado não te amar. — Póde-se ter de ti mais dó que de mim; mais val padecer quanto padeço, do que gozar dos languidos prazeres que te|dão as tuas amigas de França.

Não invejo a tua indifferença, — fazes-me lastima!... Desafio-te a esquecer-me inteiramente... Lisongei-me de te haver reduzido ao estado de não teres sem mim gôsto que não seja imperfecto; — e sou mais feliz do que tu, porque tenho mais occupação.

Há pouco tempo nomeárão-me Por-

têira neste Convento : todas as pessoas que tratão commigo presumem que estou louca ; — não sei o que lhes respondo : é necessario que as Religiosas sejam tão insensatas como eu, para me julgarem capaz de algum emprego e cuidado. Oh ! quanto invejo a sorte do Manoel, e do Francisco ! — Porque não estou como elles sempre contigo ? — Teria partido em tua companhia, e te serviria seguramente de melhor vontade.

Nada appetço neste mundo senão ver-te : — ao menos lembra-te de mim ! — Contento-me com a tua lembrança ; mas não ousou mesmo averiguar a certeza della : em outro tempo, não punha eu esse termo ás minhas esperanças, quando te via todos os dias : — Mas ensinaste-me bem a necessidade da perfeita submissão a todas as tuas vontades. — Não me arrependo comtudo de haver-te adorado , — folgo mesmo que me seduzisses ; — a tua ausencia rigorosa, quiçá eterna, em nada diminue a vehe-

mencia da minha paixão : — Quero que todos o saibão ; não faço misterios della, e tenho a maior satisfação de tudo quanto fiz por amor de ti , contra todas as regras do decoro : não faço consistir a minha honra e devoção mais do que em amar-te perdidamente toda a minha vida, já que comecei a amar-te.

Não te digo todas estas cousas para obrigar-te a escrever-me : — Ah! não te faças violencia : — nada quero de ti que não seja espontaneo, e de teu proprio movimento : — rejeito todas as provas de amor que constrangido me déres.

Comprazer-me-hia em desculpar-te, pela razão que te comprazerias talvez em evitar o trabalho de escrever-me : tão profunda é a minha disposição para perdoar-te todas as tuas faltas! —

Um official francez teve a caridade de passar tres horas, ou mais, commigo, fallando-me de ti : disse-me que a paz da França estava feita. Se assim é , não poderias tu vir aqui ver-me, e levar-me

16 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

contigo para França?... Mas tanto não mereço... faze tudo o que te agradar... O meu amor já agora não depende do modo por que me tratares...

Desde a tua partida, não tenho tido um só momento de saúde, nem sinto allivio senão em repetir o teu nome mil vezes no dia. Algumas Religiosas, que sabem o estado deploravel a que me reduziste, fallão-me de ti frequentemente. Sáio o menos que me é possível da minha cella, aonde vieste tantas e tantas vezes, e ahi contemplo o teu retrato, que me é mais caro mil vezes do que a propria vida. Delle recebo algum contentamento, mas a este succede uma dolorosa tristeza, quando reflecto, que não tornarei talvez mais a ver-te. Por que fatalidade será possível que nunca mais te veja?... Acaso me abandonaste para sempre?... Estou desesperada A tua pobre Marianna não póde mais Desfallece acabando esta carta... Adeus, adeus... tem compaixão de mim.



CARTA TERCEIRA.



QUE será de mim!... e que que-
res tu que eu faça?... Vejo-me
bem longe de tudo o que tinha

imaginado! Esperava que me escreves-
ses de todos os lugares por onde passas-
ses; que as tuas cartas serião mui ex-
tensas; que alimentarias a minha paixão
com as esperanças de ainda ver-te; que
uma inteira confiança na tua fidelidade
me daria alguma especie de repouso; e
que ficaria assim em um estado assáz
supportavel, sem extrema dor. Tinha até
formado alguns leves projectos de fa-
zer os esforços, que me fossem possiveis,
para curar-me, no caso de saber com
certeza que me tinhas esquecido com-
pletamente. A tua ausencia, alguns to-
ques de devoção, o receio natural de
arruinar totalmente a pouca saúde que
me resta, por cansadas vigalias e tantas
inquietações, a escaça apparencia da
tua volta, a frieza da tua affeição, e dos
teus ultimos adeus, e a tua partida,
fundada em frivolos pretextos, e mil
outras razões mais que boas, e dema-
siado inuteis, parecião prometter-me
um auxilio assáz certo, se me viesse a

ser necessario. Não tendo emfim a combater senão commigo, mal podia desconfiar de todas as minhas fraquezas, nem apprehender tudo o que hoje soffro...

Oh triste de mim! Quanta compaixão mereço, visto não ser-mos ambos participantes das penas, mas eu só a desgraçada!.. Este pensamento mata-me, e morro de susto de que jamais tenhas sido extremamente sensível a todos os nossos prazeres. Agora sim conheço a má fé de todos os teus affectos... Enganavas-me todas as vezes que me dizias ter summo gosto de estar só commigo... A's minhas importunações devo sómente os teus disvélos e transportes... De sangue frio formaste a tenção de me abraçar, e consideraste a minha paixão como um troféo, sem que o teu coração jámais fosse commovido entranhavelmente... Não deves tu ser bem infeliz, e ter bem pouca delicadeza, para nunca haver sabido colhêr outro fructo dos meus en-

levamentos?... E como é possível que com tanto amor, eu não tenha podido fazer-te completamente venturoso?... Lamento, por amor de ti sómente, as deleitações infinitas que perdeste... por que fatalidade não quizeste disfructá-las?.. Ah! se as conhecesses, acharias sem duvida que são mais sensiveis de que a satisfação de me ter seduzido, e terias experimentado que somos mais felizes, e sentimos qualquer cousa de mais fino mimo em amar ardentemente, do que em ser amados.

Não sei nem o que sou, nem o que faço, nem o que desejo :... mil tormentos contrarios me despedação!... Quem poderá imaginar um estado mais deploravel?... Amo-te como uma perdida, e modero-me ainda assim contigo, até não ousar talvez desejar-te as mesmas tribulações, os mesmos transportes que me agitação.... Matar-me-hia, ou a não fazêl-o, morreria de dor, se estivesse certa, que nunca tinhas repouso, que a

tua vida era uma continuã desordem, e perturbação, que não cessavas de derramar lagrimas, e que tudo aborrecias... Eu não me sinto forças para os meus males, como poderia supportar a dor que me causarião os teus, mil vezes mais penetrantes?...

Comtudo não posso do mesmo modo resolver-me a desejar que não me tragas no pensamento, e para fallar-te sinceramente, sinto com furor ciúmes de tudo quanto possa causar-te alegria, commover o teu coração, e dar-te gôsto em França.

Ignoro por que motivo te escrevo Vejo que apenas terás dó de mim, e eu rejeito a tua compaixão, e nada quero della. Enfado-me contra mim mesma, quando faço reflectão sobre tudo o que te sacrifiquei... Perdi a minha reputação, expuz-me aos furores de meus pais e parentes, ás severas leis d'este Reino contra as Religiosas..., e á tua ingratiidã, que me parece a maior de todas as desgraças...

Ainda assim eu sinto que os meus remorsos não são verdadeiros, e que do intimo de meu coração quizera ter corrido muito maiores perigos por amor de ti, e provo um funesto prazer de ter arriscado por ti vida e honra. Tudo o que me é mais precioso não devia eu entregá-lo á tua disposição?... E não devo eu ter muita satisfação de o ter empregado como fiz?... Parece-me até não estar contente, nem das minhas magoas, nem do excesso de meu amor, ainda que, ai de mim! não possa, mal peccado, lisongearme de estar contente de ti... Vivo, e como desleal, faço tanto por conservar a vida, quanto perdê-la!... Morro de vergonha acaso a minha desesperação existe sómente nas minhas cartas?... Se eu te amasse com aquelle extremo, que milhares de vezes te disse, não teria eu já de longo tempo cessado de viver?... Enganei-te ... tens toda a razão de queixar-te de mim... Ah! porque te não queixas?... Vi-te partir; ne-

nhumas esperanças posso ter de mais ver-te;... e ainda respiro!..... É uma traição;... peço-te della o perdão; mas não m'o concedas;... trata-me rigorosamente; não julgues os meus sentimentos assáz vehementes;... sê mais difficil de contentar;... ordena-me nas tuas cartas, que morra de amor por ti... Oh! conjuro-te de me dar este auxilio, para poder vencer a fraqueza do meu sexo, e pôr termo ás minhas irresoluções, por um golpe de verdadeira desesperação.

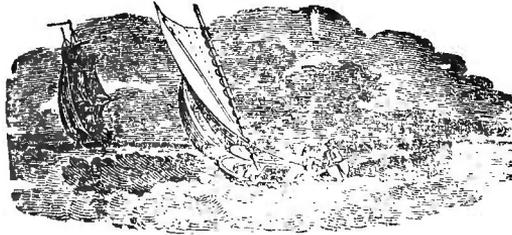
Um fim tragico obrigar-te-hia, sem duvida, a pensar muitas vezes em mim;... a minha memoria te seria cara....., e quiçá esta morte extraordinaria te causaria uma sensivel commoção. E a morte não é por ventura preferivel ao estado a que me abaixaste?... Adeus! muito quizéra nunca haver posto os olhos em ti. Ah! sinto vivamente a falsidade d'este sentimento, e conheço neste mesmo instante em que te escrevo, quanto prefiro e prézo mais ser infeliz

amando-te, do que não te haver jamais visto.

Cedo sem murmurar á minha malfadada sorte, já que tu não quizeste torná-la melhor. Adeus, promette-me de conservar uma terna, e maviosa saudade de mim, se eu fallecer de dor; e assim possa ao menos a violencia da minha paixão inspirar-te desgosto, e afastar-te de tudo! Esta consolação me será sufficiente, e se é força que te abandone para sempre, desejára muito não deixar-te a outra.

Dize, não seria nimia crueldade a tua, se te servisses da minha desesperação para pareceres mais amavel, mostrando que accendeste a maior paixão que houve no mundo? Adeus outra vez... Escrevo-te cartas excessivamente longas, o que é uma falta de consideração para ti: peço-te mil perdões, e atrevo-me a esperar que terás alguma indulgencia para com uma pobre insensata, que o não era, como tu bem

sabes, antes de amar-te, Adeus. Parece-me que demasiadas vezes me dilato em fallar do estado insupportavel em que estou : comtudo agradeço-te do intimo do meu coração a desesperação que me causas, e aborreço o socego em que vivi, antes de conhecer-te... Adeus, a minha paixão cresce a cada momento. Ah! quantas cousas tinha ainda para dizer-te!...





CARTA QUARTA.

Q teu tenente acaba de dizer-me,
que fòras obrigado a arribar, por
força de uma tormenta, no rei-

no do Algarve. Receio que soffresses muito sobre o mar, e esta apprehensão se apoderou de mim tão vivamente, que não cuidei mais nos meus males... Estás tu bem persuadido, que o teu tenente toma mais interesse do que eu, em tudo o que te acontece?... Por que razão teve elle esta informação antes de mim?... finalmente, porque não me escreveste?...

Sou bem desgraçada, se nenhuma occasião encontraste para o fazer depois da tua partida, e mais desgraçada ainda, se tendo occasião, me não escreveste!... A tua injustiça, e a tua ingratição são extremas; mas affligir-me-hia desesperadamente, se te careassem algum infortunio: pois antes quero que dellas não recebas o castigo, do que ver-me vingada. Resisto a todas as apparencias que deverião persuadir-me de que mui pouco amor me tens, e sinto maior propensão a abandonar-me cegamente á minha paixão, do que ás razões que me

offereces para queixar-me da tua falta de attenção e cuidado.

Quantas inquietações me terias poupado, se o teu procedimento fosse tão remisso e languido nos primeiros dias que te vi, como me parece agora, e desde algum tempo!... Mas quem não deixaria enganar-se como eu, por tantos disvélos, e a quem não parecerião elles sinceros?... Quanto custa resolver-nos a suspeitar longamente da boa fé daquelles que amâmos!...

Vejo muito bem que a menor desculpa te satisfaz, e antes que tu attendas a dar-m'as, o amor que tenho por ti, serve-te com tanta fidelidade, que não posso consentir em descobrir-te culpas, senão para gozar do sensível prazer de justificar-te eu mesma.

Consumiste-me com as tuas assiduas perseveranças;... inflamaste-me com os teus transportes;... encantaste-me com as tuas finezas;... asseguraste-me com os teus juramentos;... a minha in-

clinação violenta seduzio-me,... e as consequencias d'estes começos , tão agradaveis , e tão venturosos, não são mais do que lagrimas, gemidos, e uma funesta morte, sem que possa achar-lhe algum remedio!

Verdade é que , amando-te , gozei deleitações maravilhosas, mas custão-me hoje penas extraordinarias!... Todas as commoções que me causas são extremas... Se eu tivesse resistido ao teu amor , se te houvesse dado qualquer motivo de enfado e de ciúme, para mais inflamar-te,... se tivesses notado no meu proceder alguma reserva artificiosa, se eu emfim tivesse querido oppor a razão á inclinação natural, que para ti sentia, e da qual cedo me advertiste (posto que os meus esforços sem duvida terião sido inuteis), poderias castigar-me severamente, servindo-te de todo o teu poderio :... mas pareceste-me amavel, antes de me haveres dito que me amavas :... juraste sentir por mim a maior

paixão;... fiquei de gôsto absorta; e entreguei-me a amar-te perdidamente...

Tu não estavas como eu vendado, porque soffreste pois que eu caísse no estado em que me acho?... Que-querias tu fazer dos meus enlevamentos, que não podião deixar de ser-te mui importantes?... Tu bem sabias que não havias de ficar sempre em Portugal; e porque a bel prazer me escolheste aqui, para fazer-me tão desgraçada? Neste paiz terias sem duvida encontrado outra qual-quer mulher mais formosa, com a qual terias desfructado iguaes divertimentos, pois só os grosseiros procuravas, que te teria amado com fidelidade em quanto estivesses presente á sua vista, e que o tempo teria podido consolar facilmente da tua ausencia, e que tu terias podido abandonar sem perfidia e sem crueldade..... Semelhante procedimento é mais proprio de um tyranno affincado a perseguir, do que de um amante, que só deve pôr cuidado em agradar.

Ai-de mim! porque tratas com tanto rigor um coração todo teu? Vejo claramente que es tão facil em deixar-te persuadir contra mim, como eu o fui em deixar-me persuadir a favor de ti.

Eu teria resistido, sem o estimulo de todo o meu amor, e sem o mais leve pensamento de ter feito alguma façanha, a razões maiores do que as que pudé-
rão obrigar-te a deixar-me... Todas me terião parecido mui fracas, e nenhuma terião tido a força de arrancar-me de teu lado... mas tu quizeste aproveitar os pretextos, que pudeste achar para voltar a França... Um navio partia.... Deixál-o partir!... A tua familia te havia escrito... Ignoras tu as perseguições que eu soffri da minha?... A honra obrigava-te a me abandonar... Curei eu da minha?... Tinhas obrigação de ir servir o teu Rei... Se tudo que d'elle dizem é verdade, podia escusar os teus serviços, e saberia desculpar-te.

Teria sido nimiamente afortunada se

juntos tivéssemos passado a vida; mas já que era forçoso que uma ausencia cruel nos separasse, parece-me que devo sentir grande satisfação de não ter sido infiel; e não quizera, por quanto há no mundo, ter commetido uma acção tão feia... Como!... Conhecêste o fundo do meu coração, e o extremo da minha ternura, e pudeste resolver-te a deixar-me para todo sempre, e a expôr-me aos sustos que devem assaltar-me do teu esquecimento, ou ao receio de que te lembres sómente de mim para sacrificar-me a uma nova paixão!...

Bem vejo que te amo como uma louca : com tudo não me queixo de todos os impetos violentos do meu coração; habituo-me ás suas perseguições; e mal poderia viver sem um particular prazer que descubro e desfructo, amando-te entre mil dores e pezares...

Mas o que me mortifica sem cessar é o enojo e aversão, que tenho para tudo... A minha familia, os meus amigos, este

convento, são-me insupportaveis. Tudo que de obrigação devo ver, tudo que de necessidade devo fazer, me é odioso... Tão zelosa sou da minha paixão, que, a meu parecer, todas as minhas acções, todos os meus deveres te dizem respeito... Sim, faço algum escrupulo se não emprégo por ti todos os momentos da minha vida... Que faria, ai de mim! sem tamanho odio, e tamanho amor, quaes enchem o meu coração? Poderia eu sobreviver ao que me occupa continuamente, para levar uma vida tranquilla, e languida?... Não, semelhante vacuo, e tal insensibilidade, não me convêm.

Todos reparão na mudança completa do meu genio, do meu modo, e de toda a minha pessoa..... Minha mãe fallou-me nisto ao principio com desabrimiento, depois com alguma bondade..... Não sei o que lhe respondi;... parece-me que tudo lhe confessei..... As mais austeras Religiosas compadecem-se do esta-

do em que me vêem : mesmo é causa de mostrarem certa consideração, e melindre para commigo. Todos se commovem do meu insano amor,..... e tu só, tu permaneces em profunda indiferença!.... sem escrever-me senão cartas frias, cheias de cansadas repetições, que nem encham a metade do papel....., dando a conhecer grosseiramente que morrias da impaciencia de findál-as.

Dona Brites perseguio-me, há alguns dias, para fazer-me sair do meu aposento, e julgando divertir-me, levou-me á varanda d'onde se vê Mértola..... Segui-a, sim; mas ali fui assaltada immediatamente por uma cruel lembrança, que me fez derramar lagrimas todo o resto do dia. Reconduzio-me; e apenas chegada deitei-me sobre a cama, aonde fiz mil reflexões sobre a pouca apparencia que vejo de jámais sarar..... Tudo que fazem, para aliviar-me,exaspera a minha dor, e nos

mesmos remedios acho motivos particulares de affligir-me..... Naquelle lugar te vi passar muitas vezes com um garbo, e gentileza que me encantavão. Achava-me sobre esta varanda no dia fatal, em que comecei a sentir os primeiros effeitos da minha desditosa paixão. Pareceo-me que desejavas agradecer-me, ainda sem me conheceres; persuadi-me que me tinhas distinguido entre todas as minhas companheiras; imaginei, quando te demoravas, que tinhas gosto de que eu admirasse a destreza, e bizzarria com que arremessavas o teu cavallo; sorpredeo-me mesmo o susto que experimentei, quando o fizeste passar por um sitio escabroso; emfim interessava-me secretamente em todas as tuas acções : bem sentia que não me eras indifferente, e tomava para mim tudo o que fazias.

Tu conheces em demasia as consequencias d'estes começos; e ainda que não tenha a guardar respeitos, não

devo comtudo referir-t'as, receando de augmentar os teus crimes, e de arguir-me de tantas diligencias inuteis para obrigar-te a ser-me fiel..... Não o serás, ingrato!..... Como posso eu esperar das minhas cartas, e dos meus queixumes, o que o meu amor, e inteiro abandono não poderão vencer da tua ingratidão?

Estou mais que certa da minha infelicidade, o teu iniquo procedimento não me deixa a menor razão para duvidaar d'ella; tudo devo apprehender, pois me abandonaste!

Os teus attractivos terão por ventura só poder sobre mim? Deixarás tu de parecer bem a outros olhos?..... Creio que não desestimaria que os sentimentos dos outros justificassem de algum modo os meus, e quizera que todas as damas de França te reputassem amavel, que nenhuma te amasse, e que nenhuma te agradasse. Este projecto fantastico é ridiculo, e impossivel; não obstante saber assaz de propria

experiencia quão pouco és capaz de uma tenaz affeição, e que para esquecer-me não careces de auxilio algum, nem de ser constrangido por uma nova paixão. Talvez desejava conhecer-te algum pretexto com lume de razão : verdade é que eu seria mais desgraçada, mas tu menos culpavel.

Vejo, ainda mal, que te demorarás em França, sem grande contentamento, com plena liberdade. As fadigas de uma viagem longa, quaesquer pequeninas obrigações, e o pejo de não saber corresponder aos meus transportes, são as causas que te retêm. Ah! não me temas..... Contentar-me-hei com ver-te de tempos a tempos, e saber unicamente que vivemos no mesmo sitio, e respirâmos o mesmo ar.

Mas quiçá lisongeio-me, a severidade e rigores de outra mulher te commoverão mais do que te commovêrão os meus favores... Será possivel que máos tratos tenham a efficacia de incendar-te?

Reflecte porèm, antes de enlear-te em uma grande paixão, e attende o excesso das minhas dolorosas afflicções, a incerteza de todos meus projectos, a diversidade das agitações de minha alma, a extravagancia das minhas cartas, as minhas confianças, as minhas desesperações, os meus anhelantes desejos, os meus ciúmes... Ah! guarda-te da infelicidade que te espera.... Conjuuro-te de tirar proveito do estado em que eu caí, para que, ao menos, o que soffro por ti, não te seja inutil.

Haverá cinco ou seis mezes fizeste-me uma confidencia molesta, confessando-me com demasiada sinceridade, que tinhas amado uma dama no teu paiz..... Se é ella quem te impede de voltar aqui, dize-m'o sem disfarce, para que cesse de finar-me lentamente. Algum resto de esperança sustenta-me ainda; mas se este deve ser frustrado, estimaria mais perdê-la inteiramente, e perder-me com ella... Manda-me o seu retrato,

e algumas das suas cartas : escreve-me tudo o que ella te diz : talvez descobrirei motivos de consolar-me, ou de ainda mais affligir-me. Não posso aturar por mais tempo este trabalhoso estado em que permaneço : toda mudança me será favoravel... Quizéra tambem possuir o de teu irmão, e o de tua cunhada. Tudo que te pertence me é por extremo caro; e sou perfeitamente devota a tudo que te diz respeito. Nada reservei para mim, nenhuma disposição de mim mesma... Há momentos nos quaes me parece, que seria capaz de submeter-me até a servir aquella que amas... Tanto os teus máos tratos e desprezos me tem abatido, que não ousa ás vezes, nem se quer cogitar que poderia, a meu parecer, demandar-te ciúmes sem desagradar-te, e que creio obrar com a maior semrazão em dirigir-te reproches... Muitas vezes deixo-me convencer, que não devo manifestar-te com insano furor, como faço, sentimentos que tu desde-nhas.

Há muito tempo que um official espera por esta carta... Tinha resolvido escrevê-la de modo que podesses recebê-la sem disgosto, mas é demasiado extravagante..... é necessario terminá-la. Ai de mim! não me sinto forças para tomar esta resolução ; parece-me que te fallo quando te escrevo , e que me estás algum tanto mais presente... A primeira que te escrever não-será nem tão extensa, nem tão enfadonha; poderás abrí-la, et lê-la fiado na minha palavra. Verdade é que não devo fallar-te de uma paixão, que te é desagradavel, e della mais não te fallarei.

Daqui a poucos dias fará um anno que me abandonei toda a ti, sem alguma consideração, e comedimento! O teu amor parecia-me muito fervoroso, e jámais teria pensado, nem por sombras, que os meus favores te desgostassem, até obrigarem-te a fazer quinhentas legoas, e a expor-te a naufragios, só para te alongares de mim : de ninguem era de

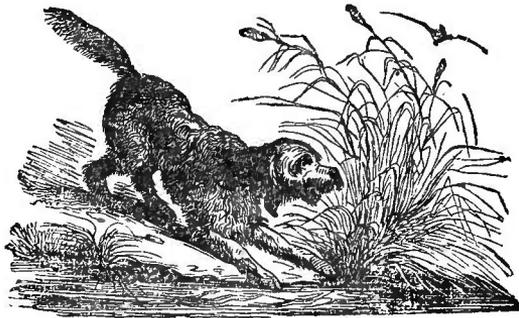
esperar semelhante tratamento !... Podes lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha desordem;... mas tu não te lembras de cousa alguma, que haja de obrigar-te , mal grado teu, a amar-me!

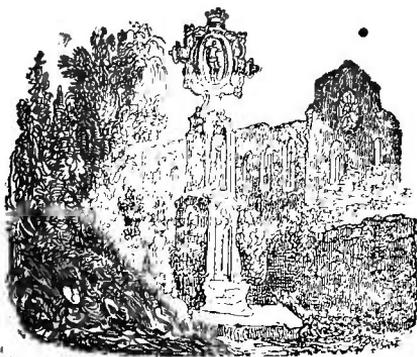
O official, que deve levar-te a minha carta, avisa-me pela quarta vez que quer partir. Que pressa tem !.... Abandona certamente alguma pobre desgraçada neste paiz.

Adeus, custa-me mais a acabar esta carta , do que te custou deixar-me, talvez para sempre. Adeus, não me atrevo a dar-te mil ternos nomes, nem abandonar-me livre de qualquer constrangimento a todos os meus affectos... Amo-te mil vezes mais que a propria vida, e mil vezes mais do que imagino. Quanto me es caro, e quanto es cruel para mim !.... Tu não me escribes !.... Não pude cohibir - me de repetir-te ainda isto.... Torno a principiar, e o official partirá... Que importa ?... Parta embo-

42 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

ra!... Eu escrevo mais para mim do que para ti... Al não procuro senão desabafar; assim tambem o comprimento da minha carta te ha-de metter medo;... não a lerás... Que fiz eu para ser tão desditosa?... E porque inficionaste com veneno a minha vida?... Ah! porque não nasci em outra terra?... Adeus, desculpa-me: não ousou rogar - te que me ames.... Vede a que termos me reduzio o meu destino!... Adeus!





CARTA QUINTA E ULTIMA.

QSTA é a ultima carta que te escrevo, e espero fazer-te conhecer pela differença dos termos

e do estilo della, que me persuadiste enfim que não me amavas, e por tanto que devo cessar de amar-te. Aproveitarei pois a primeira occasião para mandar-te o que me resta de ti... Não arreceies que te escreva, porque mesmo não porei o teu nome no sobrescrito. De todas particularidades encarreguei Dona Brites, a qual eu tinha acostumado a confidencias mui diversas desta : os seus cuidados me serão menos suspeitos que os meus. Ella ha-de usar de todas as cautélas precisas, a fim de poder assegurar-me que recebeste o retrato, e pulseiras que me déste. Quero porém que saibas que desde alguns dias me sinto em estado de poder rasgar e queimar os penhores do teu amor, que tão extremosamente queridos tinha; mas dei-te a conhecer tanta fraqueza, que jámais terias acreditado que eu chegasse a ser capaz de uma tal extremidade... Quero assim comprazer-me em toda a pena, que experimentei, separando-me delles

e causar-te ao menos qualquer agastamento.

Confesso com vergonha minha e tua, que me achei mais apegada do que quero dizê-lo, a estas ninharias, e que senti serem-me de novo necessarias todas as minhas reflexões, para desembaraçar-me de cada uma em particular, quando já me lisongeava de não ser-te mais afieçoada. Mas tudo se consegue, sendo ahí a vontade ajudada de tantas razões.

Entreguei-as a Dona Brites... Quantas lagrimas me custou esta resolução! Depois de mil agitações, mil incertezas, que tu não conheces, e de que não te darei conta seguramente, pedi-lhe com as maiores instancias de não me fallar mais nellas, de não restituir-m'as, ainda quando lh'as pedisse sómente para as ver uma derradeira vez, e de enviál-as finalmente, sem dar-me aviso.

Só conheci bem o exesso do meu amor, depois que quiz fazer todos os esforços qara curar-me delle, e creio

que não teria ousado attentál-o, se tivesse antevisto tamanhas difficuldades e tantas violencias. Estou persuadida que teria sentido perturbações menos desagradaveis , amando-te, ingrato como és, do que despedindo-me de ti para todo sempre. Experimentei que te queria menos do que a minha paixão , e tive extraordinario trabalho em combatê-la, depois que os teus injuriosos procedimentos me fizerão a tua pessoa odiosa.

A altivez , propria do meu sexo , não me ajudou a tomar estas resoluções contra ti. Ai de mim! Tenho soffrido os teus despezos , teria supportado o teu odio , e até o negro ciúme que me causasse a tua affeição para outra ; pois teria tido ao menos alguma paixão com que pelejar , mas a tua indifferença me é insupportavel !..... As impertinentes tuas protestações de amizade , e os ridiculos complimentos da tua ultima carta , me fizêrão ver que tinhas recebido todas as que te escrevi , que não movêrão

nó teu coração nenhuns affectos, e que todavia as leste!..... Ingrato!..... Tal é ainda a minha loucura, que me desespero por não poder lisongear-me que ellas não chegassem até ahi, ou que não te fossem entregues.

Detesto a tua lhaneza... Por ventura *tinha-te pedido de me participares singelamente a verdade?... Porque me não deixavas as illusões da minha paixão!... Bastava não me escrever : eu não procurava ser alumiada e desenganada. Não é grande desdita a minha, quando vejo que não pude obrigar-te sequer a usar de alguma precaução, para continuar a trazer-me em doce engano , e que assim não sei mais como desculpar-te!... Sabe pois que percebo emfim seres indigno de todos os meus sentimentos, e conheço todas as tuas ruíns qualidades.

Porèm se tudo quanto obrei por amor de ti, póde merecer que dês alguma, ainda que tenue , attenção ao favor que imploro, conjuro-te de não me escrever

mais, e de ajudar-me a perder inteiramente de ti a memoria. Se levemente mesmo me affirmasses ter sentido algum pezar, lendo esta carta, talvez te acreditaria, e talvez tambem a tua confissão e o teu consentimento me causarião despeito, e ira, e tudo isto poderia atear em mim de novo a chamma.

Não te embaraces pois com a minha conducta; derribarias todos os meus projectos, de qualquer modo que te quizeses ingerir nelles. Não quero saber o successo desta carta: não venhas perturbar aquelle estado para o qual me disponho. Parece-me que podes estar satisfeito dos males que já me causas, qualquer que fosse o teu primeiro intento de fazer-me desgraçada. Não me privas da minha incerteza; espero com tempo alcançar por meio della alguma tranquillidade. Prometteo de não aborrecer-te; desconfio demasiadamente de todo sentimento violento, para ousar intentá-lo.

Estou persuadida que acharia neste paiz um amante mais fiel;... mais ai! quem poderia dar-me amor? A paixão de outrem teria acaso virtude de occupar-me?... Que poder teve a minha sobre ti! Não fiz eu a experiencia, que um coração enternecido não esquece mais o que o fez descobrir transportes que não conhecia, e de que era capaz; que todos seus affectos e movimentos estão profundamente arraigados ao idolo, que erigio para a sua adoração;... que as suas primeiras feridas não podem ser nem cicatrizadas, nem extinctas; que todas as paixões, que lhe offerecem soccorro, e com todas suas forças tentão enchê-lo, e contentál-o, lhe promettem vãmente uma sensibilidade que não recupéra mais; que todos os prazeres que procura, sem desejo de os encontrar, não servem senão para convencêl o, que nada lhe é tão caro como a lembrança das suas penas?

Para que me fizeste conhecer a im-

perfeição, e desgosto de uma paixão, que não deve durar eternamente, e os infortunios que acompanham um amor violento, quando não é reciproco? E por que causa uma inclinação cega, e um cruel destino se aferrão de ordinario em decidir-nos por aquelles que nos desamão, e que serão sensiveis a outros amores?

Quando mesmo eu pudesse esperar qualquer distracção, e recreio de uma nova affeição, em encontrar um homem sincero ao qual me liasse, tenho tanto dó de mim, que faria muito escrupulo de pôr o mais infimo de todos no estado de miseria a que me reduziste; e ainda que eu nenhuma obrigação tenha de poupar-te, não poderia resolver-me a exercitar sobre ti uma vingança tão cruel, no caso mesmo que ella dependesse de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro actualmente de desculpar-te, e comprehendo perfeitamente que uma

Religiosa é em geral pouco amavel. Comtudo parece que, se os homens fossem susceptiveis de razaõ nas escolhas que fazem, deverião antes namorar-se dellas do que das outras mulheres. Nada as estorva de pensar constantemente na sua paixãõ ; nenhuma das mil cousas que no seculo servem de occupação , e divertimento, as distrahem. Parece-me que não deve ser muito agradavel ver as Damas que amão , sempre distrahidas por mil bagatélas, e que é preciso ter bem pouca delicadeza, para soffrer , sem uma desesperada impaciencia, que ellas fallem tão sómente de assembleas, atavios, e passeios... Elles estão expostos incessantemente a novos ciúmes, sendo ellas obrigadas a obsequiosas attenções, a complacencias, e conversações infinitas. Quem pôde assegurar-se de que em todas estas occasiões não sentem algum deleite, e de que supportão sempre todos os deveres de seu estado com extremo enojo, e nenhum

consentimento?... Ah! quanto devem ellas desconfiar de um amante, que lhes não pede contas bem exactas de tudo, que acredita facilmente, sem inquietação, quanto ellas lhe dizem, e que com muita confiança, e tranquillidade as vê sujeitas a todas estas obrigações!

Mas não pretendo provar-te com boas razões que devias amar-me : estes meios são pessimos, e outros muito melhores empreguei eu, que me não aproveitarão. Conheço demasiadamente qual é a força do meu destino, para diligenciar superál-o;... hei-de-ser infeliz toda a minha vida!... Não o era eu quando te via todos os dias? Morria de susto de que não me fosses fiel; queria ver-te a cada instante, o que não era possível; perturbava-me o perigo a que te arriscavas, entrando neste convento;... não vivia quando estavas no exercito; desesperava por não ter mais formosura, e ser mais digna de ti; murmurava contra a mediocridade da minha

condição; imaginava muitas vezes que o amor, que parecias ter por mim, poderia de algum modo prejudicar-te; julgava, a meu parecer, que não te amava sufficientemente; atemorizava-me a ira dos meus parentes contra ti; e estava emfim em um estado tão lastimoso como aquelle, em que presentemente me acho.

Se me tivesses dado algumas provas da tua paixão, depois que estás ausente de Portugal, teria feito todos os esforços para sair tambem d'elle, e disfarçada em outros trajos, ir encontrar-me contigo... Ai! que teria sido de mim se depois de chegar á França, tu ali de mim nenhum caso fizesses? Que desordem!... Que desatino!... Que cumulo de vergonha para a minha familia, que tão cara me é depois que não te amo!

Bem vês que, a sangue frio, conheço que era possivel chegar a ser ainda mais miseravel, e mais digna de commiseração do que o sou, e que ao me-

nos te fallo uma vez na vida, de bom
siso..... Quanto a minha moderação te
será grata! Quanto ficarás contente de
mim!..... Não quero sabê-lo :..... já te
pedi de não tornar a escrever-me, e de
novo te supplico com a maior instancia
o mesmo.

Acaso nunca fizeste alguma reflexão
sobre o modo por que me tens tratado?
Não te vem ao pensamento jamais as
muitas obrigações que me deves, com
preferencia a todas as pessoas do mun-
do? Amei-te como uma louca!..... Que
desprezo tinha para todas as cousas!....
O teu procedimento não é de um
homem honrado..... A não teres tido
aversão natural para mim, era forçoso
que me amasses descomedidamente.
Deixei-me encantar por qualidades mui-
to mediocres!..... Que obraste tu jámais
que houvesse de agradar-me?..... Que
sacrificios me fizeste?..... Não correste
apoz mil divertimentos?..... Desconti-
nuaste por ventura o jogo e a caça?.....

Não foste tu o primeiro a partir para o exercito?..... Não foste o derradeiro a de lá voltar?..... Expozeste ali loucamente a tua vida, a pezar de haver-te rogado tanto, de a poupar por amor de mim :..... não procuraste com diligencia os meios de estabelecer-te em Portugal, aonde eras estimado : uma carta de teu irmão decidio-te a partir, sem a menor hesitação ; e não sube eu que durante a viagem conservaste a mais alegre disposição ?

Forçoso é o confessar que tenho obrigação de aborrecer-te mortalmente. Ah! eu mesma careei todas as minhas desgraças..... Acostumei-te logo no principio a uma grande paixão com demasiada candidez; e é necessario artificio para ser amada; é necessario procurar com destreza os meios de inflamar : o amor por si só não chama amor.

Pretendias que eu te amasse, e como tinhas formado este designio, estavas resolute a empregar todos os expe-

dientes para conseguir o teu intento, até mesmo a amar-me devéras, se necessario fosse : mas cedo conheceste que podias sair bem da empreza, sem te deixar levar de amor por mim, e que esta paixão era escusada. Que perfidia!..... Cuidas tu que podeste impunemente enganar-me?..... Declaro-te que se por algum acontecimento fortuito voltares a este paiz, eu mesma te entregarei á vingança dos meus parentes.

Vivi muito tempo em um abandono, e em uma idolatria que me horrorisãm, e os meus remorsos perseguem-me com um rigor insupportavel. Sinto vivamente a vergonha dos crimes que me fizeste commetter, e falta-me, ai de mim! a paixão que me estorvava o conhecimento da enormidade delles... Quando deixará o meu coração de ser dilacerado?... Quando me verei eu livre d'este embaraço cruel?... Comtudo creio que não te desejo mal algum, e que

me resolveria a consentir que fosses feliz;... mas como poderás tu sê-lo já-mais, se tens um bom e bem formado coração?

Quero escrever-te outra carta para mostrar-te que poderei talvez estar mais tranquilla dentro d'algum tempo. Que gôsto será o meu de poder então lançar-te em rosto os teus iniquos procedimentos, depois que estes já me não causarem commoção, e de dar-te a conhecer, que te desprézo, que fallo com a maior indifferença da tua traição, que esqueci todos os meus prazeres, e todas as minhas penas, e que só me lembro de ti, quando muito quero lembrar-me!

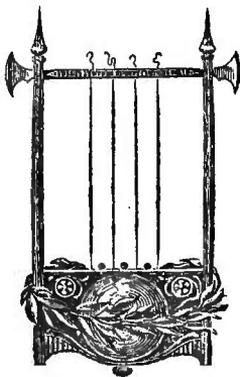
Convenho em que tens grandes vantagens sobre mim, e que me inspiraste uma paixão, que me fez perder todo o siso, mas pouco deves vangloriar-te disto.... Era joven, era credula, tinhão-me encerrado desdea infancia neste convento; aqui não tinha visto senão gente desagradavel; jamais tinha ouvido os

louvores que me davas continuamente; parecia-me que te devia os attractivos, e a belleza que dizias admirar em mim, e que me fazias conhecer; ouvia dizer muito bem de ti; todos me fallãõ em teu favor, tu fazias tudo para despertar o amor;... mas emfim quebrei este encanto;.... verdade é que me déste poderosos auxilios, e confesso que delles tinha extrema necessidade.

Ao remeter-te as cartas, que tinha tuas, guardarei cuidadosamente as duas ultimas, e as tornarei a ler ainda mais vezes do que li as primeiras, como preservativo de recaír nas minhas fraquezas. Ah! quanto estas me custãõ caro, e quanto teria sido feliz, se houvesse querido soffrer que eu te amassê sempre!.. Conheço mui bem que ainda com alguma demasia attendo á tua infidelidade, e ás minhas arguições queixosas; mas recorda-te que eu me tenho promettido um estado mais socegado, e que hei-de alcançá-lo, ou hei-de tomar contra mim

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 59
alguma resolução violenta, cujo exito
apprenderás sem muito desprazer :...
mas de ti nada mais quero... Sou uma
insensata em repetir-te as mesmas cou-
sas tantas vezes :.... é necessario deixar-
te, e desviar de ti para sempre o pensa-
mento : Creio mesmo que não tornarei
a escrever-te... Acaso tenho obrigação
de dar-te exacta conta de todos os di-
versos movimentos do meu coração ?

FIM DA PRIMEIRA PARTE.





CARTA PRIMEIRA.



foi possível que um minuto
de enfado concebesses contra
mim ? e que eu com afeição

CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA. 61
mais terna, com a affeição mais delicada te dêsse um único instante de pezar? De que remorsos, ai mísera de mim! não fôra eu atormentada, se quebrantado houvesse a fé que te hei jurado? Ah! que se excesso ha de que accusar-me eu deva, é o do muito que eu fiel te sou; é de que ainda esse enfado eu t'ô perdôo. E porque consentir eu remorso tal? E não tenho eu razão de me queixar? E não fizera eu aggravo a esse teu affecto, se consentisse sem ressentido murmurio, a força de me soltares o menor dito? E quando, oh Céos, argúio minha alma eu de continuo, de que ella não patentea assaz o ardor de seus impulsos; quando tu... todos os segredos de tua alma cauteloso fechas! Quando não dão em languidez meus olhos, accuso-os do mal que elles servem ao meu amor, e de que sonegão ardores de meu peito: quando elles sobejão de vivos, tambem os accusa a minha languidez: com as accções de mais claro grito, inda me pa-

rece que assaz me não declaro ; quando tu d'um nada compões segredo. Oh quanto esse teu proceder magoôu minha alma ! E quanto dó , se me visses , te eu causára ! E quanto , se então , me podesses ver os pensamentos ! Mas d'onde me vem o curioso empenho de decifrar o que volve em teu coração ? E lá deparar talvez com tibiezas , e (quem sabe) com deslealdades ? De honrado m'as encobres ; e d'esse encobrir , obrigações te devo : que me esquivas o pezar de te ver indifferente commigo ; e condoído da minha fraqueza me dissimulas o que de mim sentes. Ai de mim ! Que a conhecer-te eu , de primeiro , tal , bem póde ser , que pelo teu se moldasse este meu peito. E ora tu , então has resolvido amar-me tibio , dês que viste que em furias de amor me abraço. Não que da compleixão te venha o poderes refrear-te assim ; que bem reparei eu hontem quanto de assomado teus : bem que assomos taes não t'os cause a co-

lera, mas tão sómente o ultrage. Ingrato! Quaes tens de Amor queixumes, que tão má parte n'elle tomas? Porque não emprégas esses impetos, em correspondencia d'estes meus? Quem impede accelerarem-se os passos com que adiantemos a nossa felicidade? E quem, ao ver quão appressado te retiras do meu quarto, imaginaria o quão lento buscá-lo vens, quando Amor de lá te está chamando? Cabe que leis te imponha um coração que todo se entregou? Vai-te, que em castigá-lo bem fizeste: que eu de vergonha morreria, se de algum movimento meu me dêsse por Senhora. E quão bem que sabes o como se castiga essa especie de revolta! Lembras-te acaso do apparente remanso com que me offereceste hontem de me ajudar a mais te não ver? E tiveste animo de tal me offerecer, e pensamento de que eu tal acceitasse? Tanto tem de melindre o meu amor, que mais doloroso me seria o delicto em mim, que em ti, se o com-

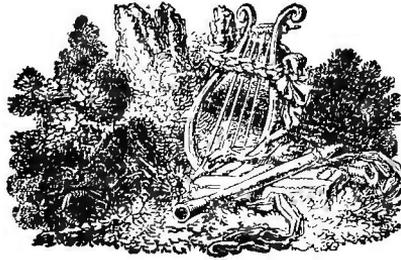
mettesses ; que mais ciosa sou d'esta affeição minha , que da propria tua ; e mais te perdoára uma infidelidade , que o suspeitar essa em mim. Sim ; que mais folgo de me ver leal contigo , que comigo tu leal. Tão preciosa é a ternura com que te amo , e a estima em que te prézo , e tanta gloria concebo d'ella , que não avalio maior delicto , que o d'ella duvidares. Duvidares tu , quando tudo , no meu coração , no teu , se affinca a persuadir-t'o ? Não ha hi um unico descuido teu , que te não ponha aos olhos que sóbe a adoração o meu affecto. Tanto me tem o Amor instruida em me aproveitar de todo o lance ; pois a reserva mesmo de acariciar-te tem de te convencer do excessos d'esta paixão minha. (*) Comprazimento é este meu , em que não sei se has reparado. Quantas vezes não hei reprimido , quando entras , os impulsos da minha alegria , só

(*) Espirito refinado de alcool a 60 grãos da quintaessencia das finuras da affeição.

pôrque nós teus olhos attentei que me pedias mais moderação ! Aggravo me fizeras, se , n'essas occasiões, não reparas- ses no quanto me eu constringia. Sacri- ficios que te eu fazia ; e que me erão os mais custosos que nunca te fiz. Nem t'os lanço por taes em rosto. Que me val ser eu, ou não perfeitamente ditosa, com tanto que o que falta á minha dita, augmente a tua? Víra-te eu mais empenhado a meu respeito, e oh quanto jubilára então no conceito de ser a mais amada ! mas tu não jubilarias de o seres tanto. Fôra esse o caso de imaginares, que algo ao teu amor devias : e eu me daria os gabos de que á minha inclinação devesses tudo. Não abuses todavia d'essa minha amorosa bizarria, cerceando d'esse apoucado empenho, que inda demonstras para commigo. Sê também generoso como eu, e vem-me protestar, que dá mór vulto á tua affeição o desinteresse d'esta minha, e que em arriscando de commetter tudo ao azar,

66 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA;
nada eu arrisco; e que tão fiel, e tão
terno me serás sempre, quão fiel, e
ternamente eu tua sou.





CARTA SEGUNDA.

Gomo é feia (não te minto) a Senho-
ra, que hontem á noite dansou! E o
Conde da Cunha andou mui mal

em dála por formosa. E ficares tu horas' esquecidas ao pé d'ella! Pareceo-me pelo ar, que no semblante dava, que não despontava de discreta, no que ella te dizia: mas nada menos boa parte do tempo que durou a visita, com ella conversaste; e quão duro me foi ouvir-te que te não desagradaava a sua conversação! E que fallas de encanto tal te ha ella dito? Nóvas fôrão de alguma Dama de França, amores teus? ou começava ella já a dar-te amores! Que conversação tão aturada só Amor sabe entretêl-a. Esses teus Francezes, d'ha pouco vindos, não me parecerão bem agradaveis; todo o serão causarão meu martyrio, c'os mais galantes ditos que imaginar soubêrão; ditos affectados, que me não podião divertir; delles só me procedeo, a noite toda, desatinada enchaquêca, de que não déras tino se de mim o não soubêras.

Não duvido, que andão os teus servos empregados em saber novas de como

essa Franceza affortunada se acha hõje do cansaço de hontem; que tanto a fizeste dansar, que bem se pôde inculcar doente. Que attractivos encontre nella? Que ternura lhe supposéste? Que lealdade mais firme que a de outrem? Ou que inclinação mais prompta a querer-te maior bem, do que eu te dei a demonstrar?

Cousa impossivel! Tu muito o sabes, que só de te vêr passar, se me ausentou todo o socêgo da minha vida; e sem que me atalhasse o pundonor do sexo, nem o da nobreza, fui eu a primeira que diligencieei os acasos de tornar a vêr-te. Se ella mais fêz do que eu, direi que ella se acha esta manhã á cabeceira do teu leito, e que lá deparará com ella Durino, meu criado. Para felicidade tua, o desejo assim. Que me empenho eu tanto em tudo o que te pôde aprazer, que cortarei, em quanto eu viva, pela minha dita, por augmentar a tua. E se para contentar essa beldade a regalias

com a leitura d'esta minha carta, dá-lh'a sem scrúpulo a ler. Nem, para o adiantamento de tuas pretensões julgo eu inutil essa leitura; que appellido tenho eu bem conhecido n'este reino, e assaz me adulárão de formosa; mas já de o ser me despervadiado o teu desprezo. Para essa nova conquista bem podes por exemplo dar-me, e dizer-lhe que estremecida te amo. Convirei gostosa, que antes quero contribuir para a minha perdição, que pôr em negativa tão qualificado affeito.

Sim; que te amo eu mil vezes mais do que a mim propria, n'este mesmo lance de ciúmes, em que te escrevo. Confesso que o modo, com que hontem procedeste, me arrojou centelhas de raiva no coração; e (por que nada occulte) ^{te}desleal te creio. Aborreço a marquezia de F.... que deo azo a que visses essa dama pouco ha chegada. Quizéra eu que nunca viéra ao mundo a marquezia de F.... pois que no dia de

seu cazamento é que tu me' entranhaste na alma a dôr que sinto. Aborrêço o que inventou baile. Aborrêço-me a mim propria; e sobre tudo aborrêço ainda essa Franceza mil vêzes mais. Entre tantos aborrecimentos nenhum pôrêm teve a audacia de se chegar a ti; que ainda infiel, te considéro amavel. A todas as luzes que te eu veja, e até ainda aos pés dessa cruel rival, que toda a minha felicidade perturba, encontro em ti incentivos tács, que em nenhum outro homem se deparão. Quão louca eu sou! Muito me enojára que os não vissem em ti os mais, quaés eu os vejo. E dado que a essa opinião eu persuadida esteja, que jaz pendente a perda para mim, da affeição tua, antes despenhar-me consinto nesse desesperado pégo, que cercear-te um só dos gabos que mereces. Como porêm concorda amor contrarios tács! D'essa opinião vem que maior ciúme não cabe que haja, do que o meu ciúme á cêrca de

quanto te diz respeito; e iria eu não menos ao cabo do mundo grangear-te admiradores. Aborrêço essa Franceza, com tão entranhavel odio, que não ha hi crueza que em destruição sua não executára. Desejára-lhe eu a dita de que a amasses, se em mim coubésse, que com esse amor tu mais ditoso fôras.

Sim : que o teu contentamento o preço eu em muito; e por te vêr contente, me déra eu por bem venturosa, se todo o prazer da minha vida o sacrificasse a um instante de teu gôsto. Oh! como, sem hesitar eu o faria! Porque não és tu como eu? Se quanto eu te amo, me amáras tu, que ventura para nós ambos! A tua dita a minha fôra, e mais completa ainda fôra a tua. Ninguem em todo o mundo concebeo em seu peito amor tão avultado; porque ninguem concebeo tanto, o muito que tu mereces : e de compassivá morreria eu, se capaz te imaginasse de firmar o teu amor em outra dama. Habitado á ma-

neira com que eu amo, não acertarias com quem tão ditoso te fizesse, como o és commigo. Por mim julgo as outras damas, e sinto dentro de mim, que só eu para ti nasci. Que fòra do melindre de teu ânimo, se não deparasse c'um coração tão delicado! Esses ólhos tão eloquentes, e tão bem comprehendidos, quaés, a não ser os meus, saberião responder-lhes? Dá-o por impossivel! Amar? só nós ambos o sabêmos: e de mágoa morreríamos um e outro, se diferente empenho sorteassem nossas almas.





CARTA TERCEIRA.

QUANDO é que terá fim essa tua ausencia? E passar-se-ha inda hõje o dia sem que a Lisboa vóltes?

Tão esquecido estás de que hajá dous dias que partiste? Imagino que pozeste na vontade achar-me já defunta quando vólvas! e que menos por acompanhar ElRei na visita, que elle fez ás náos, deixaste a Côrte, que por te descartar d'uma importuna amante. Com effeito, essa eu sou (dêmo-lo por assentado) em summo gráo : que uma ausência de 24 horas me chega aos umbráes da mórte, e o que para qualquer sobeja felicidade fòra, não o é para mim sempre. Tempos ha em que te não contemplo assaz rico de venturas; outros em que te considero tanto dellas abastado, que de outras, e não de mim te vem essa riqueza. Até me dão tristeza os meus transportes, quando percebo que não reparas nelles como eu quizéra. Assustão-me essas tuas distracções. Quizéra-te eu recolhido em ti mesmo, quando eu sei tudo o que dentro de ti se passa : e desespéro-me quando por descuido teu, não saí ao ímpeto de meus arròjos.

Confesso meu desatino; mas que pru-

dencia cabe em quem tanto amor como eu encerra? Razão seria que mais quietação em mim houvesse, neste mesmo prazo em que te escrevo, quando sei que a dous passos estás de mim; que o teu dever é que lá te demòra; e que eu podéra ir vêr-te, a não m'ò impedir a molestia de meu irmão, que lógo que partiste adoeceo. Quando sei que onde resides, não residem damas... Agudo espinho arrancado de meu seio! Mas quantos não 'pungem ainda a misera amante, que tanto amor como eu concebe! Essas náos, essas guerreiras armas, e petrechos tem de te desavesar dos pacíficos prazêres do amor: e quem sabe, se nesta hora mesma, não estás tu delineando o instante do nosso apartamento, infallivel infortunio! e excogitas meio de preparar o teu coração para esse transe! Ah! que me não fòra mais funesto o vêr-te em companhia das mais raras formosuras da Europa, que essa artilheria, no caso que tal effeito em ti produza.

Não que eu combater queira com o que a ti déves, pois que mais que a mim propria, estimo o teu pundonor, bem inteirada de que não viéste á luz para passar teus dias junto de mim. Mas meu gôsto fôra, que te horrorizasse esse necessario dever, no mesmo ange que a mim me horroriza; que nesse pensamento estremcesses, e que quanto mais é inevitavel esse apartamento, tanto mais imaginasses, que, sem morrer, te fôra impossivel supportá-lo. Nem me crimines de que amo vér-te a braços com a desesperação; que não tens tu de verter uma só lagrima, que eu não anceie de enxugá-la; e hei-de sempre a primeira ser, em te pedir que briosamente supportes o transe que, por sobeja dôr, me arrancará a vida. Que não houvêra ahi para mim consolação, se eu crêra, que vim ao mundo, para que fosse tua desconsolação a minha ausencia. Qual é pois o meu desejo? Não o sei. Desejo toda a minha vida amar-te, e até adorar-te. Desejo, a ser possivel, que me ames tu, como eu

te amo. Desejos tães só loucas como eu os pódem ter. Não te enóje de mim o vêr-me em talloucura: que a não ser por ti, por nenhum outro em mim coubéra. Loucura, que eu nunca trocar quizéa pela mais sólida prudencia, se para a ter, relevasse amar-te eu menos. Tens mil prendas no teu juizo, e outras tantas me dizias ter descoberto em mim; prendas a que eu nada menos renunciára, se da nossa loucura aos progressos empecessem. Nas acções de nossa alma, só o amor déve dominio ter: tudo se lhe déve, em tudo se déve contentá-lo, queixe-se a razão, ou não se queixe. Foi tal teu parecer, desde que não me viste? Receio que óra haja recobrado toda a liberdade do juizo. E está elle inda nessa posse, quando pensas n'uma guerra que te déve separar de mim? Não cabe em ti traição tão feia. Céрто: cada soldado que vês, te arranca um suspiro, e já saboreio o gôsto de que te ouvirei, quando voltares, que tem dias de vago o teu juizo, que toda a jornada te vagueou. Segura

estou eu que ninguem te boquejou em mim ; em mim que não tenho esse defeito de sobeija razão ; antes desarrazôo em módo tal , que se espantão quantos me escutão. Se não fôra a molestia de meu irmão , que pretexta os meus devaneios , todos os de casa assentarião que sou louca rematada. Pouco falha que o eu não seja ; e pelo desconcêrto desta carta podes tirar o desmancho do meo juizo ; e della tirarás os motivos de arguïr-me.

Os estragos , que em meu sêmlante fêz a tua ausencia , dá-los-hás por mais jucundos que a frescura da mais linda têz ; e por horrivel me tivêra eu , se tres dias privada de te vêr , affeiada me não tivessem. Que será de mim quando passarem seis mêzes , sem que eu te veja ? Não me verão mudança no rosto , porque ao separar-me de ti caïrei mórtá. Ouço ruïdo pela rua ; bate-me o coração. Serias tu , que chêgues ! De dessasocêgo , e impaciencia acabo. Não sou em mim. Ai

80 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

miserá! Não te poderei vêr que de alvroço me não sinto. E se não és tu a quem espéro, tal turvação e tão revoltosos movimentos me tirarão o lume da alma.





CARTA QUARTA.



ENHO eu de vêr sempre em ti
friezas, e perguiça? sem que
cousa alguma turve o teu re-

II.

8

manso? Só poderá dar-lhe abalo, lançar-me eu em braços d'um rival, e que o vejas tu? Menos essa inconstancia, que nunca m'a consentirá o meu affecto. todas as mais te dei a perceber. Acceitei a mão do duque de A... no passeio; de propósito me sentei á ceia ao lado delle; olhei-o com ternura, cada vez que vi, poderias fazer reparo; disse-lhe mil ninharias ao ouvido por que as tomasses por cousas importantes; e não consegui que se te alterasse o semblante. Ingrato! deshumano! que tão pouco amas, a quem tanto te quér. Desvélos, favores, fidelidade minha não te merecem um rasgo de ciúme? Tão pouco apreço faz de mim aquelle, que mais precioso me é que o meu socêgo, que o meu pundonor, que víra sem estremecer deixál-o eu por outrem? E para que eu tremo, uma sombra me sobeja. Só de pôres em qualquer dama os ólhos me toma o frio da mórte; uma acção tua de méra civilidade, me custa um dia de

desespêro. E tu vês com socegados ólhos, que diante da tua presença fallo com outro todo um serão. Ah! que nunca me tiveste amor! Sei, e muito o como se quér bem; assim não creio que amor sejam affeitos tão contrarios aos meus. Que não fizera eu para te castigar d'essa frieza? Instantes ha, que assomada, e despeitosa posera em outrem o amor que em ti emprego. Mas como? se no calor mesmo d'esse despeito, nada avisto que amavel seja como tu és! Inda hontem, quando as tuas tibiezas te despojavão de attractivos, fitos estes ólhos meus em cada acção tua, só para admirál-as tinham vista. Os proprios teus desdems ressumbravão grandeza, e debuxavão fidalguia de génio; e de ti é que eu fallava ao ouvido do duque: tão pouco está em mim aproveitar-me dos lances de offender-te! Tinha sim muito a peito picar te de inaneira, que me desses azo a dizer-te alguma aspereza ás claras. — Eu dizer-t'a? quando do so-

bejo amor é que a cólera me nasce? E que no mais subido das raivas, que me dava o teu socêgo, deparavá com razões de o defender, se tão dasasizado não fôra o meu affecto? Tanto mais que tinha meu irmão em nós os ólhos, e mal de mim se ellè rastreasse em ti a menor intenção de me querer fallar. O que todavia te não atalhava de teres ciúmes; que, sem qué outrem o percebesse, eu colheria do teu mover de ólhos; que houvêra eu bem visto nelles cousas, que os mais da sociedade não devisassem como eu. Mas ai! que nada vi do que eu nelles espreitava. Vi amor; mas em caso igual, morar nelles amor! Queria vêr nelles despeito, raiva; que em tudo me contradissem, que me achassem feia; que namorassem outra dama; e por ultimo que faiscassem de ciósos, pois que eu taes apparencias desleaes mostrava. E tu em trôco d'esses assomos naturaes de verdadeiro amor, me pagavas com mil louvores meus; me aper-

taste a mesma mão, que eu tinha ao duque dado, mão de que devêras ter horror. Quasi que vi o instante, que me dêras parabens, que se inclinasse a mim o mais honrado fidalgo da nossa Còrte. Insensivel! assim é que se ama? assim é que eu te amo? Ah! que se antes de te amar, como eu te amo, houvera des-cortinado em ti igual tibieza... E quando a houvera eu visto, como agóra a vejo, e maior ainda que ella fôra, poderia eu resistir á força que me dobrava a te amar? Violento affecto, de que não pude ser senhora! E se eu derramo os ólhos da imaginação pelos prazêres, que dessa minha affeição me proviêrão, não posso arrepender-me de que no peito lhe dei pousada. Que não fizera eu quando contente de ti, se transportada de amor, agóra mesmo que mais motivos tenho de queixar-me... Mas tu me conheces bem; satisfeita me viste, e viste descontente; agradecida, e queixosa e sempre entre iras, ou agra-

decimentos extremosa amante. E não te dá emulação character que é tão de appetecer nas damas?

Insensivel (mais que muito amado), ama-me quanto és amado: quesó no amor consiste o prazer perfeito; da extrema affeição nasce o prazer extremo: e mais mal faz a tibieza aos que a possuem, que aos que ella amargura. Ah! que se bem sentiste o que vale um amoroso arrobo, quanto tens de invejar os que elle adita! Para o amor mesmo que tu me tens, rejeitára eu esse teu socêgo de ânimo. Ponho alto preço aos meus transportes, como quem os contempla pelo melhor bem que eu possuo: e antes quizera nunca mais vêr-te, que vêr-te sem esse enlêvo meu.





CARTA QUINTA.

Do estylo da tua considéro que quizeste tentar a minha docilidade : que não é crível te viesse

ao pensamento que eu outrem ame. Paciencia. E dado que esse conceito, em que me tens, seja mortal aggravo do melindre com que te amo, já muita vêz de ti me veio, a mim, que te amo mais do que ninguem amou. Dares por rematada a minha deslealdade! dizer-me injúrias! Querer-me persuadir que tornarei a vêr-te! Tal não cabe no soffrimento meu. Fui ciósa: mas onde ha grande amor lavra o ciúme. Ciósa sim, mas sem bruteza, que entre os vislumbres dos zêlos, e os assômos do despeito, distingi sempre que eras tu o suspeitado. Mas que falhas não encontro no teu módo de amar; e quão mal o entendes! Como vem claro o pouco amor que te jaz no peito; e o que, quando o não estudas, te escapa do coração, tão pouco digno é do amor! E como assim! esse teu coração, que eu, á custa do meu, comprei, e de que me fiz benemérta por tantos extremos e finezas, e de que me déste palavra, e fé de ser eu delle a única possuidora; esse coração é capaz de me offender as-

sim! E são injúrias os seus primeiros movimentos? E quando lhe dás largas, se desmanda em ultrajes.

Para te castigar, ingrato, das suspeitas que concebeste, essas te deixo; e o teu tormento fôra duvidar do que te devêra ser suave, se me crêras leal e terna. Facil me fôra desmagnar-te; quando mórmente, para socêgo proprio, me é vedada a liberdade de offender-te. Mas quéro deixar-te nesse engano para vingança minha; e se crédito dás ao meu ânimo dissaboreado, dá por justas as tuas conjecturas todas, e dá-me a mim pela mais infiel de todas as mulhéres. Esse homem todavia de quem zêlos concebeste, nem visto o tenho eu; nem ha hi próva, a que eu desassombrada me não sujeite, se eu quizesse delle, e dessa carta, que dizem minha, dar-te plena satisfação. Dál-a! E porque? Por invectivas? Para dahi me concluirés tão aviltada como me tu designas, e entenderes que pelos teus ameaços me justifico? — Não me verás jamais (me escrêves); vás-te de Lisboa,

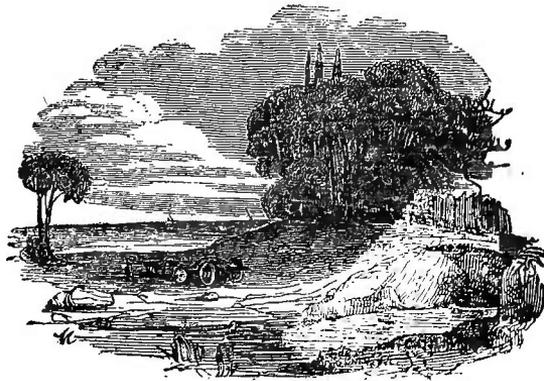
por te salvar do infortunio de encontrar-me? Apunhalarias o teu mais íntimo amigo, se tão traidor te fosse, que á minha casa te trouxesse? — E que te fêz, cruél, a minha vista, que te é tão insupportavel? Ella que sempre só prazer te annunciava? Estes ólhos em que nunca devisaste senão amor, e ancia de t'o demonstrar? Para os não vêr, te ausentas de Lisboa? Ah! não te ausentes, que eu te pouparei o desvélo de evitar a minha vista. A mim, que não a ti compete essa ausencia. Sim: que te não custou a minha mais que a faculdade de me deixar amar, quando a tua me custa todo o socêgo e toda a minha ufanía. Tambem confesso, que bem vêzes foi todo o meu contentamento; que ainda hoje me debuxo na alma o íntimo abalo que então sentia, quando imaginava teus passos distinguir pelos passeios, e o suavissimo desleixo que se appossava de meus sentidos, quando meus ólhos se encontravão com os teus; e o como o coração se me enlevava, quando carea-

vamos furtada conversação. Nem eu sei como pude viver antes de vêr-te, nem como poderei viver quando não mais te veja. Tu já sentiste o que eu senti, pois que amado foste, e dizias que me amavas : e como podes propôr-me não mais olhar-me ? Serás satisfeito. Não mais tornarei a vêr-te ; mas cá me fica o prazer extremo de te lançar em rosto a tua ingratidão ; e mais completa fôra a minha vingança , se os meus ólhos , e as minhas acções todas a minha innocencia te abonassem. Innocencia perfeita e pura a minha , e facil de destruir a mentira que a crêr te dêrão. Bastára um quarto de hóra para convencer-te dessa injustiça , e morrêres de amargura de a haveres commettido. Pensamento foi este , que já dous ou tres abalos me deo de me arremessar a tua casa ; nem eu aposto , que antes de findar o dia lá me não léve ; tão violento é o meu despeito , que me affôga a razão. Estudei-te com tudo eu tanto o génio , que receio , que te degrade esse rompante ; a ti em quem

contemplei sempre comedimento em tudo, e que sempre olhaste mais pela minha reputação que eu propria. Chegaste alguma vêz a ponto de resguardo, que me queixei de ti. E que disséras então, se me vîras romper o segredo do nosso amor e dar escândalo aos honrados? Desprezar-me-hias, e se eu tal desprezo de mim te vîra, allî morrerá. Venhao que o fado dér; para mim a tua estima é tudo. Queixa-te de mim, diz-me injúrias, faze-me traições, que o pôdes; mas desprezos nunca. Desde que este amor não consiga, que te dês, com elle, por ditoso, sem elle viver pôsso, mas sem a tua estima não: razão essa pela qual tão impaciente estou de vêr-te; não creias porém que é por affecto; que louca eu fôra se quizesse bem a quem assim me trata. É cólera, mas quem a causa, é. . . amor. Que não te assomarias tu a pontos táes, se excesso de amor não militasse em ti. Que me podéra persuadir de tal? Ser-me-hião gratos es-

ses mesmos ultrajes teus. Lisonjear-me não quero todavia d'esse agradavel engano. És culpado, e quando não o fòras, quero assim crê-lo, para te punir de m'ò deixar imaginar. Não vou hoje a casa alguma em que vêr-me possas. A marquezia de C... está doente, e lá passarei a tarde; e tu não tens lá conhecimento. Em fim quero estar enfadada; e esta será a última carta que de mim tenhas.





CARTA SEXTA.



sou eu quem te escreve? e és
tu o mesmo que outr'ora
fôste? Que prodigio fêz, que

me assinalaste amor, e que esse amor me não deo contentamento? Vi em ti ancia, e insoffrido despeito; li em teus ólhos aquelles desejos, a que eu acudi com sensibilidade; e tão ardentes, como quando fôrão já toda a minha dita: e nada menos, tão leal e térna como sempre te fui, fiquei tibia e desleixada. Se foi illusão que aos meus sentidos fizeste, e que não calou no coração? Como me custão caro, os ditos agros que de mim te careaste! E quantos enlevos me rouba um dia de descuido teu! Não sei que interior spírito ruim me inflúe de contínuo, de que ás minhas iras dêvo esses teus rasgos de ternura; e que entra em teus affeitos, mais política do que sinceridade. Não te minto: donativo do amor é o melindre em obras e pensamentos namorados; mas não donativo tão precioso como o quérem persuadir. Confesso que o melindre asaborêa os prazêres dos amantes, mas também espinha cruamente as mágoas.

Cuido sempre que te vejo nessa distracção, que tantas lágrimas me custou; considera-o bem : os teus assômos são toda a minha infelicidade ; mas seriam todo o meu ódio , se os eu devesse a outro motivo , que não fosse o movimento natural do teu coração. Receio-me de acções que vem estudadas, mais ainda que da tibieza da minha compleição : para almas grosseiras o exterior é laço; mas não o é para quem no ânimo fineza tem. Quêres saber quâes, nesse ponto, meus séstros são? O excésso de hontem, nesses assômos teus, levantou a fébre das suspeitas; e porque parecia fóra de ti, atravessei pelas apparencias para te pesquisar no âmago. Que seria de mim, oh Céos! se lá me convencesse de que eras dissimulado! Anteponho a tua affeição á minha reputação, e ainda á minha vida; com mais mansidão porém soffrêra a certeza de teu ódio para commigo, que apparencias falsas nesse teu amor. Não me atenho á

fachada do edificio; entro nos câmarins da alma : friezas, descuidos, levezas mesmas te perdoára; dissimulações nunca. Contra amor não ha crime mais indesculpavel que a traição; de melhor vontade se perdoaria uma infidelidade, que o desvélo em disfarçar-m'a. Que grandes consas me não disseste no serão d'hontem? quizéra pôr-te a um espelho, para que te visses, como eu te via. Quanto discreparias do teu módo usual! Davas ares mais senhoris que os de teu uso : brilhava-te a afeição nos olhos, e os realçava de ternura, e de penetração; vinha-te o coração aos lábios. Que feliz que eu sou (dizia commigo) se elle allí não vem de falso! Porque em fim mais que muito sinto o que vales, e me faltão posses para o sentir menos. O prazer de te aniar com toda a minha alma, é dom, que de ti me veio; mas dom, que não tens tu fôrças bastantes para m'o tirar : que bem me capacito, que tenho, ainda a pezar meu,

de sempre amar-te; e seguridade, de que ainda a pezar teu, te hei-de querer bem. Perigosa seguridade! Que tens tu coração tal, que se não deixa prender por mêdos; e pouco firme fôra essa conquista, se eu por meio tal a quizesse conservar. Animo honrado, e gratidão muito montão em amizade; mas em amor não tanto. Sem consultar a razão, se vai apóz a vontade, e o affecto. Lá vos léva a alma, e a despeito vosso, á vista de quem amâmos; e tanto me acontece a respeito de ti.

Não, por continuação de vêr-te, nem por susto de agastar-te quando te não vejo, busco meio de que venhas vêr-me, mas sim por sófrega curiosidade, que sem artificio, nem reflexão me sóbe do peito. Busco-te em lugares mesmo, onde sei que não tenho de encontrar-te. Se tanto te acontece por mim, mui certa estou, que o tino de corações fará, que em toda a parte nos encontrêmos. A maior parte do dia de hôje tenho de a

passar em sítio , em que me não aches.
Entreguêmo-nos ao nosso affecto , dê-
mos a guia de nossas vontades, e verás
que passaremos gostosos esse mesmo
tempo , que nos não é dado estarmos
juntos.





CARTA SEPTIMA.

QUEBREMOS quantos juramentos fizémos; são mui agros de guardar; vejâmo-nos; e já e

lôgo, a poder ser. Imaginaste-me infiel, e entre ultrajes m'ò dèste a entender : nem, portanto, deixo de te amar ainda mais do que a mim propria, nem viver pôsso sem te vêr. A que prestão estas ausencias arrufadas? faltão-nos ellas inevitaveis? Vem dar á minha alma todo o contentamento, nesse curto prazo de nos vermos sem constrangimento. Escreves-me que me desejas vêr para me pedir perdão; vem, vem, quando para mais não fôra, que para me dizer injúrias. Vem, que te requeiro que venhas, porque quéro antes vêr-te esses ólhos agastados, que privar-me de vê-los. Nem eu arrisco de sobejo, quando em ti deixo a escólha : que sei que térnos os hei-de vêr, e faiscando amores. Táes me parecêrão já, esta manhã, na igrêja; nelles avistei quanto te envergonhavas de crédulo : e lá tambem dos meus colhêste as arrhas do meu perdão. Escreçâmos similhante arrufo; e se elle nos lembra, seja para o nunca mais

acolhêr. Duvidarmos do nosso affecto? Para elle nos lançou Cupido ao mundo. Nem eu tivêra o coração que tenho, se não fôra para o encher da tua idéia; nem tu essa alma que tens, se para me amar, te não fôra dada. Sim : para te eu amar, quanto amavel tu és, e para tu me amares, quanto és tu amado, nos produziu o Céu a ambos capazes de tanto amor. Não me dirás, se depois que fingimos tanta malquerença, sentiste como eu... Malquerença em nós! Não temos posses para tal, e é mais poderosa a nossa estrélla, do que o são nossos despeitos. Que penoso me foi esse grande fingimento! Que violencias se não fizêrão os meus ólhos, para te disfarçar seus movimentos? Só os que a si proprios querem mal, podem desperdiçar instantes de amoroso accôrdo. Como ninguem sabe amar como nós amâmos, ãão mens passos (máo grado meu) a sitios onde eu tinha de encontrar-te, e o meu coração, que se avezou a dilatar-se, quan-

do te vê, ãa subindo aos ólhos, para por elles se te demostrar; e como lh'ò eu negasse, embates táes me dava no peito que só comprehendê-los pôde quem os sente. Dou-me a crêr, que táes os tinhas de sentir tambem. Em sitios onde não vinhas por acaso, te encontrei; e se me cabe confiar-te minhas ufanias todas, tanta affeição descortinei no teu olhar, depois que affectas não me querer vêr, qual nunca descobri nelle: grande tontice são constrangimentos táes! Porque se não ha-de pôr ás claras o âmago da alma? Da tua, bem conhecia eu toda a ternura, toda a affeição; e podia eu estremar seus namorados movimentos, de todos os das outras almas; mas não tinha ainda computado os da sua cólera, nem os da sua altivez. Cérta estava de que farias praça ao ciúme, pois que amavas, mas não sabia ainda que condição tomaria em teu peito essa paixão. Traição fôra não m'ò ter mais cêdo declarado, e quasi que á tua injustiça qué-

ro bem, por me ter descoberto esse segredo. Desejei-te ciôso, e o consegui por fim; descarta-te porêm de ciúmes, como eu me descarto de curiosa. Nenhum amante se ostenta com mais vantajem, que quando elle é feliz. Errarão os que dissérão que dá ares de parvo o amante, que se diz contente; mais parvo pareceria quando por outro ar se demonstrasse. E quem não possúe em si assaz melindre, para tirar vantajens d'um amante satisfeito do seu amor, pécca pelo coração, não pela ventura. Vem, e vem lógo ratificar-me esta verdade, que pouca fineza a minha fôra, se atrazasse eu esse instante com o prolixo desta carta. Bem sei que ás horas que eu te escrevo te é vedado vires vêr-me: e dado que em conversar contigo por escripta¹ me dê gôsto, outro gôsto maior lhe preferira eu, que é o da tua presença. Assim é que o escrever-te me dá gôsto, mas tu lógras (e eu contigo) o gôsto de me vêres. Esse me vem acompa-

nhado das resérvas do decóro; mas o outro posso-o tomar quando bem o queira. Agóra, que todos os de casa repousão, e se dão por venturosos de seu repouso, desfructo eu uma dita, que nunca sairá do mais profundo repouso. A mão escreve, mas o meu coração é quem te falla, como se tu fôras lá para lhe responder; aqui te está sacrificando, com as suas vigílias, o seu insoffrimento. E como é affortunada, a que sabe amar com perfeição! e quanto lastímo eu as que no ócio se desleixão sem tirar lucros da liberdade! Bons dias, meu amigo, que já raia a auróra; e mais cêdo houvéra ella raiado, se a minha impaciencia tivesse ella consultado. Perdoêmos-lhe a tardança; que não ama ella como nós amâmos; e para que menos insupportavel nos seja, cuidêmos em burlá-la com algumas hórás de somno.





CARTA OITAVA.



ONSIDÉRA, amores meus, quão
pouco previsto foste , que á
ti mesmo , com enganosas

esperanças, te trahiste, e a mim contigo. Uma affeição, em que tu delineavas tantos prazêres, é hõje a tua desesperação mortal; que só parellas corre com a desapiedada ausencia, que foi sua causadora. Engenhosa a minha mágoa excogita o mais funesto nome que dê a esta ausencia, que tem de me privar para sempre de mirar-me n'esses ólhos, em que via tanto amor, e que me assignalavão movimentos, de que bebia o meu coração tanta alegria, movimentos que erão para mim tudo; pois que para mais nada me ficavão desejos. Privados ficão estes meus ólhos, mísera de mim! da única luz, que os aviventava; e que lhes deixa a ausencia? Lágrimas. Que outro uso lhes não dou, senão chorar, desde que em fim te sube resolutu ao duro appartamento, que me ha-de dar a mórte; que não tem minha alma fôrças sufficientes com que o suppórte. Não entendo comtudo como infortunios, quando elles de ti nascem, pérdem co-

migo um tanto de sua crueldade; porque, como desde que te eu vi, te dediquei a vida, tiro delles o contentamento de te fazer della sacrificio.

Mil vêzes no dia, te envio suspiros da alma, que lá te vão buscar em qualquér sítio que estejas; mas a resposta que me trazem em retribuição de tantos desassocegos, é um aviso mui lhano, que a minha ruim fortuna me remette, acompanhado da crueza de não consentir que eu meu lisonje; quando mórmente me diz a cada instante: — Marianna infeliz, é consumires-te em vão, por um amante que não tornarás nunca a vêr; que atravessou os mares, para se esquivar de ti; ei-lo em França, na róda dos prazêres, que de todos os teus pezares se descuida; e que de todas essas ancias tuas se deslembra; nem dellas algum caso faz. — Oh que não é assim. Oh que nunca me resolverei a ter de ti tão máo conceito; que muito me interesse em te justificar commigo; nem no

meu sentido, quero pôr que de mim te hajás esquecido. A que propósito atormentar-me assim, com suspeitas falsas! forcejarem desmagnar-me de quantos abonos te empenhaste a me dar do teu affecto! Tanto me encantavão teus desvêlos, que muito ingrata fôra eu, se com arrôjos iguâes aos teus, quâes me dava a minha amorosa vontade, te não correspondesse, ao mesmo passo, que me lograva d'esses teus.

Como se tornárão agras tão suaves lembranças tyrannisando-me agóra o coração, que nesses tempos deleitavão! Em estranha situação o pôz a tua derradeira carta; tão sensiveis abalos padeceo, que cuidei que lidava em separar-se de mim, para te ir buscar. Fiquei tão quebrantada d'esses forcejos seus, que tres horas não sube parte do meu juizo: e me vedára recobrar a vida, se a tinha de perder por ti, para ti a queria conservar. Tornei, a meu pezar, a vêr a luz do Sól, quando me lisonjeava em

sentir que de amor morria. E mais folgada, que não sentîra rasgar-se-me este coração co'a dôr da tua ausencia. Viêrão-me depois varias indisposições; e passarei eu sem ellas todo o tempo, em que te não vir? Padeço-as, e não murmuro, porque de ti me procedem. Tal é a gratificação, que de ti consigo, pelo mui térno amor que empreguei em ti. Embóra : tenho de te adorar em quanto eu viva, e ninguem mais vêr; e tóma este meu seguro : não ames ninguem. Quem acharias tu que te amasse com tão ardente affecto, como o meu? Mais formosa que eu, bem pódes vê-la (lembro-me todavia que me disseste que eu não era feia) mas não com igual amor; e sem amor tudo o mais é nada.

Não contenhão tuas cartas cousas inúteis, nem me falles de me não deslembrar de ti. Eu esquecer-te! Eu que me não esqueço de que me prometteste que virias alguns tempos passar commigo? e por que razão não passar a vida inteira? Ah! que se eu pudesse descartar-me

d'este desconsolado claustro, não me punha a esperar pelas tuas promessas : iria, sem resguardo algum, procurar-te, e seguir-te, e amar-te por todo esse universo. Não me lisonjeio de tal possibilidade, nem levar esperanças quéro (bem agradaveis á imaginação!) mas sim entregar-me toda aos pezares. Deo-me (bem t'ó confesso) bons tóques de contentamento, a occasião, que meu irmão me offereceo de que te escreva; e, por certo prazo, suspendeo a desesperação em que me sinto.

Oh dize-me, que empenho foi o teu de me encantares, como me encantaste, sabendo que me havias de deixar? Que te valeo o infortunar-me assim? Deixáras-me em socêgo, no meu claustro. Que aggravos te tinha eu feito? Oh perdôa, meu bem; nada te imputo, nenhuma vingança quéro; só meu fado a culpa têve. Pareceo-lhe que nos faria quanto mal podêsse, com separar-nos: e nossos corações nada ahi ha que os separe; que

112 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.
mais poderoso que o fado, é o deos
Amor, e elle é quem nos unio até á
mórte. Se te é cara a minha vida escrêve-
me a miúdo; que bem mereço eu que
me dês nóvas do que em teu coração se
passa, e de como te favorece a fortuna:
e mais que tudo vem, e que eu te veja.

Adeos : Não me posso afastar d'este
papél, que te ha-de ir ás mãos; e se essa
dita me coubesse, feliz de mim! Oh
louca, oh louca; que não vejo que é
impossivel. Não póssó mais. Adeos.
Ama-me sempre; e venhão embóra pa-
decimentos.





CARTA NONA.



PARECE-me que o maior agravo
que fazer pôsso aos movimentos
do meu coração é o empenho

que tómo de lh'os dar pela escripta a conhecer. Quão feliz eu fôra, se pela violencia dos teus podéras tu d'estes meus fazer conceito! Não me referirei a ti; nem me atalharei de te dizer (com menos actividade que o eu sinto) que te não cabe maltratar-me assim com esse teu esquécimento, que tanto me desespéra, e que em ti mesmo é vergonhoso.

Justo é todavia que me eu lastíme de pezares, que eu d'antemão contemplava, quando te conheci resóluto a me deixares. Enganei-me, e muito me enganei, quando puz no pensamento que procederias commigo mais lealmente, e fóra do usual, em razão de que o meu muito amor me realçava da baixeza de táes suspeitas, e merecia mais fidelidade, que a que de ordinario no mundo córre. Mas disposto como estás a me trahires, passas por alto da justiça que deves a quanto por ti me hei offerecido. Já mui desgraçada eu fôra, se o teu amor o

houvesse obtido á fôrça de te haver amado, eu que tudo sómente dever quizerá á nossa inclinação recíproca. Mas quão distanciada me vejo d'esses termos, quando depois de seis mêzes nem uma só carta de ti me vem! Desastre, que eu attribúo á cegueira, com que me entreguei, e me prendi a ti; quando antes me relevava, que mais cêdo terião fim os meus gôstos, que o meu affeito. Quem me segurava que ficasses toda a vida em Portugal? que renunciasses á pátria, ao adiantamento, para em mim empregar todo o desvélo? Nenhum alívio consentem minhas mágoas; e a lembrança mesma de meus prazêres assanha a minha desesperação. Serão pois inúteis quantos desejos fórmoo? nem tenho de jamáis vêr-te no meu aposento, como te via, todo ardencia, todo arrojoo? Ai de mim! Como me engano! e como conheco mal que quantos movimentos me lidavão na idéia e no coração, se te davão a sentir quando unicamente

os accendião os prazêres , e com elles se amortecião. Allí é que eu nesses mui affortunados instantes devi chamar pela minha razão , que me acodisse , e moderasse o excesso das minhas delicias (que me havia de tão funesto ser !), e pedir-lhe que me informasse do que hoje tenho de padecer. Mas eu que toda me entreguei a ti não estava em caso de imaginar no que havia de envenenar minha alegria , e que me tolheria de em cheio desfructar os ardentes penhores da affeição tua. Tanto me comprazia em me vêr contigo , que se me desluzia , que houvesse tempo , em que longe de mim fosses. Não menos me lembra que alguma vez te disse que por tua causa , seria eu ainda desventurosa ; mas lógo esses temores se dissipavão , e com gôsto os sacrificava a ti , entregando-me ao accento e á má fé de teus protéstos. A todos esses males bem atinava eu com o remedio , e bem depressa me livrára delles perdendo-te o amor. Agro reme-

dio! que antes padecer do que perder-te da lembrança! Como se de mim, ai triste! dependêra: de mim, que arguïr-me não pôsso de que um momento só te não haja amado. Mais para lastimado és tu, do que eu: que vale mais padecer, como eu padeço, que lograr-se dos lânguidos prazêres que te dão em França essas tuas damas. Não te invejo a indiferença; antes della e de ti me compadeço; e apostaria qué nunca terás de inteiramente te esqueceres de mim; antes me lisonjeio, que te puz em estado de que nunca, a não ser comigo, desfructes compléto contentamento: e mais ditosa sou que tu, em me vêr com mais occupação, por quanto me nomeárão porteira do mosteiro, onde quantos me fallão, me considerão como uma louca; porque não sei o que lhes respondo; e que tão loucas como eu sejam as religiosas que me imaginárão capaz de emprêgo algum. Oh quanto invejo a felicidade de Ma-

noel, e de Francisco ; e porque não estou eu como elles sempre contigo? Quem te houvera seguido, e servido ainda melhor que elles ! e com melhor coração mui seguramente ! Que nada aneio eu mais que o gozar da tua vista. Lembra-te de mim ao menos: que ser de ti lembrada me contentaria. Mas quem me dá essa certeza? Quando eu todos os dias te tinha presente, não limitava ahi minhas esperanças ; mas tu me tens ensinado a sujeitar-me a quanto queiras : e eu não me arrependo de te haver adorado ; e até de que tu me hajas rendido, fólgo. A tua rigorosa ausencia (quem me diz, que não será eterna) nada desfalca dos impulsos do meu amor ; e quero que todo o mundo saiba, que não faço mysterios d'elle, antes me regozijo de quanto contra o civil decóro, a teu respeito fiz ; nem minha honra, nem meus scrupúlos emprégo senão em te amar estremecidamente a minha vida toda, visto que por ti comecei a tomar

lições de amor. Nem destas particularidades te fallo, para te obrigar a que me escrêvas; tal constrangimento de ti não peço; e só desejo o que te pedir a vontade, de maneira que todos os abonos da tua affeição, que te não venhão a pedir de bôcca póde-los ter por rejeitados de mim. Eu mesma me farei fôrça em te desculpar; e me direi, que foi teu gôsto retrahir-te de me escrever: tanta a disposição, em que me sinto entranhavelmente de perdoar os teus defeitos! Foi caridoso commigo um official francez, que esta manhã, tres horas me fallou em ti, e me disse que a paz com França estava concluida. Se assim é, vem, falla-me, leva-me para França; e no caso que t'ò não mereça, faze de mim o que fôr tua vontade; que não depende o meu amor do modo, com que me trates. Depois da tua ausencia, não logrei uma hora de saúde; nem outro prazer tive senão o de pronunciar teu nome mil vêzes no dia. Algumas reli-

giasas , que sabem o estado em que me despenhaste , me fallão a miúdo de ti. Do meu quarto por acaso saío ; do meu quarto onde tantas vêzes viéste , e onde de contínuo ólho para o teu retrato , a quem mais que á vida , quéro bem. Algum prazer me dá , mas bem descontado com pezares , quando contemplo que talvez nunca mais terei de tornar a vêr-te. Será céрто que para sempre me deixaste ? Desesperada me vejo. Desfa-lece a tua triste Marianna ; e um desmaio me toma , quando dou fim á carta. Adeos , adeos. Tem compaixão de mim.





CARTA DECIMA.



QUE ha-de ser de mim? e que
desejas tu que eu faça! Quão
afastada me sinto de quanto

II.

11.

havia antevisto? Esperava que me escrevesse de todos os sitios por onde passasses, e escrevesse compridas cartas; que darias esteio á minha affeição, com a esperança de tornar a vêr-te; que inteiramente fiada na tua lealdade, teria algum socêgo; situação supportavel, izenta de despiedadas mágoas. Traçados tinha alguns ténues projectos, na confiança que me dessem soccôrro, no caso, que eu soubesse de certo que me houvesse perdido da lembrança. Já de primeiro a distancia em que te visse de mim; lógo alguns assômos de devoção; tambem o receio de estragar de todo a minha saúde com tanta falta de dormir, tanto desassocêgo; e a pouca esperança de que vóltes; a frieza d'esse teu amor, e da tua despedida, o partires de Portugal com tão ruins pretextos; e outras mil razões tão inúteis, e que bem valem as dittas, parecião prometter-me seguridade de soccôrro, em caso de precisá-lo. E como então teria sómente de pe-

lejar com a minha vontade, não tomei desconfianças de quão fraca me sentiria nesse transe, nem cousa alguma receei do que padeço agóra. Que lástima a de não poder repartir contigo os meus pezares! e de ser eu só a desgraçada! Este pensamento me dá morte. Sim, que môrrô de desconfiança de que nunca fostes excessivamente sensível a todos os nossos contentamentos. Agóra é que eu avisto a fé mentida de todos os movimentos de teu ânimo, e que me trahias quantas vêzes me disseste, que era teu prazer summo, quando te vias só comigo. A's minhas importunidades devi talvez esses arrebatamentos e arrôjos teus; que tinhas tu delineado a sangue frio abraçar-me o peito, e olhares a minha amorosa paixão como uma victoria ganhada por um coração desaffeiçoado. Desgraçado de ti! que por teu pouco melindre em amor, perdeste os lucros que poderas tirar da exaltação do meu affecto. E como póde acontecer

que com tanto amor que eu te manifestei não pude conseguir que te desses por plenamente feliz! Penosa estou (a teu respeito) que te não lograsses de infinidade de prazêres, que te vînhão á mão, se amasses como devias. Ah! que se os conhecêras entenderias que mais sensíveis são, que o prazer de me haver enganado. E te capacitarias de quanto é mais entranhavelmente venturoso quem ama com arrebatamento, que quem se contenta só de ser amado.

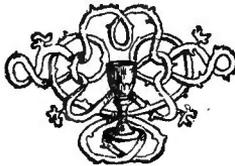
Nem eu sei o que sou, nem o que desejo; mil contrarios impulsos me despedação a alma. Houve jámais situação tão deploravel! Tão desatinadamente te amo, que não quizêra que sentisses a agitação em que me sinto: matar-me-hia, e sem me matar de minha propria mão, me mataria a dôr, se soubêra com certeza que não lógras quiétação; que a tua vida passas entre perturbações e desassocêgos, que de contínuo chóras, que tudo te aborrece. Eu que não tenho bastante vigor contra meus peza-

res, como sustentaria a dôr, que dos teus me procedêsse? dos teus, que muito mais sensíveis me serão? O a que todavia com grão custo me resolvêra, fôra o desejo de que não te lembrasses de mim; e a te fallar sincéra, tenho fúrias de ciósa de quanto alegrar-te póde longe de mim, de quanto póde empenhar-te o coração, de quanto te agrada em França. Nem eu sei por que razão te escrevo. Bem sei que unicamente te compadecerás de mim; mas essa compaixão rejeito-a. E óra contra mim mesma me agasto, quando recórdo quantos sacrificios te fiz. Reputação deslustrada; expôr-me ao furor dos meus, á severidade das leis d'este reino contra as religiosas; á tua ingratição, que é o desastre que mais me penaliza. Fementidos remorsos! Do âmago d'este meu coração quizêra agóra lançar-me aos maiores perigos, agóra que alimento um funesto deleite de ter aventurado o meu recato, e a minha vida. E não

tinha eu dado á tua disposição quanto possúo mais precioso? E não fólgo eu muito de o ter tão bem empregado em ti? Ainda me não dou por contente de meus pezares, nem do meu extremoso affecto; dado que (triste de mim!) lisonjear-me possa de estar de ti contente. Mas vivo. Que infidelidade! Dar-me tanto desvélo por conservar a vida, que devêra ter perdida! De vergonha môrro. Toda a minha desesperação consiste pois nas minhas cartas? Se te eu amasse tanto como mil vêzes te hei dito, muito ha já que eu devêra ter morrido. Queixate de mim, que te enganei. E porque (misera de mim!) te não queixas tu? Partiste, e á minha vista; nem espéro de ainda vêr-te; e respiro ainda? Traidôra fui. Perdão te péço. Oh não me perdôes. Trata-me severo; não dêes ainda por assaz violentas as minhas anciedades. Sé ruim de contentar; responde-me que é teu gôsto, que eu por ti môrra de amor. Dá-me, sim, dá-me esse

confôrto, para que eu vença a fraqueza do meu séxo, e que córte por todas essas irresoluções desesperada : que bem póde ser, que o meu trágico fim te obrigue a pensar em mim a miúdo, e que prezada te seja então a minha lembrança, mavioso da minha extraordinaria mórte. Mais vale similhante mórte, que o estado em que me pozeste. Bem quizera eu nunca te haver visto. Adeos. Que conceito tão falsario! pois que neste mesmo instante em que te escrêvo, estimo mais ser infeliz amando-te, que de nunca te haver visto, e consinto em padecer meus tristes fados sem que delles murmure, pois que de ti dependia que ellés prósperos corressem. Promette-me ternissimas saudades, se eu ás mãos da dôr feneço, e que ao menos a violencia de meu affecto, de tudo te desgoste, e te descarte. Co' essa consolação morrerei contente; e se tenho de para sempre te deixar, deixar-te a outrem não soffrêra. Que mui agro me fò-

ra , que para te dar mais a querer , te servisses da minha desesperada morte , e dizeres que a causou a desatinada affeição , que me inspiraste. Adeos , e ainda adeos ; que se estirão muito as cartas , que te escrevo , e te dou incommodo em lêl-as , e do que perdão te peço , na confiança que serás indulgente á cerca d'uma pobre douda. Ah ! que o não era eu antes que te amasse. Não sei se te fallo de sobejo na insupportavel situação em que me vejo : e com tudo do intimo do meu coração te agradeço a desesperação que me enlouquece , nascida de ti mesmo : e tanto assim que detesto a tranquillidade em que vivia antes de conhecer-te. Adeos ; que a minha affeição a cada instante augmenta. Que de cousas te quizéra dizer !





CARTA UNDECIMA.



CABA de me dizer o tenente da
tua companhia, que te obrigou
uma tormenta a dar fundo no

II.

12

Algarve : temo que te não molestassem os mares , e de tal modo temo , que todo o meu pezar escureci com esse receio. E imaginas tu que tome maior parte o teu tenente , do que eu no que te resguarda ? Porque tem elle melhor informação tua do que eu tenho ? e porque me faltão lettras tuas ? Sou em fim bem desgraçada , se depois que partiste , não acertaste com occasião de me escreveres : mais desgraçada ainda , se a tiveste , e te descuidaste della ; então fôrão extremas a tua injustiça e a tua ingratidão. Desesperar-me-hia porêem se te ellas motivassem o menor desagrado ; que antes quizêra vê-las sem castigo , que vêr-me a mim vingada. Resisto a quantas apparencias me queirão persuadir que pouco ou nada me amas ; antes me sinto disposta a me entregar cégamente ao meu amor , mais ainda que aos motivos que me dás de me queixar do teu descuido. Quantos desassocegos me houveras evitado , se nos primeiros dias , em

que eu te vi, tivéras procedido com essa negligencia; mas ella não deo mostra de si, senão depois. Quem se não acharia lograda como eu, com táes arrebatamentos? e quem os não daria por sincéros? E quanto não é custoso resolvermo-nos a admittir suspeitas na boa fé de quem somos amadas? E quanto não sei eu que a menor desculpa vos lava; e sem que mesmo cuides em m'adar, já o amor, que tão fiélmente tóma o cuidado de te servir, me tem preparada a te não achar culpado; e se tal te considéra alguma vêz, é para ter o gôsto de te justificar lógo.

Frequente em namorar-me, arrebatado em abraçar-me, com finezas me enfeitiçaste, com juramentos me déste segurança, e a minha inclinação violenta se deixou levar. Em que rematárão com tudo tão apraziveis principios e tão bem assombrados? Em suspiros, em lágrimas, n'uma desconsolada mórte, a que nenhum remedio avisto. Assim é

que em te amar colhi prazêres indiziveis; mas que exorbitantes penas me hão custado; nem movimento sinto, que de ti me proceda, sem que o abalo não seja extremo. Se eu com pertinencia houvêra resistido ao teu amor; se algum motivo de ciúme, ou de pezar te houvêra dado, para affervorar-te o affecto; se em mim reserva houvêras, ou arte conhecido; se eu houvêra opposto a minha razão á inclinação natural que a ti me deo, e que lógo em mim conheceste, dado que inutil foi quanto forcejei por encobri-la... então cabia vingares-te sevêro, usando do poder que tinhas. Mas já me parecias amavel, antes que me dissêsses que me amavas; déste-me abónos de profunda affeição, que me enlevárão, e fôrão causa de te amar desperdiçadamente. Mas tu, a quem não, como a mim vendára o amor, porque consentiste, que eu chegasse ao estado em que me vejo? Que destinavas tu fazer d'esses meus extre-

mos, que têm de te ser importunos? Certificado estavas que não tinhas de ficar para sempre em Portugal. Para que quizeste pois em mim a desventurada vítima, quando poderas achar nesta cidade quem mais formosa fosse que eu, com quem lograsses igual prazer (visto que grosseiros sós te agradão) que leal te amasse, em quanto te tivesse á vista, e que depois com o tempo se consolasse da tua ausencia, e a quem tu, sem aleivosia, nem crueldade deixar poderas. O procedimento que usas commigo mais é procedimento de tyranno que fólga de perseguir, que procedimento de amante que se empenha em agradar. Para que intenção, ai mísera de mim! tanto rigor disféres contra um coração que é todo teu? Acabo de crêr, que tão facil te persuades contra mim, quão facil me eu persuadi a teu favor. Sem precisar do muito amor que te consagro, sem que me imaginasse ter feito acção extraordinaria, teria resistido a motivos

muito mais relevantes, que os que tomaste, para deixar-me. Quão fracos me terião parecido! E não ha hi motivos que valessem a arrancar-me de teu lado: mas tu... deitaste sofregamente mão dos pretextos que se te deparárão para voltar a França. Estava esse nãv^o de partida? Deixáesses-lo partir. Não tinhas cartas da tua familia? E não sabes tu mui bem quantas perseguições eu padei da minha? Obrigava-te a honra a me deixares? Fiz eu grande caso da minha? Era-te forçoso ir servir o teu rei? Se quanto delle se diz é céрто, nada do teu soccôrro precisava, e facilmente te daria por escusado. Seriamos mais que muito felizes, passariamos a vida juntos. Mas pois que tinha de nos separar esta desabrida ausencia, idéia tenho que muito me contentará o haver-te guardado lealdade. Quanto atróz me fôra haver commettido esse delicto!

E conhecido, como tinhas, o íntimo de meu peito, e toda a minha ternura,

como podeste resolver-te a deixar-me para sempre? Expôr-me aos sustos de que pérkas de mim lembrança? A que a novos amores sacrificues os meus? Bem me capacito, que como uma louca te amo, e com tudo me não queixo de todos os movimentos do meu anciado coração, porque já me vou habituando a esses assaltos. Que não podéra eu sustar a vida, a não descobrir nella certo contentamento, que é o de te amar no meio de táes mágoas. Só me desagrada por extremo o ódio, e o fastio que tomei a tudo : a minha familia, as minhas amizades, este mesmo mosteiro me são incomportaveis ; quanto por obrigação, tenho de vêr, quanto necessariamente fazer devo, me é odioso. Tão empenhada estou no meu amor para contigo, que só a ti devem mirar todas as acções e todos os meus devêres. Sim ; que scrupuliso dos momentos da minha vida, que empregados em ti não são. E que fôra de mim se não tivéra o coração

abastado de tanto amor, e de tamanho ódio? E podéra eu sobreviver ao que me occupa de continuo, para desfiar languidamente socegada vida? Não se compadece c'ó meu génio tão vácuca insensibilidade. Toda a gente repara na minha condição tão demudada, minha pessoa, e módo: minha mãï, com aspezeza me fallou nella; mas depois com mais brandura: o que então lhe respondi me não lembra; mas creio que tudo lhe confessei. As religiosas que mais sevéras são, tem compaixão de vér-me, tem commigo cértá estima, cértó resguardo, e do amor que tantas penas me dá, tem piedade. E tu... e tu indifferente commigo, cartas me escreves tibias, dizes sempre as mesmas phrases, nem sequér enches métade do papél: a ancia, com que estás de lhes vér o fim, se mostra nellas. Dona Brites me perseguio estes dias passados porque saísse do quarto, e assentando que me divertiria, me levou a passear á varanda,

d'onde se avista Mértola. Comprazi-lhe; mas logo se apoderou de mim cruissima lembrança, que esse dia inteiro me alagou de lágrimas. Tornou-me ao quarto e me metteo na cama, onde mil reflexões fiz á cêrca da pouca esperança que podia ter de me curar da affeição. Quanto fazem por m'a alliviar, a azêda, e nos remedios mesmos acho eu motivos para ainda me affligir. Por esses sitios mesmos te vi passar bem vêzes com a bizzarria e gala, que me encantára; e nessa mesma Varanda estive, no fatal dia, em que comecei a sentir na alma os desventurosos tóques desta minha affeição. Pareceo-me que levavas intuito de agradar-me, posto que ainda me não conhecias; e me persuadi de que entre todas as que commigo estavão, fizeste reparo em mim; imaginei, que quando paravas, folgarias muito que eu melhor te visse, e admirasse a destreza e graça, com que meneavas o teu cavallo. Algum susto me tomou quando passava por um

sítio de máo caminho : que começava a lavrar em mim interêsse de acções tuas; já me não eras indifferente; já levava parte em quanto fizesses. Bem vias tu em que tinhão de parar principios táes, e ainda que eu nada tenha que resguardar, com receio todavia de te não criminar mais, se possivel é que mais réo não sejas, te não escrêvo tudo; e tambem por me não arguir a mim mesma, que depois de esforços tantos inutilmente feitos, para que fiél me fosses, não terás tu de o ser.

Posso eu esperar das minhas cartas, e do que n'ellas te lanço em rosto, o que acabar não poude o meu amor, e a entrega que de mim te fiz? Que feia ingratição! Mas que certa estou do meu infortunio; nem o teu proceder me consente a menor duvida, convém que eu receie tudo de quem assim me desampara. Não haverá outras damas, a quem, como a mim encantares? outros olhos, a quem, como aos meus agradeas? Póde

bem ser , que folgassè eu mesma , que a affeição de outras damas jústifique a minha ; o até folgára que te achassem amavel todas as Francezas, mas que nenhuma te amasse, nenhuma te contentasse. Impossivel e ridiculo projecto ! Experimentei não menos que és incapaz de constante affecto, e que sem soccorro algum poderás esquecer-te de mim ; sem que a tanto te induza affeição moderna. Nem eu sei se desejára que para esse esquecimento se te deparasse arrazoado pretexto : maior desgraça minha , e mais tenue delicto o teu. Ficares em França; não terás lá requintados gostos; mas vêr te-has livre. Cansaço de prolixa jornada, certos rociaes decoros , receio de não responder como deves, a meus arrebatamentos , te reprezão em França. Ah não receies ! Contentar-me-hei de te vêr de tempos em tempos, e saber que n'um mesmo sítio estamos ambos. Lisonjas são talvez, em que me cévo a minha saudade; quando

tu (quem sabe) te afeiçoarás mais da severidade, e rigores de outra amante, que o não foste de meus favores. E poderão rigores enamorar-te?

Antes porém de entrãres em afeição extrema, passa pelo sentido o excesso de minhas mágoas, a incerteza de meus projectos, a variedade dos movimentos de meu ânimo, a extravagancia de minhas cartas, confianças, desesperos, e ciúmes dellas. Considera, que buscas a tua desgraça; põe os ólhos no estado em que me vejo, e escarmenta; que te não seja, ao menos, inutil o que eu por ti padeço. Cinco, ou seis mêzes ha que penosa confidencia me fizeste, quando me confessaste em boa fé, que amáras em França certa dama: se ella é quem te atalha de voltar, dá-m'ò a saber, sem algum resguardo, porque eu mais cêdo acabe de padecer. Se alguma cousa me sostêm a vida, é um vislumbre de esperança, e no caso que ella me falsêe, quizêra perdê-la por inteiro, e perder-me a mim com ella. Manda-

me o retrato dessa dama, e algumas cartas suas, e juntamente me escreve quanto te ella diz; que talvez ahi encontro motivos de consolar-me, ou de mais me angustiar : que no estado em que me vejo, não é possível aturar mais tempo : que não ha hi mudança que não seja a meu favor. Queria tambem ter o retrato de teu irmão, e de tua cunhada; tudo quanto te pertence, me é prezado, e a quanto se te achega sou affecta, sem de mim me ficar disposição alguma. Instantes ha, que imagino assaz de submissão no meu génio para poder servir a dama que tu amasses. Teu máo trato, e o menosprêzo teu me tem tão prostrada, que ha occasiões em que me não affouto a crer que podesse ter ciúmes sem te desagradar; que te aggravo, quando te lanço alguma cousa em rôsto, e me dou por convencida, que me não cabe dar-te a saber, com o amoroso furor com que eu o exprimo, os movimentos de meu peito.

Já ha mais que muito que por esta carta um official espéra. Determinada estava em t'a escrever de modo tal, que sem tédio a podesses receber ; mas de sobejo é ella extravagante ; dêmos -lhe fim. Mas ai de mim , que cuido estar fallando comtigo , quando te estou escrevendo , e que te julgo mais perto de mim. Nem tão longa , nem tão importuna será a primeira : abre , e com segureza a pôdes ler ; que como não devo fallar n'uma affeição, que te anoja, nem n'ella boquejarei. D'aqui a poucos dias, haverá um anno , que toda me entreguei a ti sem algum resguardo ; muito ardente me parecia o teu affecto , e mui sincêro : que não era de suspeitar que viria tempo , em que engeitasses minhas finezas , e que mais quizesse arredarte de mim quinhentas leguas , arriscar-te a naufragios. Tratamento igual ninguem tinha direito de o exercer commigo: que bem tens de lembrar-te do meu enleio , do meu pejo , e desordem de meus seu-

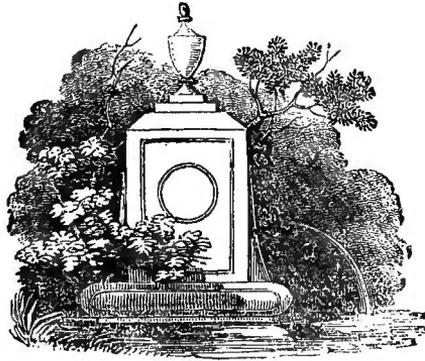
tidos; mas não queres lembrar-te, por te não empenhares a me amar contra teu gôsto. Já quatro recados me manda o official, que quer partir, que está com pressa. Ah! que, sem dúvida, alguma desventurosa por aqui deixa! Adeos; que mais mágoas me custa o acabar a carta, do que a ti custou deixar-me... e para sempre. Adeos; que nem me atrevo a te escrever mil ternuras, nem me entregar com soltura a todos os impetos do meu coração, quando te amo mil vezes mais que a própria vida, e mil vezes ainda mais do que eu mesma cuido. Quanto és cruel commigo! Não me escreves (*), nem me posso atalhar de t'ó dizer; e tornaria a começar, se o official não instasse por partir. Parta embora: que mais por mim escrevo de que

(*) Escreveo, e mui ternamente: mas a abbadessa que recebo essas cartas nunca as quiz entregar á religiosa, que estas escrevia. Existem as cartas do official francez, e andão hoje juntas ás primeiras.

144 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

por ti mesmo ; consolo-me. Bem sei que ha-de assustar-te o prolixo d'esta minha carta , e que a não hás-de lêr. Em que te offendi , para tanto me maltratares ? Quem te instigou a vires envenenar-me a vida ? E porque nasci eu antes em Portugal que n'outras terras ! Adeos ; dá-me desculpa. Nem me affouto a te pedir que me ames. Olha sómente para o estado a que me reduziste. Adeos.





CARTA DUODECIMA E ULTIMA.



ESTA é a última que te escrevo;
pelo estylo d'ella verás quão
persuadida estou por fim, de

que me não amas, e que te não devo amar. Quanto de ti me resta, remetido te será pela primeira occasião. Cessa em teu receio de que eu mais te escreva; nem que teu mesmo nome no maço ponha; d'esse cuidado encarreguei a D. Brites, em quem depuz confidencias bem divérsas das de agóra. Confio que tomará toda a cautéla por que o retrato, e as pulseiras de que me fizeste mimo, saiba eu que com certeza te fôrão entrégues. Quéro que saibas, que dias ha, me sinto capaz de rasgar, e queimar penhores do teu amor, que me fôrão tão prezados; mas tanta foi minha fraqueza para contigo, e tanto a conhecer-te ao claro, que darás por incrível que eu passe a tal extremo. Lograrei n'esse caso o fructo do que padeci em me separar d'esses penhores, quando saiba que n'isso te careei algum despeito. Com vergonha minha t'o confesso, que me sinto, mais de que eu quizéra, affeiçãoada a essas minharias, e que precisava

de todas as minhas reflexões , para me descartar d'ellas uma por uma no instante mesmo em que eu me dava por mais desnamorada de ti. Mas quem se enche de razão vem a cabo de quanto quer. Tudo puz em mão de D. Brites. Mas que lágrimas me não custou essa resolução! Depois de mil movimentos , mil incertezas , que tu não conceitúas , e de que eu por certo não te darei noticia. Lhe pedi juramento de que nunca mais m'as tornasse , ainda quando eu para as vêr uma vez , lh'as pedisse ; antes que sem me dar parte , t'as remetesse.

Nunca tão claro conheci o excesso do meu amor , como quando tanto esforço fiz para sárar d'elle. Receio que , se houvéra visto d'antes as difficuldades , e violencias d'esse empenho , me arrojasse a emprendê-lo. Persuadida estou que os movimentos que eu experimentasse , amondo-te assim ingrato como te conheço , me serião menos desprezíveis ,

que os que sinto, quando para sempre me deixas. Já sube quanto menos me és prezado do que a affeição que te eu tenho; e quantas ancias padeci no combate com o injurioso procedimento que fêz que odiosa me fosse a tua pessoa.

Não foi por certo a natural sobêrba feminil quem me ajudou a tomar estas minhas resoluções. Mîsera de mim! Que desprezos te não soffri? teu abhorrecimento, e ciúmes que me dava cada affeição que em qualquér outra dama podias empregar? Só me foi sempre incomportavel a tua indifferença. As impertinentes protestações de amizade, e ridiculas cortezanias da tua derradeira carta me indicação teres recebido quantas eu te escrevi, mas que, lidas por ti, nenhum abalo fizêrão em teu peito, ingrato! E que tão louca eu ainda seja, que me desespere de me não poder illudir, ora de que as minhas cartas não chegarão a tua casa, ora de que te não fôrão dadas! A tua boa fé! E oh quanto

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 149
a detesto eu! O que eu só te pedia, era que me escrevesse com sinceridade. Porque me não deixavas entregue ao meu affecto? Assaz havia em não me escrevendo. Clarezas? não t'as pedia. Não me sobra, para desgraçada ser, o não me ter sido possível metter-te no empenho de me enganares? de não deparar com motivos de desculpar-te? Dou-te a saber, que me capacito que és indigno da minha affeição, e que entro a descortinar quantas qualidades ruins possúes. Nada obstante (se póde merecer-te quanto hei por ti obrado, alguma attenção aos favores que te péço) te requiero, que mais me não escrevas, e que me ajudes a me deslembrar de ti inteiramente. No caso que me constasse que algum tanto te penalizou a leitura d'esta carta; se eu te dêsse crédito, e se me acarreassem despeito e iras essa confissão, e consentimento, talvez que o ardor me renovassem. Nada te inquietes d'ora em diante da maneira com que

eu me rêjo, porque fôra desmanchar sem dúvida os meus projectos, de qualquer sorte que tu n'elles entrar quizés-ses. Nem o que esta carta produzio em ti saber intento ; só quero que não perturbes a situação que me preparo : contenta-te com as mágoas que me causaste, qualquer que fosse o teu designio de me fazer desventurosa. Não me arranques esta minha incerteza , da qual espéro fazer, com o tempo , uma espécie de socêgo de animo. Prometto-te, que nunca te aborrecerei ; que muito desconfio de meus impetos violentos , para que me atreva aprehendê-lo. Antes me capacito , que podéra aqui deparar com mais fiél , e mais bem appesoado amante. Misera de mim ! Ha hi sítio no meu coração em que outro namôro caiba ? E de quem ? Póde a minha affeição acabar contigo constancia e lealdade ? Não experimento eû , que um peito enternecido não se esquece nunca d'aquelle que lhe excitou transportes de

que esse peito era capaz, mas que elle até então não conhecia? Que quantos abalos sente, prendem todos no idolo que adora? Que se não curão, nem se apagam as primeiras feridas do amor? Que todas as paixões que lhe offerecem soccôrro, e que todo o esfôrço empenhão em occupar o sítio promettem debalde uma sensibilidade, com que nunca o coração acérta? Que todos os prazêres que procura, sem vontade de os encontrar, sérvem unicamente a inteirál-o plenamente, que nada lhe é tão caroavel como a lembrança de seus pezares? Porque me déste a conhecer a imperfeição e desagrado d'um amor que não tinha de ser perpétuo; e as desditas que acompanhão violentas affeições quando não são reciprocas? E por que motivo uma céga inclinação, e desabridos fados porfião pelo ordinario em nos determinar em favor d'aquellas que porião sua affeição em outra pessoa?

Ainda no caso que eu esperasse en-

contrar passa-tempo, empregando em outrem o meu affecto; e quea alguém, de boa fé, dêsse esse titulo, tanta paixão tenho de mim mesma, que scrupulisára de pôr no estado em que me vejo, o ultimo dos homens, e bem que te não deva algum resguardo, nunca me decidíra a me vingar de ti com tanta crueldade, quando mesmo, por alguma mudança, que antever não posso, de mim tal dependêra. ●

Excogito, n'este momento mesmo, motivos de te desculpar, e me digo, que ordinariamente não é mui amavel objecto uma religiosa. Parece com tudo, que se n'essa escolha entrára a razão, preferir ellas devião ás outras damas, por quanto nada as estórva de imaginar de contínuo na affeição que tomárão, da qual as não desvião mil objectos com que o mundo as outras dissipa, e entretêm. Tambem creio que não ha hi grande contentamento em vêr a pessoa amada, sempre distrahida com mil nó-

nádas ; e que pouco melindre cabe (antes desesperação) em consentir que ellas unicamente fallem de assembléas , de atavios , de passeios , andar a cada hora exposto a nóvos zelos , e ellas obrigadas a cértos resguardos , comprazimentos e conversações. Quem é que vos abona que ellas se não agradeem do que n'essas occasiões se passa ; e que ellas consintão sempre com extremo tédio os maridos seus ? e sem nesse particular tomar algum prazer ? E como devem desconfiar ellas d'um amante que lhes péde exacta conta de tudo ; de tudo ; que facil e socegado cré quanto lhe ellas dizem ; que com muita mansidão , e confiança as vê , dado que a devéres táes sujeitas ? Não que eu por boas razões pretenda que amar me dêvas ; ruins meios para essa pretensão razões serião ; melhores empreguei eu , e que não surtirão. Quanto mais , que muito bem conheço eu o meu destino , e quanto me é impossivel superál-o : tenho de ser des-

graçada em quanto viva. E não o era eu, quando todos os dias te estava vendo? Não me via eu sempre em sustos de que leal, ou não me fosses? A cada instante (o que não era possível) te queria vêr. Estremecia dos perigos que corrias entrando no mosteiro; quando estavas no exército, era morte para mim; desadorava de não ser mais formosa, e mais digna de ti; murmurava da minha mediana fidalguia; dava-me temores crêr que te seria nociva a affeição que me mostravas; até me parecia que te não tinha amor bastante; temia as iras dos meus parentes contra ti. Via-me enfim n'um transe tão infortunoso, como o de agóra. Se depois que saíste de Portugal me tivéras dado alguns abonos da tua affeição, toda me empenhára em te ir buscar com o disfarce que podesse. Mas que fôra de mim, se tu de mim fizéras pouco aprêço, quando me víras em França? Que desatino! que trasvio? Que cúmulo de af-

fronta para a minha familia , que me é tão prezada depois que estou sem ti! Bem claro vês , quanto eu conheço que mais digna de lástima seria , do que óra sou: forçoso é que ao menos falle contigo de bom sizo uma vêz na vida. Quanto te ha-de agradar este meu comedimento , e quanto tens de te contentar de mim! Mas não o quero saber. Oh não m'ó escrêvas.

Nunca tu reflectiste na maneira com que me hás tratado? Não consideras a obrigação , que a mim , mais que a ninguém déves? Como louca te amei , por ti desprezei tudo. Não procêdes como honrado , e demóstras á cêrca de mim natural aversão , pois que ás perdidias me não amaste. Ah ! que me deixei encantar de medianas qualidades! Que é o que tu fizeste? Não te davas tu a mil diversos passatempos? Deixaste por ventura a caça , o jôgo! Não foste o primeiro que partio para o exército? e último voltaste? Como insensato te arremes-

saste aos perigos, quando te eu implorei que te poupasses para mim? Nunca buscaste meios de estabelecer-te em Portugal, onde eras estimado; bastou uma carta de teu Irmão, para partires desempedadamente, e noticias me chegarão que em toda a viagem desfructaste humor contente. É para confessar que me vejo obrigada a te aborrecer de morte. E eu mesma fui quem táes desgraças me grangêei; porque desde logo te acostumei a uma desmedida affeição (e tão de boa fé!). Arte é precisa para se dar a querer; com arte se hão de buscar os meios de accender a chamma no peito; que nunca o amor por si só, motiva amor. Bem intentavas tu que eu te amasse; e armado esse projecto, nada ha hi que não fizesses porque viesse a effeito; resolvido tinhas, que até me amarias, se assim cumprisse. Inteirado porém que de tanto esforço não havia precisão... Oh que perfidia! E cuidaste que impunemente me enganasses? Pois

declaro-te, que se tornas a Portugal, á vingança de meus parentes te commétto. Longo tempo vivi n'um deixamento de mim propria, n'uma idolatrâa, de que hõje tenho horror, e com rigoridade insupportavel me perséguem os remorsos; mui agra me angustia a vergonha, quando me traz á memoria os delictos, que por tua causa commetti; que se desfez a nuvem de paixão que me tolhia penetrar-lhe a enormidade. Quando é que eu me verei livre d'esse cruél tormento? Não creio todavia que mal algum desejar-te eu póssa, e se talvez me resolvêra a consentir em que vivesse venturoso. E poderias sê-lo tu, se acaso tens no peito uma bella alma?

Escrever-te determino ainda outra carta, em que te annuncie daqui a certo prazo, que começo a ter socêgo; e que lograrei o prazer de te arguirentão de teu procedimento injusto para commigo; mas será quando não fôr já tão viva essa lembrança, e possa inteirar-te de que

desprézo, e fallar com indifferença da tua aleivosia; quando enfim me tiver esquecido de todos os meus prazêres de então, e de todos os prazêres contínuos. Dar-te a saber que só de ti me lembro, quando recordar-te quero. Convenho que em muito me levavas vantagem, e que influiste uma affeição enlouquecida; de que não tens com tudo de tirar grande vaidade. Eu môça, eu crédula, encerrada desde a infancia n'um mosteiro, habituada a vêr gente desaprazível, nóva nos louvores, que me davas de continuo, julgava que a ti devia os attractivos e a formosura que em mim achavas, e em que me fazias attentar: ouvia o bem que de ti dizião, e fallarem-me todos a teu favor, além do muito que te empenhavas a que te cobrasse affecto.... Mas já tornei a mim d'esse encanto; que foi grande o socôrro, que para tal me deste, e do qual eu tinha precisão extrema. Quando te remetto as outras cartas, resérvo só-

mente as duas últimas, que mais a miúdo lerei do que não li as primeiras (*), a fim de não recair em fraquezas semelhantes. E quanto me não custão caro! E que affortunada eu fòra, se consentiras que te eu sempre amasse! Bem entendo que muito me occupo ainda em arguir-te, e me lembrar da tua deslealdade: recórda todavia, que a mim mesma me prometti agencear-me vida de mais remanso; e que a tenho de conseguir, eu tão desatinada resolução heide tomar... Tu receberás, sem grande desprazer, as nótas della. Eu que de ti nada já agóra quéro, mui louca sou, em repetir sempre o mesmo. Creio que te não escreverei mais. Quem me obriga a dar-te razão de quanto por mim passa?

(*) Falla das cartas que o Cavalheiro lhes escreveo antes da partida.

IMITACÃO
DAS
CARTAS AMOROSAS
D'uma Religiosa Portugueza.

• POR DORAT,

TRADUZIDAS LIVREMENTE DO FRANCEZ,

POR CAETANO LOPLZ DE MOURA.

• *Parte Segunda.*

CARTA PRIMEIRA.

EUPHRASIA A MELCOURT.



VENCESTE, Melcourt, venceste : já
não tenho remorsos , já de todo
me entrego á discrição d'amor:

já abraçada em seu fogo calco aos pés a razão, e tomo-o por meu unico guia. Reina em meu coração uma doce serenidade, uma satisfação indizível. Experimentál-a-hia se fôra criminosa? Não, eu não o sou; que só merece ser por tal reputada aquella que ama tibiamente, aquella que é inconstante. E eu não estou n'este caso; porque te amo para todo sempre, entrego-me inteiramente em teu poder, e d'isso faço gala. Como andava até aqui enganada, quando no seio d'uma apathia, acompanhada de não sei que desassocego, imaginava queo ser honrada consistia em ser insensível! Ah! quão presto me tiraste do erro com um só volver de teus olhos! Se o temor me fazia verter algumas lagrimas, se meus beijos erão frios, se engolfada em prazer meus suspiros delatavão certa inquietação secreta perdão mereço; que não é de estranhar me fallecessem as forças vendo-me em tão verdes annos nos braços d'um amante. Dotou-nos a

natureza d'um feliz instincto, que faz que ao mesmo tempo desejamos, e tememos os transportes d'um amante. Certa inquietação, que n'alma nos mora no principio d'uma amorosa affeição, causa-nos um certo terror, sem que nossos prazeres deixem de ser vivos, porisso que nos não pareçãõ innocentes. Porém quando com o progresso dos annos conhecemos melhor o que é o amor; quando esta paixão nascente cobra forças e deita raizes no coração, então nos confessãmos vencidas, e fazemos gloria de o ser: então chorãmos de prazer, e se alguma cousa nos assusta e afflige, é o receio de não amarmos com todas as potencias de nossa alma o mesmo individuo, que nos inspirava certa desconfiança. Será isso um crime? Religião santa! debalde vos invoco, debalde me lanço em vossos braços; encho-me de terror, mas longe de converter-me, cada vez idolatro mais aquelle que me aconselhais de pôr em esque-

cimento ; e esta alma , que devêra viver debaixo de vossa obediencia , se entrega toda em poder de Melcourt. Nem outra imagem diante dos olhos tenho , quando ante os altares me prosto : elle me falla , insiste porque cumpra a promessa que lhe fiz , e o consegue ; emfim suas caricias , suas perfeições tem mais poder sobre mim , que vossas ameaças ; e quanto mais forcejo por resistir-lhe , tanto mais prazer experimento , quando a final me rendo. Como é possível que predomine mais em meu peito o amor que a graça ? Céos ! ou dai-me forças para combatê-lo ou direito para amál-o : aquelle que nos dotou d'um coração sensível de necessidade nos deve tratar com indulgencia. Não estava em meu poder o desamál-o. Eu não sou mais que um instrumento ; amando , obedeço ao Deus que me creou ; elle é quem a isso me impelle , e não se compadece com sua justiça o aconselhar-me a amar , para ter ao depois o direito de me punir. Não , não ,

Melcourt, logo que tive a dita de te ver, senti que um poder irresistivel contigo me vinculava, e dispunha a meu despeito de meu coração, e vontade. Legítimo é nosso amor; que se não fôra, não serião tão vivos nossos prazêres. Taes, não os dá o crime. Quão feliz me acho, e quanto folgo de publicál-o! Jactar-te podes com razão de que te adoro, e usar de todos os direitos, que sobre mim tens. Que triste vida que passava, quando te não conhecia! Entregue nos braços d'uma criminosa indolencia, privada de toda especie de prazer, como de todo tormento, jazia como sepultada n'uma continua modorra: não dava féda successão do tempo, nem sabia em que o empregasse. Nada me podia tirar da inercia em que tinha empegadas todas as minhas faculdades, e até me mostrava indifferente no exercicio dos mais sagrados deveres. Afigurava-se-me que Deus nada mais era que um tyranno, um amo cruel; e a religião uma escrã-

vidão. Quão mudada que estou depois que amo! Como me parece deliciosa a existencia! Melcourt reveste d'uma belleza insolita os mesmos objectos, que pouco antes nenhum abalo fazião em meus sentidos. A aurora desperta meus desejos, e a noite encobre com seu manto nossos prazeres. Na primavera a natureza próvida nos offerece mil abrigos sob o verde docel das arvores; emfim vejo-me n'um novo universo creado e embellezado por meu amado.

Que digo! Meus deveres parecem-me menos austeros, meu jugo mais doce, minhas prisões mais leves, Deus mais indulgente, e bom, depois que amo. Que de obrigações não devo á amavel madre, que governa esta santa casa! Não contente de adoçar-me os rigores da clausura, protegeo nossos amores, sem osaber. Tratou-me como a filha sua, e a ella devo o conhecer-te, querido Melcourt. Ah! sem duvida que tambem em seu tempo amou; que se não tivera amado,

seria muito menos indulgente. Tudo a nosso favor se declara, tudo minha paixão justifica: um Deus sem duvida protege nossos amores, e nos torna invisíveis aos olhos de todos, e nossos prazeres tanto mais gostosos são, quanto mais occultos. Dá-lhes ainda mais salo constrangimento, e rigor da clausura. Quando depois de passarmos alguns instantes, enlaçados nos braços um do outro, porfim nos separâmos, então sentimos o bem que perdemos, e tratâmos de buscar novas occasiões de nos vermos. Não, tu não podes conceber até onde se estende o meu reconhecimento, e o como me dou a mim mesma os parabens da escolha, que de ti hei feito. Pois que direi d'esses instantes, que passâmos juntos engolfados n'um prazer, que é mais facil experimentar, que definir? Quando com véras amâmos ainda depois do prazer, somos felizes; descansão os sentidos, mas trabalha o pensamento, de sorte que a um pra-

zer succede outro prazer. Graças á imaginação nossa dita se eterniza, como se os cofres d'amor fossem inexgotaveis. Se estás ausente, caro Melcourt, nem por isso deixo de vêr-te, de abraçar-te, porque sempre tenho presente na memoria a tua imagem, e teu nome, que mais de cem vezes profiro, basta para suavisar-me o dissabor, que me causa tua ausencia. Emfim contigo sonho se durmo, e não sou menos feliz, que acordada.

Mas emfim sempre são sonhos; vem, caro Melcourt, vem realizál-os: vem tomar conta d'um coração, que é todo teu: vem, que não me ouvirás mais queixar-me de tibieza. Pelos ceos, t'o juro, querido amante, e se faltar á minha promessa, consinto em que cesses de amar-me.





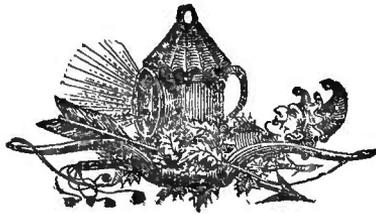
CARTA SEGUNDA.



PERDOA-ME, caro Melcourt, se
me enganei, porém não sei o
que te achei hontem no sem-

blante, que não pude descansar toda a noite. Teus olhos parecêrão-me menos brandos, e pela primeira vez notei que de mim os desviavas. Fallaste-me, e o som de tua voz tinha não sei que aspereza. Não me deixes mais tempo em tão mortal desassocego : porque estavas triste, ou antes enfadado? O menor aceno teu, o menor desprazer que tenhas, me dá cuidado. Quero saber quanto no teu coração se passa. O mal, que ao principio desprezâmos de tratar, torna-se ás vezes demasiadamente grave. Tu és para mim o que n'este mundo ha de mais precioso; para ti só é que existo, e quanto mais existo, tanto mais te adoro; a tal ponto que receio enlouquecer; para isso bastaria uma leve suspeita. O receio de que o amor, que me tens, já não é o mesmo bastaria para me levar á sepultura. E pois que a ti devo uma nova existencia, cumpre que m'a conserves; o contrario seria destruir tua propria obra. Já não tens motivo algum

para ser inconstante; estás ligado por teus propios beneficios, e não sei que haja cousa que mais sagrada, e respeitavel seja. Mas que digo! Suspeitar tua boa fé, crer que és capaz de cessar d'amar-me é o mesmo que vaticinar a época de minha morte. Seria possível que... não sei o que digo... Se te offendi, Melcourt, castiga-me como te der na vontade; não tenhas contemplação commigo, que nenhuma mereço, pois te crimino, sendo eu quem deveria ser criminada.





CARTA TERCEIRA.



ENDO que ponho todo o empenho em agradar-te, como é possível que te tenha dado um mo-

tivo de enfado! Como é que, amando-te por cima de quanto se póde imaginar, te occasionei um dissabor! Que mais soffreria se infiel te fôra, se por tão leye falta me retalhão o coração os mais agudos remorsos? Mas de que os devo ter? Por ventura de amar-te com demasiado ardor? Com razão me queixo, pois me occultas o motivo de teus pezares, sendo que, se em alguma cousa me desvelo, é em patentear-te quanto no coração tenho. E tu quanto no teu trazes me escondes, e é mister que o adivinhe. Se meus olhos te exprimem toda a vivacidade de meu amor, enfaço-me commigo mesma, e desejo têl-os mais ternos e maviosos; se acerto de te olhar com certa languidez, accuso-me de te não mostrar senão ternura, quando minha tenção era dar-te a ver quão violenta é a paixão que me inspiraste. Acho que sou tibia, todas as vezes que não dou em extrema, e assento que nada te hei dito, quando me tenho ex-

pressado do modo mais sensível; e tu pelo contrario pões mui particular cuidado em occultar o que sentes. E a quanto ha que tens segredos, que me não podes confiar? Para tamanha desgraça não estava eu apercebida. Como! fechas-me o teu coração, sendo que do meu te patentêo o mais recondito. Ceos! que me delata tão estranho procedimento? Toda me estremeço, quando n'elle reflecto. Mas porque assim me desvelo em saber quanto n'alma tens, sendo que talvez n'ella não tenho de encontrar senão tibieza, dissimulação, e inconstancia? Ah! já atino com o motivo, por que com tanto cuidado occultas o que sentes; é porque temes não venha eu a conhecer que me és infiel. Talvez tambem por compaixão por mim assim o faças. Ah! e porque te não mostraste qual es a primeira vez, que me appareceste? Conhecendo-te melhor, faria por arremedar-te, e não soffreria agora os tormentos, que padeço. Mas tu, cruel, parece que de industria te

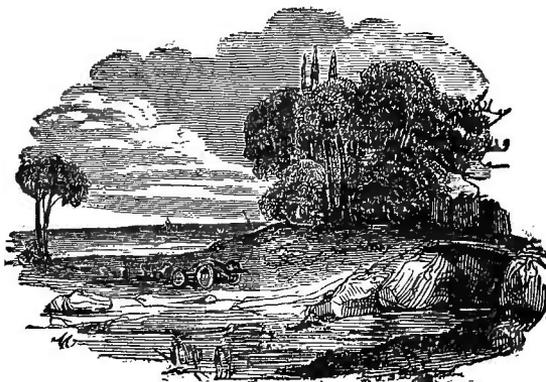
revestiste do exterior mais amavel, que dar-se póde, para me cativares, e logo que me viste cativa mudaste de semblante. E todavia por natureza sei que és assomado, sobre tudo quando imaginas que te ultrajão; e só no que diz respeito ao amor te has com uma moderação, que toca de indifferença, ou antes de insensibilidade. Ingrato, que te hei feito para que assim me desames? Esses impetos que em ti desperta a colera, porque os não produz o amor? Porque tão diligente és em de mim te apartares, como remisso em me vires ver?

Mas com que direito te dicto leis, sendo que jurei de obedecer ás tuas? Escrava, todo o meu merito deve consistir na obediencia; e rebellar-me contra a tua vontade seria um crime, e mais que mûito sabes o como castigar-me. Com que desenfado me propoeste hontein de me ajudar a pôr-te em esquecimento, e como tomaste um ar indifferente! Ceos! pôr-te em esquecimento!

Riscar-te da lembrança! Nunca mais apascentar em ti os olhos! Horrivel proposição! Se eu fôra capaz de acceitál-a, mereceria passar mil vezes pelos fios da morte. A simples suspeita de que me crês disposta a fazêl-o me faz gelar no coração o sangue : e tudo te perdoaria, menos o fazer de mim tão máo conceito. Sim, que o amor, que te tenho é tal, que menos me magoaria o saber-te infiel, do que o suspeitar que d'elle duvidas; assim que, quanto mais tibio commigo te mostras, tanto mais por ti me abraço, porque não está em meu poder, por mais culpado que sejas, o desamar-te. Posso affiançar-te que ainda te não mostrei a que ponto chega a paixão, que me inspiraste; porque me cohibo por ver em teus olhos, que me amarias mais se me houvesse com mais moderação. Se d'isto não déste fé, por aggravada me dou, que seria da tua parte mais que crueza o não ser sensível a tão custosos sacrificios. Não é mi-

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 277
nha intenção, Melcourt, fazer delles alardo, e menos lançar-t'os em rosto; porque quanto mais peniveis são, tanto mais occultar-t'os desejo. Que importa seja ou não perfeita a minha dita, se a tua o é? Que me importa te mostres na apparencia indifferente, se no interior te abrazas em amor por mim? Talvez não penses tu do mesmo modo a meu respeito. Não abuses com tudo desta minha franqueza, que seria faltar de generosidade, e della te dou um bem sensível exemplo. Faze por imitar-me, meu caro Melcourt, o que não tolhe que me venhas ver, pedir-me perdão, e jurar-me uma fidelidade, e um amor igual ao que te tenho.





CARTA QUARTA.

Tão bella achastes essa dama
franceza com que hontem dan-
sastes? Andou mal D. Pedro em

t'a inculcar por tal. Devéras, que n'ella nada vi, que podesse cativar o coração d'um homem, nem sei o como podeste passar tantas horas ao pé d'ella. Sua fisionomia pareceo-me pouco expressiva, e d'ella julgo que é pouco discreta. Déstelle por ventura algumas consolações? Fizeste o panegirico de seus encantos? Não te causarão fastio as fallas suas? Que attractivos n'ella achastes? Talvez teve ella a condescendencia de fallar-te nas damas que em França conheceste, na esperança de tomar o lugar áquella que mais amasses. E creio que com algum fundamento se lisongea de o conseguir, que nos teus olhos vi claros indicios d'uma' paixão nascente. Uma tão estirada pratica só dous amantes entreter podem. Da minha parte dir-te hei, que não achei teus compatriotas taes, quaes me dissestes erão; parecêrão mais vãos, que amaveis; disseras que não sentem o que dizem: pelo menos não o pensão. Dissêrão mil ditos galan-

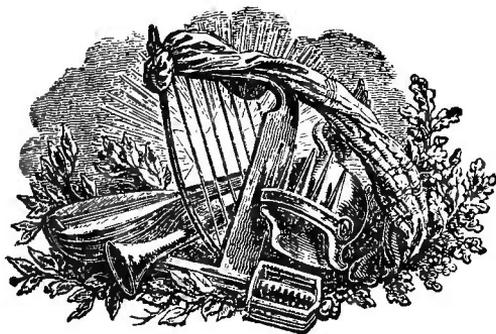
tes, e por tal maneira me azoinarão os ouvidos, que não pude descançar a noite; cousa que ignorarias, se eu t'ò não dissera, que tão diligente és em mandar saber noticias minhas. Talvez estejam a estas horas teus criados nas anticamaras d'essa Franceza, esperando que acorde, para se informarem da tua parte do estado de sua saúde. Com effeito assim o devias fazer, que tanto a empenhaste a dançar e a fallar, que bem se póde dar hoje por rouca, e cançada. Não sei que encantos n'ella achaste; nem se a crês mais sincera, e terna que qualquer outra; porèm d'antemão te affianço que se te não ha de render em menos tempo, que eu, nem amar-te com mais ardor. Não, que seria impossivel n'estes dous pontos levar vantagem a tua Euphrasia. Cedi-te sem combate, e um só volver de teus olhos decidio de minha sorte. Honra, nascimento, brio tudo por ti sacrifiquei. Se essa Franceza é mais extremosa, que eu, é mister que esteja a

estas horas sentada á tua ilharga. Assim o desejo, se n'isto consiste a tua dita, unico alvo de meus mais ardentes votos. Dou-te mesmo licença, se necessario for, lhe mostres esta carta. O que te escrevo não deve contribuir pouco para adiantar tuas pretensões, que tenho eu um nome assás conhecido, e não poucos me asseverarão era bem parecida, para não dizer formosa, bem que do contrario me certifica hoje teu desamor. Propõe-me pois por modelo a essa rival, dize-lhe com quanto estremecimento te amo, e vejamos se se acha com posses para hobrear commigo. Sim, ingrato, eu te idolatro, quasi que é um delirio minha paixão, e apenas para te amar sobejão todas as forças de minha alma. Faze a essa rival sacrificio de meus transportes; que antes quero perder-te por excesso, que por falta d'amor. A dizer a verdade n'este momento pungem-me a não poder mais os ciumes; inconstante te creio, e esta idéa, como

um agudo dardo me passa de parte a parte o coração. O que não obstante amo-te, Melcourt, como jamais ninguém n'este mundo amou, e mil vezes mais que minha propria vida. Detesto Eleonora, que foi occasião de que visses essa Franceza; detesto a dança, e amaldição o que a inventou; detesto tambem a França, e mais que tudo essa rival, que te cativou o coração : entretanto amo-te mais do que nunca, dado que esteja persuadida de que me és infiel, e quer-me parecer que te amaria, quando mesmo nos braços d'essa Franceza te visse. Sim que não sei haja um homem, que tenha as tuas perfeições. Ah! e quão fóra de mim estou, que em vez de censurar-te, te louvo, e te engrandeço? Sim que antes quizera que me desamasses, do que cercar um atomo do prazer que experimento, quando rendo justiça a teus merecimentos. Oh! e como o amor ajunta cousas entre si contrarias! Quão impenetraveis

são os arcanos seus! Não os decórtina a mais aguda vista. Tudo quanto de ti se avizinha me accende em colera, e zelos, e todavia sinto-me com forças para ir ao cabo do mundo procurar-te novas conquistas. Aborreço entranhavelmente essa Franceza; far-lhe-hia quanto mal se póde imaginar, apagál-a-hia de teu coração, onde desejo reinar exclusivamente; ardo em desejos de arrancar-lhe a vida, por mais que custe, e não obstante pôl-a-hia de posse do bem a que ella aspira, se soubera era isto de teu gosto. Sim que nada ha que mais me contente que ver-te alegre, e satisfeito. Éa tal ponto, que para que tenhas um instante de dita, não duvidaria expôr-me a seculos de pezar. Donde vem, caro Melcourt, que já não és o mesmo, sendo que te amo com igual ardor? Ah! que se me amáras, nossos dias serião sempre puros, sempre serenos. A prisão que nos une seria entretecida de rosas: tu serias a fonte de meus prazeres, eu

o nascente dos teus ; de ninguem teriamos inveja, e todos a terião de nós. Quem ha hi que possa, como eu amar-te? Quem que maior caso faça de teu amor? Ah! que se m'ò denegas, tens de enterrar-me. Demais que acostumado a meus fogosos transportes, as caricias d'outras mulheres devem de parecer-te frias, nem é possivel sejas completamente feliz nos braços d'outra que não seja a tua Euphrasia. Teme, Melcourt, de te affeicoares a quem talvez não te ame. Quão infeliz que serias se não deparasses com um coração, como o meu! Quem senão eu entender póde o que dizem esses teus olhos tão ternos, tão eloquentes? Não, não, formou-nos a natureza um para o outro; ella é que me impellio a amar-te, e foi tambem ella quem te aconselhou de collocar em mim o teu affecto. Amar é uma lei a que todos estamos sujeitos, mas ninguem a sabe observar mais á risca do que tu, e tua Euphrasia.



CARTA QUINTA.

J'a não posso esperar, é mister
que te veja, e o mais depressa
que fôr possível. Cruel Melcourt,

quando terá fim tão dolorosa ausencia? Escreve-me ao menos, dize-me quando contas voltar. Lembra-te que já ha dous dias que partiste; dous dias, disse eu? dous seculos. Acompanhaste a El-Rei n'esta jornada menos pelo desejo que tinhas de ver as nossas náos, do que para acintemente me desesperares. Partiste, para m'evitares; para te livrares da importunidade de meus desvelos. Effectivamente importuna sou, nada me contenta. Com a menor cousa me assusto, o menor sonho me inquieta; duas ou tres horas d'ausencia me mettem em desesperação; emfim no momento mesmo em que me engolfo em prazer, sinto não sei que desassocego, porque duvido da vivacidade do teu, e se d'elle não me dás evidentes provas, ponho em questão meu proprio merito. Enfado-me commigo, se de meus transportes não dás fé; se me não olhas com a mesma ternura, se pareces preocupado d'al-guma cousa, entro logo em sustos. De-

pois que partiste ainda se não aquietou um instante o coração, e todavia estás ás abas da cidade, e retido por um dever indispensavel. Se por ventura sei que onde estás se achão algumas damas, cada uma d'ellás se me afigura, como uma rival; e se me vejo descativada d'este receio, acodem-me immediatamente outros. Quem ama vive em continuo desassocego, por mais cordato que seja, que não ouve amor conselhos da razão. Certo que os objectos de meus temores talvez n'este momento te sirvão de recreio. Esses navios, essas armas, esses aprestos de guerra pevão inteiramente teu peito, apagão d'elle minha imagem, desfazem-te das doçuras do amor. Talvez a estas horas estejas formando o projecto de te partires para França, e buscas pretextos para assombrar a meus olhos esta subita resolução. Menos susto me dá a França com seu luxo, e perigosas damas, que esta pompa horrivel em que com gosto os olhos apascentas.

Não que seja a tal ponto injusta que assente, deves empregar todo o teu tempo em amores, o não nos deveres militares; que prézo mais a tua reputação e gloria, que minha propria dita. Ai de mim! que ainda mal não ignoro que não vieste ao mundo para passar a vida ao pé de mim; porém quisera que a imagem da guerra te causasse o mesmo horror, que a mim; que todas as vezes que n'ella pensasses, sentisses as dôres crueis, que me ha de causar a tua partida. Não digas que para te affligir, de industria sem motivo me assusto, que não quizera eu causar-te o menor pezar, e por uma só lagrima que te fizesse verter, crer-me-hia obrigada a chorar milhares d'ellas. Não tenhas medo, Melcourt, que eu te aconselhe a deshonnar teu nome, mareando a reputação de esforçado, de que tão mercidamente gozas. Não, pelo contrario eu serei a primeira a te exhortar a partir, ainda que se me parta o co-

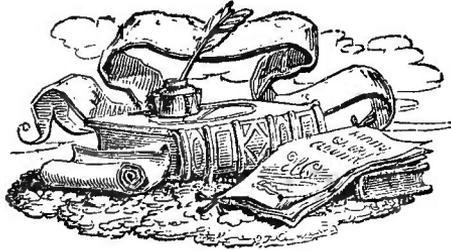
ração com dôr. Para conheceres a fundamento esta alma onde imperas, dir-te hei, que me teria por desditosa, e detestaria a vida, se soubéra, que por minha culpa havias de soffrer, sem a menor consolação, os males crueis da ausencia. Que é pois o que pretendo? Eu mesmo o ignoro: amar-te toda vida, e desvanecer-me de ter sido de ti amada. Com razão me taxarias de insensata, e a verdade é que o sou, e folgo de o ser. Perdoa-me, caro Melcourt, que se perco o juizo, tu d'isto és a causa. Se para ter juizo, é mister ter menos ternura, dou renuncia áquelle em favor d'esta. Amor, amor só nos deve dictar leis: elle te formou para seres o enlevo de meus olhos, e eu nasci com a sina de adorarte. Obedeçâmos pois a amor; se elle se dá por pago, que importa que a razão murmure? Desventurosa de mim! que sou só quem por este theor ama: só meu coração é capaz de se abraçar ao ponto de pôr em esquecimento quanto prezão

as demais mulheres. Tu, Melcourt, tu conservas a tua liberdade, ouves-me assim discorrer sem experimentar o menor abalo, trazes os teus pensamentos registrados, e á razão sujeitos. E não te envergonhas d'este socego, e paz de espirito, sabendo que em breve tua partida, e o horrivel flagello da guerra me hão de pôr ás portas da sepultura? Não, não; de semelhante traição te absolve; porque é impossivel que sejas a tal ponto insensivel, e perjuro. Certa estou que estremeces em vendo esses terribes aprestos, que enfiaste, quando te dissêrão que éra mister partir. Sim, em vindo achar-te-hei mais terno, se menos amavel, e saberei que sou o objecto de toda a tua ternura.

Vem pois, caro Melcourt, vem apaziguar-me o coração; vem, que se tardas enlouqueço. Pelo desalinho e desconcerto d'esta julgar podes do que em juizo encontrarás. Escrevo como penso, e o que n'este papel leres é a fiél expres-

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 291
são do que tenho no coração. Vem e
verás os effeitos de tua ausencia; pal-
lida, desfigurada, talvez não reconhe-
ças a tua Euphrasia.





CARTA SEXTA.



omo! nada será capaz de alterar essa serenidad d'animo, que talvez para me desanima-

res ostentas? Ver-te-hei sempre frio, sempre indifferente, e quasi insensivel aos gemidos, como aos desdens? Será por ventura mister para causar-te algum abalo, que nos braços d'um rival me lance? Dize-me se assim é, e se o devo fazer, quando presente fores? A' excepção d'isto tudo o mais hei feito? Propoz-me hontem no passeio a mão Almeida, aceitei-a, e ao pé d'elle estive á mesa, e deves de estar lembrado, que com elle conversei largo tempo, e todas as vezes que acertaste de pôr em mim os olhos é impossível não notasses, que volvia eu ternamente os meus para o duque. De tempos a tempos disse-lhe ao ouvido algumas palavras, a fim que as tomasses por cousas de maior peso. E tu, insensivel a tudo, conservaste a mesma inalterabilidade de semblante, sem que se te divisasse n'elle a mais leve sombra de ciúme, ou de despeito. Ingrato! que se me amáras, outro foras. Ceos! ainda não o posso acreditar : um

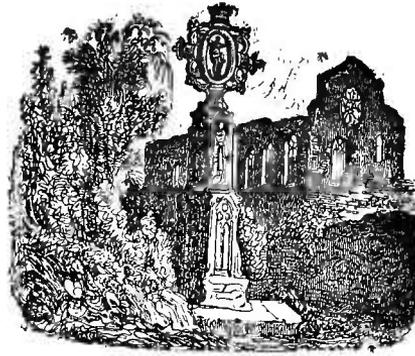
homem por quem sacrifiquei quanto de mais precioso tinha, a honra, e o socego; um homem que amo por cima de quanto se póde imaginar, a quem votei todas as potencias de minha alma, faz tão pouco caso do affecto meu, que vê com indifferença collocál-o n'outro objecto? Ah! que mûito mais te amo, pois só a menor sombra de infidelidade me põe ás portas da sepultura. Se por acaso pões os olhos n'uma dama, toda estremeço, e ainda que esteja certa de que o fizeste por inadvertencia, e sem segundas tenções, não ardo por isso menos em zelos. O que tu por decencia, por uso, cortezia concedes ás outras mulheres sobra para me ter acordada noites inteiras. Dous dias d'ausencia parecem-me dous seculos de tormento; e tu vês-me fingir que n'outrem ponho o meu affecto sem demonstrar nem a mais leve turvação? Vem-me alardear d'ora em diante os extremos que por mim fazes: leio-te por dentro, e mais do que quizera. Não, não

engolirei esta affronta : hei de me vingar. Ah! e o como é doce a inconstancia em occasiões taes ! Mas que, se não me sinto com animo para pôl-a em pratica, se toda a minha colera se cifra em suspirar por ti ! A quem poderei amar, se em todo o universo não vejo senão um homem que digno seja de meu amor, e este és tu, cruel? hontem mesmo que estava a não poder mais encolerizada contigo, hontem que tua indifferença avultava meu despeito, meu coração indulgente anhelava pelo teu : achava graça até no ar desdenhoso, que affectavas : tanto assim que tu eras o objecto da conversação, que com o duque tive, eis todo o misterio. Desejava achar um pretexto para te dar ciúmes. Que imprudencia! Meu irmão nos estava observando, e o mesmo fazião quantos ali estavam. A menor palavra, o menor aceno indiscreto que fizesse nos perdia. Com que arte te fingiste indifferente! bem que tenho para mim que poderia-

mos mostrar que estavamos enfadados, sem que ninguem se advertisse. Sim que se meu proceder te causara, já não digo ciúme, mas o mais leve despeito, em teus olhos o veria; teu silencio mesmo m'ò daria a conhecer. Mas ai de mim, que em teu semblante nada mais vi, senão ternura; e não era isto o que n'elle esperava encontrar. Desejava sim ver-te enleiado, afflicto, pesaroso, indignado, ver-te assaltado das mais violentas paixões, emfim prompto a romper commigo, a detestar-me, a fazer o elogio d'outra qualquer mulher, e dizer-lhe mesmo alguns ditos para galanteál-a; desejava, para encurtar razões, ver-te com ciúmes. Sim, Melcourt, devias têl-os, pois que assim ás claras te offendia. Mas em vez dos transportes de colera, que minha supposta infidelidade devia motivar, déste a mão ao duque, e com elle conversaste com o maior desenfado. Dá-te do feito as vivas, mostraste com toda a evidencia o pouco

amor que me tens , e eu sou tal , que ainda assim te amo , e te idolatro com o mesmo ardor.

Cruel , quando reflecto nos deliciosos momentos que passei nos teus braços , saúdades tenho , e não remorsos. Ah ! que se assim por ti me abraço , quando me dás tantos motivos de enfado , que seria , se estivera contente , e satisfeita ? Que digo ! viste-me já em colera , já ardendo em zelos ; umas vezes triste , outras no cumulo da alegria ; mas como quer que estivesse certo que não dirás que minha paixão deixou de ser por ti a mesma. Ama me , Melcourt , ama - me como eu te amo , se queres ser perfeitamente feliz. A vida sem amor é insupportavel ; não conhece a dita o que é indifferente. Meus amorosos transportes são os meus unicos bens : ama - me , Melcourt , arbitro de minha alma , e minha unica consolação , que se não me amas com o mesmo ardor , melhor seria me desamasses,



CARTA SEPTIMA.

Em que pões a mira quando por tal theor me escreves? Provavelmente que me estavas a son-

dâr, que não posso crer te persuadas que desdenhando um coração, como o teu, aspire por reinar n'outro. Todavía perdôo-te a suspeita, bem que injuria faças ao affecto, que te consagro, porque tambem já de ti as tive, não obstante amar-te estremecidamente. Porém não posso relevar que dêes por consumado o crime, e que n'este presuppôto me ultrajes, e rompas abertamente commigo, protestando nunca mais verme. Desamor tal nenhum perdão merece. Tambem por vezes concebi de tua fidelidade não poucas suspeitas; fui ciosa, confesso, porém nunca assomada, e menos descôrtez. No momento em que sobia de ponto a minha colera, e despeito, nunca perdi da memoria quem tu eras: e tu ousas injuriar-me, sabendo que te amo, como ninguem jámais amou? E teu coração se revolta de si mesmo contra mim? Tão certo é que me não amas, que o côstume levá-te a lingua a m'ó affirmares. Em castigo de

teu injusto proceder, ingrato, deixo-te ás tuas proprias suspeitas; poderia sem muito custo fazer-te ver o pouco fundamento d'ellas, e talvez isto a minhagloria necessario fosse; porèm val mais que te deixe em teu engano. Poissim, cré que te aborreço, que outrem amo, que sou de todas as mulheres a mais inconstante. E todavia esse homem de que me fallas nem o vi, nem lhe fallei, nem lhe escrevi, e não sei quem tal ousou affirmar-te. Com pouco me lavaria d'essa imputação, mas por teu castigo, de industria me resolvo a deixar-te n'essa tua cegueira. Sim, que se o contrario fizesse daria a ver que sou insensivel ás affrontas, e que estremeço á menor ameaça tua. Para nos entendermos era mister primeiro que refreasses esses assomos.

Dizes-me que vas partir, que te ausentas da cidade, para não respirar o mesmo ar que eu respiro, e tão determinado estás a nunca mais me ver, que

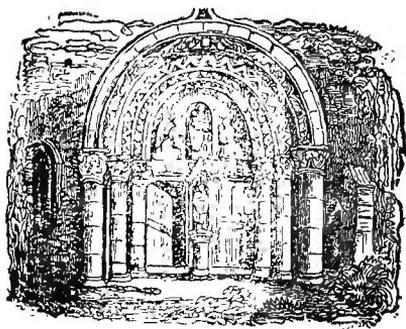
asseveras serias capaz de apunhalar teu melhor amigo, se este te propozesse de vir a minha casa. E ainda assim me queres dar a entender, que semelhante resolução é um effeito do grande amor, que me tinhas? E que te hão feito meus olhos, para que d'elles desvies para sempre os teus? Tão mal exprimirão elles minha ternura! E para os não ver deixas Lisboa? Não tenhas tamanho incommodo, deixa-te ahí estar: a mim cabe o evitar a tua vista, que foi a causa de todos os males, que padeço; verdade é que tambem bastantes prazeres me deo. Quando me lembro da viva emoção, do estremecimento, que sentia, dos deliciosos extasis, em que me lançava sómente o ruido de teus passos; quando me sobe á memoria a idea de nossos passados prazeres a meu despeito te concedo, ingrato, um perdão que estás bem longe de pedir-me; que não sei, que antes de te conhecer tivesse vida, nem que possa conservá-la,

tendo-te perdido. E tens animo de propôr-me uma eterna separação? Satisfeito serás, descativar-te-hei de minha presença. Porém antes cumpre que te faça ver a olhos vista minha innocencia, de maneira que detestes tua injustiça, e credulidade. Quem sabe se arrependido te não virás lançar a meus pés, e regál-os de tuas lagrimas. Para gozar de tão mavioso espectaculo por tres vezes estive a ponto de ir ter contigo, e talvez antes do fim do dia dê tão arriscado passo; que tão fóra estou de mim! Sim, que no estado em que me vejo nenhum imperio tem sobre mim a razão, e posso aventurar-me a tudo. O que me retêm é o saber o quão moderado sejas, e quanto te dissaboreão repentines taes. Gabo-te a discrição; e com effeito n'este ponto devo confessar que muito te esmeras; que tanto cuidado te dá a minha reputação, como a tua propria; e se houvéra de me queixar, seria de

sêres n'isso algum tanto extremoso. Certa estou, que me não perdoarias, se n'um transporte, dêsse um passo, que divulgasse nossos amores; talvez mesmo, que depois d'um tal escandalo, fosse a teus olhos um objecto mais digno de desprezo, que d'amor. Esta idea abreviaria meus dias, tão necessaria é á minha existencia tua estima. Desama-me, injuria-me, dá-me quantos nomes na colera te viérem á bocca, tudo posso soffrer, menos despezos. Este é o unico receio, que tenho, e só elle me levaria a tua casa, e não o amor. o amor? Mereces tu que por ti tenham? E não obstante talvez d'amor provenha a colera tua. Se Melcourt não me amasse, descomedir-se-hia a tal ponto? Mas que me importa, que esses teus assomos sejam effeitos do odio ou do amor? Inexoravel sou, e quando fôras innocente, por culpado te tenho, e com isto folgo. Sim, ingrato, em breve me

304 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.
ausento d'esta cidade para nunca mais
ver-te, Em colera estou, e quero estar,
nem jámais tomarei a penna para te es-
crever.





CARTA OITAVA.

CARO Melcourt, que havemos
feito? A que por juramento nos
obrigámos? A nunca mais nos

II,

18.

ver? E foi possível que a tal ponto ensandecessemos? Retractemo-nos, quebremos juramentos táes, que muito nos custaria se quizessemos comprí-los á risca. Demais que não estávamos em nosso juizo quando o fizemos; no affogo da paixão peor fariamos. Vem ver-me, Melcourt, e já. Cruel, assás me tinhas ultrajado com tuas injustas suspeitas; era da minha honra vingar-me, portanto determinei de nunca mais vêr-te. Ceos! que vingança! Como me pôde vir ao pensamento semelhante idea, se mal posso respirar se duas horas te não vejo? Como se não tiveramos assás de constrangimento em nossos amores, para assim avultarmos mais nossos communs pezares. Dizes que desejas ver-me para implorar teu perdão, vem como quer que estejas, irado, ou arrependido; que antes quero supportar os impetos da tua colera, do que os tormentos de tão cruel ausensia. Mas que digo! Já sei que em teus olhos não tenho de ver vestigio al-

gum d'ira, que bein m'o dissêrão elles esta manhã na igreja : tão abrasados em amor os tinhas, que entendi logo estavas arrependido. E tu não vistes nos meus indicios certos do prazer que teria de te perdoar ? Ponhamos em esquecimento essas suspeitas injuriosas, que drêo motivo a tão comprido arrufo, e que nunca jamais se renovem. Nasce-mos para nos amar, Melcourt: para te amar me deo Deus esta alma; que se assim não fôra, não te ornaria elle de tantos, e tão brilhantes dons. Formou-te de industria para mim; assim que, durante este arrufo não deves ter padecido menos, que tua Euphrasia. Quando mais accesos estamos em colera a influença de nossa estrella póde mais, que nossa propria vontade, e nos lança nos braços um de outro. Deos grande! que de lagrimas não verti durante este arrufo! E quando me via obrigada a apparecer diante de gente, que de esforços para engolí-las me não

era mister fazer ! Quanto errâmos, Melcourt, quando assim desperdiçámos o tempo que deveríamos consagrar ao amor ! Não obstante os clamores do brio, a meu despeito, levavão-me os pés em teu seguimento, e logo que sabia te devias achar em tal ou tal lugar, para lá me encaminhava; e sendo-me vedado dar-te a conhecer por palavras, ou acções os tormentos que soffria, dava cargo a meus olhos de t'ò dizerem. Ontrotanto fazias tu; conduzido por igual destino seguias todos os meus passos, e onde quer que fosse certa estava de lá deparar contigo. Não era o acaso não que ali nos ajuntava, que em casos taes tudo nasce do amor. E a dizer-te a verdade, embora m'ò imputes a vaidade, nunca em teus olhos vi mais ternura, do que quando commigo estavas enfiado. É singular que, sentindo-nos um com outro irrevogavelmente unidos, tratássemos de desatar tão doces prisões, e que a isso resolutos nunca o podesse-

mos conseguir. Mas de que me queixo? É impossível que deixemos de ser o que na realidade somos. Bem sabia eu quão terço, quão amavel fosses, mas ignorava que tocasses tanto d'assomado; sabia eras fogoso, mas não que tivesses tanto pundonor; sabia eras cioso, (que não é possível não o ser, quando realmente amâmos); porém como nunca te tinha dado para isso motivos, ignorava o como te haverias, quando em zelos abrasado, e quiz fazer a experiencia. D'ora em diante guardar-me-hei d'esses indiscretos desejos, como tu da tua parte de mal fundados ciúmes. Abafa, caro Melcourt, esta paixão ainda recente, e mostra-te qual és, qual te fez a natureza; que nunca tão bello me pareces, como quando ares dás de ser feliz, e aquelle que sendo-o não nos parece amavel, menos nos pareceria, se não o fosse. Quem não sabe encaminhar para o bem a indole da pessoa a quem ama, avultar-lhe as perfeições, e virtudes

não se deve queixar da ventura, mas só sim de sua propria incapacidade. Escrevo a esmo, e digo-te quanto me vem ao pensamento, e escrevo-te porque te não posso ver, que se o podéra largaria das mãos a penna para te estreitar nos meus braços: que esta pratica muda supre bem imperfeitamente a expressiva linguagem dos olhos teus. Demais que vendo-nos, ambos felizes somos, e escrevendo-te só eu é que o sou. Verdade é que na primeira supposição alguma inquietação temos, porque receiamos nos vejaõ, ao passo que na segunda nenhum constrangimento experimentâmos; agora que todos dormem, e se dão por felizes de dormir, agora que vogão as illusões, e não a realidade, agora que os mentirosos sonhos baixão sobre os mortaes, engolfo-me em mares de prazer; e o silencio que em torno de mini reina faz que sejam muito mais vivas minhas sensações. Sou livre á noite, e em que posso empregál-a melhor, do

que em tão delicioso exercicio? Oh quanto é ditoso o que ama, e quão digna de compaixão a sorte d'aquelle que não conhece as doçuras d'esta mimosa paixão! Mas já lá assoma a aurora. Deus! que dita a minha! Mais cedo teria ella assomado, se me pedira conselho. Com que vagar se vem adiantando o sol; ah! que se elle como nós em amor se abraçára.... Adeus, vou deitar-me para enganar o tempo.





CARTA NONA.



ou eu a mesma que d'antes
era? És tu o mesmo Melcourt?
Como é possível que manifes-

tasses tanto amor, sem que eu sentisse essa embriaguez, esse doce deliquio, que nos tira fóra de nossos sentidos? Notei em teus olhos um ardor inquieto, um desejo vehemente; e eu senti-me fria, como d'antes. Sirva-te isto de exemplo para nunca mais commigo te enfadares. De que deliciosos extasis nos não priva um arrufo de poucos dias! Que não sei que voz me está de continuo a dizer, que desque te amo me desamas, e que esses transportes d'amor, que me mostraste, nascem de saberes estava contra ti irada. Se assim é, gabo-te o artificio, e não a sinceridade. Ceos! como é triste a sorte de quem em amor tem demasiado melindre! Por um instante de dita, a que pezares não está sujeito quem com esta fatal delicadeza ao mundo veio. Teus transportes, que a serem sinceros me encherião de prazer, sendo fingidos metter-me-hião a tormento. Meu coração requer outro igual, e mais receio me causa o vêr-te simulado, que tibio. Aspes-

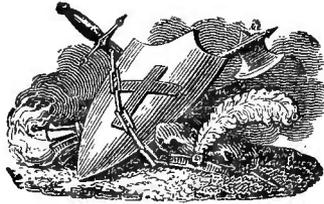
soas pouco delicadas contentão-se com o exterior, as sensíveis pelo contrario só no interior o fito põem. Confesso que hontem no momento em que teu ardor estava no maior auge, não sei que tristes presentimentos a tal ponto me abalavão, que um frio interior me gelava nas veias o sangue. Não me atendo ao que me dizião teus olhos, tratava de descortinar quanto em tua alma volvias. Que seria de mim, Deus grande, se apezar d'essas mostras exteriores de amor descobrisse que te era indifferente, e que mostrando-te tão apaixonado, nenhum affecto me tinhas! Anteponho-te á minha vida, á minha reputação, a tudo quanto tenho de mais caro, porèm antes quizera que me aborrecesses, do que fingisses um amor que não tens. Sé embora frio, descuidado, exigente, tem quantos defeitos queiras, menos o de ser dissimulado. Não ha arte que mais horror me inspire, que a da dissimulação; é o peor defeito, que póde ter

um amante. Sim, antes te perdoaria o ser-me infiel do que o querer parecê-lo. Mas por que motivo assim me afflijo; arredemos de nós tão tristes imagens. Não, tu não has de ser nem infiel, nem dissimulado para com tua Euphrasia. Foi puro engano meu, pura illusão de meus sentidos, que nunca me pareceste mais amavel do que hontem, quando em meus braços repousavas. Tuas faces se tingião d'um novo carminim, teus olhos erão ao mesmo tempo mais ternos, e mais vivos, a ponto que seria impossivel que não cedesse a teus desejos. Não, não, não era um fingimento; em teus ardentes beijos se te evaporava a alma, e com a minha se confundia. Ah! E quão feliz que eu era! Tu só me podias ensinar o caminho da dita. A teu amor devo esta nova existencia, que desfructo. Embora me abandones, embora me prives de tua presença. Livre sou de amar-te, e hei-de fazê-lo quersejas fiel, quer inconstante, a meu despeito, e

talvez... ao teu , cruel. Dou - te contra mim mesma armas , não importa , não quero que me ames á força. Talvez podesse valer-med'outras artes; por inuteis as reputo : Em o amor despregando as azas, nada lhe tolhe o vôo. A paixão que por ti tenho não conhece limites , nem guarda contemplações. Toda me entrego ao prazer, que em amar-te acho; faço o que meu meu coração me diz, e não o que me aconselha a razão , que te desamaria, se vendo-te, me puzesse a raciocinar. Quanto me vires fazer nasce d'um natural impulso, e não d'um estado anticipado. Assim não observo um methodo certo e determinado ; detesto tudo quanto se faz por ser do estilo ; quando sigo teus passos, sigo os impulsos de meu coração , cedo a certa avidéz curiosa de te vêr, que nunca se farta ; pois que chego a procurar-te em lugares onde nunca costumás ir. Se o mesmo desejo sentisses quão ditosos seríamos ! Nossas almas andarião sempre unidas, bem que

nossos corpos fossem distantes. Obrigão-me a passar o dia d'hoje n'uma casa onde não tens entrada, mas se nos amâmos , estaremos sempre unidos espiritualmente.





CARTA DECIMA.

MELCOURT A EUPHRASIA.



OR onde começarei esta carta?
como ousarei dizer-te, cara
Euphrasia, que parto, que vou

viver ou antes inorrer longe de ti? Adeus ventura, d'ora em diante só desgraças me reservão os fados. Encantadora illusão, meigas delicias onde vos fostes! Para sempre me deixastes, e tomou-vos o posto a imagem da patria... Da patria que tem de ser minha sepultura. Emfim tenho de partir, de me apartar de ti não sei até quando. Ah! e como me falecem as forças, quando em tal penso! Quão présto mudou de rosto a fortuna! Ha pouco que amor me embriagava os sentidos, e ao mesmo tempo vertia em meu coração torrentes de ineffavel doçura. Toda a minha felicidade se librava em amar-te : tuas mãos enxugavão meu pranto, a tua voz se desvanecião meus receios; e agora esse mesmo amor me enche de tristezas o peito. Então era feliz nos braços d'Euphrasia, agora separado d'ella só de pezares me nutrirei. Ah! e como me redobra as mágoas a lembrança dos passados prazeres! Está em minhas mãos o ser ditoso, e não posso

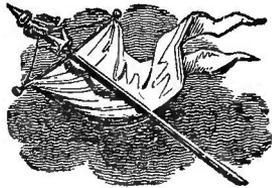
sêl-o! Morro deixando-te, e todavia deixo-te. Vê pois qual de nós deve sofrer mais n'este cruel apartamento. Que vim buscar n'estes funestos sitios? Porque te vi, porque me deixei cativar de teus encantos? Ah! e quão mal andei não pondo o meu affecto n'uma dama de França; ao menos se me víra obrigado a ausentar-me teria sempre a esperança de a tornar a ver. Que dizes, Melcourt? Que mulher, por mais graças que lhe tivesse prestado a natureza, poderia roubar-te o coração, a não ser a tua Euphrasia? Só de seus olhos o vivo lume tinha posses para derreter o empedernido gelo de tua indifferença. E todavia cumpre que rompa tão doces laços. Anda-me o coração em ondas: quero, e não quero, ou antes não posso nem me atrevo a partir. É mister, assim o requer a honra, clama a meus ouvidos a patria. Pois bem, cumpre obedecer, cumprir.... Ah! que não possas tu, amiga cara, vêr meus combates, e ouvir meus

gemidos! Se me v́ras qual me acho, talvezte apiedasses de teu infeliz amante, tal vez em vez de increpá-lo, rompesses em palavras de dôr e em lagrimas de compaixão.

Em que momento o destino cruel me priva, cara Euphrasia, de tua divina presença! Quando meu amor estava no maior auge, quando tambem o teu com o meu hombraava, não obstante tuas suspeitas; suspeitas crueis que dão maior vulto a meus pezares. Dissimulado me crês, porque sou infeliz, e talvez partindo me veja privado ao mesmo tempo de tua presença, e de teu amor. Ah! não me negues a ultima consolação, que me resta, que é a de saber que ainda me amas. De si se lembra quem dos mesquinhos se compadece. Tem pois piedade de mim, que bem sabes que se te não conhecêra, não sentiria os males, que ora padeço.

Mas que ouço? É o lugubre toque de leva. Deus! que não levantassem as

ancoras sem me advertir! Porém não; estão á minha espera. Adeus, cara Euphrasia : guarda intacta a fé que me juraste, lembra-te de mim, de nossos mutuos prazeres, e por vezes de nossas penas. Affrontar vou de novo a. inconstancia dos mares; possão elles ser minha sepultura, se cessar de amar-te.





CARTA UNDECIMA.

Qomo! é possível que não tenha
jamaiz de ver aquelle em cujos
olhos me revia , aquelle em

quem librava toda a minha dita, todas as minhas esperanças! Porque assim me castigas, Melcourt? É porventura por te ter amado com todas as potencias de minha alma? Caro e cruel author de meus pezares, meus suspiros te seguem por esses mares que sulcas, e de lá não me trazem senão tristezas, e desengano. Chegou até onde podia chegar a minha desventura, e a unica cousa que falta é saber que já de mim não curas. Assim será, que uma voz interior me está dizendo: Descarta-te d'esse louco amor que a Melcourt consagras, crédula Euphrasia: porque assim em inuteis pezares os dias passas? De que serve ferir os ceos com gritos, se teu infiel amante nem te ouve, nem quer ouvir-te. Dilatados mares de ti o arredão, chegou a França, e não ha mister de teus suspiros. Cercado de mil formosas damas já de ti se não lembra, nem lhe dão cuidado as lagrimas que vertes. Como! é possível que assim seja?

Mas não, sei que és algum tanto leviano, porém não posso acreditar que sejas cruel. O desvelo, que punhas em agradecer-me, abono dava de teu amor, como de tua constancia. Ah! e quão amavel, quão condescendente commigo eras, quão extremoso! Doce illusão, como tão cedo te desvaneceste! Não, não é possível expressar-te o abalo, que em mim causou a leitura de tua carta: fallecêrão-me de improviso as forças, cerrá-rão-se me os espiritos; parecia que com agudas puas me dilaceravão o coração, o qual, mesmo assim partido embocados, ia em teu seguimento. Não, tu não podes crer o quanto n'esse momento soffri: não é mais amargo o trago da morte. Emfim tirárão-me d'aquelle mortal deliquio; quando tornei a mim amaldiçoei a mão piedosa, que me tinha soccorrido, que sentia eu certa doçura n'aquelle angustioso transe, como quem me lisongeava de me ver emfim descativada dos pezares, que me causava tua

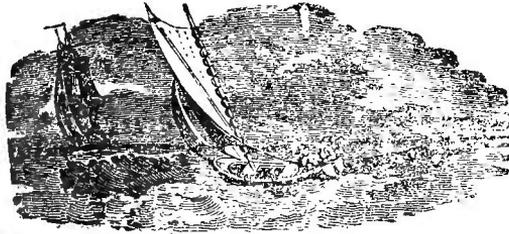
partida. E assim recompensaste tão puro, tão fino amor! Não importa, jurei guardar-te sempre o mesmo affecto, n'isso te affirma, e trata de imitar-me. Vê com indifferença as damas de teu paiz, e qual d'ellas, Melcourt, saberá amar-te, como a tua Euphrasia? Que de vezes não me adulaste de formosa, quero crer que exageravas, e que outras n'esse particular me levão vantagem, porém não assim na fidelidade. Nem é possível haja uma só que te tenha, como eu, tanto amor, e sem amor, tudo o al é nada. Lembra-te que me prometteste de vir um dia ver-me..... Ah! não o ponhas em esquecimento. Se me fôra licito sair d'aqui, verias o como iria ter contigo onde quer que fosses, para idolatrar-te em todo o restante de minha vida. O amor é de todos os lugares, e em França não me serias menos caro, que em Portugal. Mas que digo! Nem esta esperança guardar quero, porque temo me não suavize as dores, e é meu

timbre o soffrêl-as. Não sei que motivo te levou a roubar-me o coração, sabendo que tarde ou cedo me havias de deixar entregue nas mãos da desesperação. Porque me não deixaste' na tranquilla indifference, em que vivia? Que crime hei commettido, que injuria te hei feito? Ah! não te offendas, caro Melcourt: soffre que assim me desabafe. Que posso eu lançar-te em rosto? Naceste para captivar-me o coração, e eu para padecer: n'isto se cifra tudo. Já nenhum receio tenho da fortuna; que maior mal me póde ella fazer, do que separar-nos? Escreve-me, senão por amor, por compaixão. Quero seguir todos os teus passos de longe, e alegrar-me com tuas venturas, ainda que corra risco de te ser importuna. Vem-me ver, quando te for possível; deixa-me esta esperança, alias finir-me-hei de pura mágoa. Adeus! não me posso resolver a entregar ao criado esta carta de minhas lagrimas orvalhada. Feliz papel! quem pódera

228 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

estar em teu lugar ! Tu serás entregue nas mãos de meu amante , em ti porá elle os olhos ; e eu , eu !... As lagrimas me estorvão de ir por diante. Adeus , sinto que não tenho forças para resistir a tantos males ; já ergue a morte o braço..... mas se tu me amas , se dás lagrimas á minha sorte , talvez que supportar possa com constancia a tua ausencia. Embora chovão sobre mim desgraças , zombarei d'ellas se me déres a certeza de que em teu peito reino.





CARTA DUODECIMA.

POBRE de mim, que não sei dar-me a conselho! Em que te desmereci para ser tratada com

rigor tanto? Lisongeava-me eu que me havias de escrever de todos os lugares, onde aportasses; que tuas cartas me occuparião parte dos dias; que enganando minhas saúdes com a promessa de tua tornada me suavisarias as mágoas; emfim persuadia-me que certa de teu affecto, e descativada de ciúmes poderia viver, senão contente, ao menos mais consolada. Esperava, mesmo no caso em que me não fosse dado conservar a menor sombra de esperança, que me poderia descartar, bem que com custo, d'uma paixão funesta. A precipitação de tua partida, meus secretos pressentimentos, o despeito, a distancia, a incerteza de tua volta, a simulada ternura de teu derradeiro adeus, e mais algumas razões, que seria inntil referir, parecião-me outros tantos abonos de que afinal havia de gozar de algum descanso, e acostumar-me com o meu mal. Verdade é que devia arreceiar-me de mim mesma, e de alguns rebates de ternura

que por vezes sentia; porèm assentei que tinha forças para de todo desterrá-los do peito. Ai de mim! que nunca cuidei chegasse a tanto o poder do amor; cuidei vencê-lo, e logo ás primeiras me prostrou por terra. Cruel destino! se ao menos me fôra licito descarregar meu peito no teu!... Mas não; quem apenas é sensível ao prazer, não pôde ser accessível á compaixão. Assim que, nenhum fundamento devo fazer na sensibilidade d'um amante, que no mesmo momento, em que me jurava fidelidade, tacitamente se promettia de faltar a ella, dèsque se lhe offercesse occasião. Meus ferosos transportes, minhas ingenuas caricias despertavão as tuas; mas essas erão fingidas. Punhas todo o desvelo em me inspirar amor, ao passo que nenhum sentias. Não cuides que te tenho odio, que só de lástima és digno, pois não subeste aproveitar-te de meus transportes, e dos prazeres, que te offertava. Ah! que se foras capaz de sentí-los,

nenhum encontrarias em me illudir, e entenderias quanto maior é a dita de quem ama, que a de quem é amado.

Mas ai de mim! que não sei nem o que desejo, nem o que me convém. Sim, idolatro-te, mas não quizera que pelo mesmo theor me idolatrasses, nem que experimentasses os tormentos que padeço, e o contínuo desassocego em que me vejo; que tudo te fosse odioso; que em perpétuo pranto te nadassem os olhos. Meus males me parecem horri-veis, os teus levar-me-hião á sepultura. Que farei entretanto? Darei a mão a que me ponhas em esquecimento? Sinceramente te confesso que não me sinto com animo para tanto. Detesto e abomino quanto te retèm em França, e comtudo não poderei dizer-te o porque. Talvez meu estado te mova a compaixão; não te cances com mostrar-m'a, porque nada ha que mais dissabor me possa dar. D'horror estremeço, quando me lembro de quanto por ti sacrifiquei.

Honra, brio, reputação, nome, tudo aos pés calquei, e o que mais me magôa, expuz-me a que de mim escarnecesses. Pois ainda assim, quando te quero arrancar do peito, sinto que não me acho com forças bastantes, e commigo mesma festejo o ter cedido aos teus amorosos impetos á custa da minha deshonra. Tal sou, por tal deves conhecer-me. Tudo quanto de mais precioso tinha em tuas mãos entreguei; mas não, meu amor devêra mostrar-se com acções de mais alto grito. Partistes, deixaste-me sem esperança condemnada a séculos d'ausencia; déste talvez teu coração a outra, infiel, e inda não morri, e minha desesperação toda se encerra n'estas poucas regras? E ainda me jacto de te amar! Ah! não; faze o que queiras; infiel sou; rompe contra mim em queixas, que não é amar, o amar com tanta moderação. Perdão te peço, mas não; sê inexoravel, ordena-me de mostrar mais ostensivamente a minha dôr, e

de provar que te amo expirando de puro amor. Estou decidida a obedecer-te, pende já d'um fio esta vida aborrecida; mas tenho necessidade que me ajudes a apartar-me d'ella. Repartida entre a esperança e o temor, nada posso fazer sem ordem tua, nem ainda mesmo morrer. Uma morte ruidosa, e fóra do commun talvez te conquistasse a attenção, e durasse em tua memoria; o que seria preferivel ao estado em que me vejo. Adeus! farão de mim o que quizerem os pezares. Ceos! e porque te hei visto? Quão feliz que fôra, se nunca a meus olhos te tivesses mostrado! Que é o que disse? Não me creias, que quanto minha bocca profere desmentindo está meu coração. Quem eu, caro Melcourt? Dar n'alma assento a tão injustos pensamentos? Não o creias, torno a repetir-te. Tua amante contente está com sua sorte. Por feliz se deve reputar, quem por teu respeito padece, e a despeito dos

tormentos que soffro o meu maior prazer é ter-te conhecido.

— Emfim se a intensidade da dor me levar ao regaço da morte, empenha-me tua fé que has de dar lagrimas á minha sorte; que has de ter saúdade de meu terrissimo affecto, e conservar-me o teu; que a despeito da morte has de respeitar os doces laços, que nos união; que has de esquecer-te de tudo, menos de tua cara Euphrasia; que nenhuma outra mulher te conquistará o peito; que seria para mim o cumulo da desgraça saber que minha morte faz a bem de teus novos amores, e que ao pé d'elles te jactas do imperio, que sobre mim tiveste. Não sei se poderás ler esta carta escrita a impulsos da dor, e quasi com meu pranto apagada. Ah! tem piedade d'uma louca, que nunca o fôra, se não te tivera conhecido: e ainda graças te dou por me teres feito enlouquecer. Tudo quanto de ti vem me apraz, quer seja bom, quer

236 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.
mão, e ainda lastímo de ter perdido
tanto tempo vivendo no seio da indiffe-
rença, como soïa fazer antes de amar-
te. Adeus, já não posso escrever mais,
e ainda te não disse nem a metade do
que queria dizer-te.





CARTA DECIMATERCEIRA.

QUE aproveita que ameúde te
escreva, se com isto nada mais
faço que dar mór vulto a meus

pezares? Quão mal andei em cedera os impulsos de meu coração! Meu amor foi uma verdadeira cegueira, e tanto mais extremoso quanto mal succedido. Esvaeceo-se a nevoa, que me offuscava a vista, desapparecerão os prazeres, e ficarão só commigo os pezares, e por cumulo de males sobe de ponto a minha paixão á medida que me falta o objecto d'ella. E não devêra por anticipação acostumar-me á tua ausencia? Como é que me pude lisongear de que por amor de mim haviás de sacrificar honra, fortuna, e patria? Entretanto amesquinho-me, e choro, e o mal presente se torna insupportavel com a lembrança do bem passado. Como! Terei de abraçar-me sempre em inuteis desejos! Não has de vir um dia embellezar com tua presença esta solitaria alcova, onde tantas vezes nos tomou a aurora nos braços do amor? Fugitivos prazeres, enganosas doçuras? Durastes tanto, quanto o ardor que vos deo o ser. Que

val um prazer que reside unicamente na satisfação de nossos appetites! Porque não me conformei com os conselhos da razão, que me estava dizendo que moderasse meus transportes, e que me advertia dos perigos a que me ia aventurar? Surda aos seus dictames toda a ti me entreguei, Melcourt, e o prazer que tinha de estar contigo me não permittia de pensar que um dia havia de cessar de ver-te.

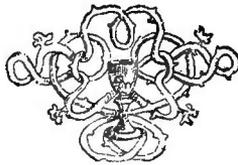
Lembra-me que um dia, presága do futuro, te confiei a este respeito meus receios. Com uma só palavra me tranquillizaste, e meus terrores se desvanecêrão, e tornárão a volver as doces, e lisongeiras illusões, que me allucinavão. Reclinada em teus braços eu mesma de meus proprios receios mofava, como quem só fazia fundamento em tuas promessas. Perfido! bem sei o como curar-me d'esta paixão: em não te amando, ver-me-hei socegada. Que horrivel expediente! Que triste remedio para um coração como o meu! Para riscar-te da lembrança seria

mister que cessasse de existir. Não, nunca me veio ao pensamento que fosse possível o deixar de amar-te: innocente sou a este respeito; antes graças dou á minha ventura, e de soffrer faço gala. Ingrato! longe de invejar teu destino, hei dó deti. Empenhado em novos amores, teus insipidos prazeres não valem meus desgostos. Essas tuas compatriotas das doçuras do amor não conhecem senão o material. O que eu soube inspirar-te ha de te acompanhar até á morte. Se por ventura conseguisses pô-lo em esquecimento, que vazio immenso que havias de experimentar? Dize adeus aos prazeres, que d'ora em diante só pezares te aguardão. Essa paz de que pareces gozar, essa felicidade imperfeita é um tormento. Por mais feliz me tenho na agitação em que vivo, que tu n'esse repouso. A mais sobia ella de ponto em outros tempos, mas tu me ensinaste a soffrer sem gemer, e a meus desejos poseste freio. Paciencia! ainda assim

não me arrependo de te ter amado.

Sim, por timbre conto o haver cedido a teus desejos. Por que razão a nosso tímido sexo será defeso o seguir sua natural inclinação? Dêsque por um instante te rendi vassallagem, serva tua sou por toda a vida. Tal é a minha religião: n'isto libra o meu pundonor, e gloria, Não cuides que digo isto, para empenhar-te a responderes ás minhas cartas: faz o que queiras, que amar por violencia, e por obrigação não é amar, mais sim aborrecer. O official francez, que de nossos amores se tinha advertido, de ti me fallou em toda uma manhã. Oh! e o quanto lhe sou grata, por me dar a entender te tinha amizade. Disse-me elle era a paz assignada. Ah! quão entranhavelmente abalada me senti com esta noticia. Se assim é, não tardes em me vir ver; achar-me-has disposta a seguir-te por toda parte. Depois que te partiste ainda não tive uma hora de socego; anoja-me o viver, dou em douda, e não

faço mais que pronunciar a todo o instante teu nome, unico prazer, que tenho. Estou sempre fechada no quarto onde tantas vezes vieste, sem ser sentido, prodigar-me as mais ternas caricias, cede ai de mim! tivêrão principio todas os meus males. Ali insensivel a quanto me rodêa, só teu retrato, que a todo instante beijo, me cativa continuamente a attenção. Mas ah! que quanto mais o considero, tanto mais me desespero com a certeza de que não hei de nunca mais ver o original. Nunca mais! É possivel que para sempre de mim te apartasses! Quão desditosa que sou, pois já me não resta nem se quer a mais leve esperança! Ah! que bem diversa sorte me havias promettido!





[CARTA DECIMAQUARTA.

Dios! será verdade, que o navio,
em que ias teve de arribar por
causa d'um temporal? Tal abalo

me causou esta nova, que de meus proprios males me deslembrei: só do risco que podias correr sollicita estive, e tu nem se quer me escreves para tirar-me de tão atroz cuidado. Toda a gente aqui tem cartas, excepto eu. Desgraçada sou, se algum accidente te tolheo escrever-me, e ainda mais se o não fazes por descuido. Vio-se jamais maior ingratição, maior desamor? Devêra eu vingar-me, e tratar-te como me tratas; mas tão estremecidamente te amo, que receio dar-te o menor enfado, e antes quero soffrer que saber que soffres. De tua indifferença convencida estou, porém fecho sobre ella os olhos, porque antes quero enganar-me a mim mesma, que cercar um atomo do affecto, que te consagrei. E quem ha que em te vendo duvidasse de tua sinceridade? Quanto não custa o conceber suspeitas d'uma pessoa, a quem estremecidamente amamos! Quando tuas palavras estão claramente delatando tua perfidia, dou-lhes eu um differente sen-

tido, e d'antemão te perdôo. Tua propria bocca te accusa, mas meu coração te justifica. Que perigosas ciladas que me armaste! Seguias todos os meus passos, cortejavas - me assiduamente, protestavas - me um eterno affecto, e eu de boa cri que dizias a verdade, fiei-me em tuas promessas, e a todas has faltado. Cobriste de flores o precipicio, em que me despenhaste, e minha propria inclinação contribuiu mais que tudo para minha ruina, que tu consummaste acintemente. Que barbaridade! Se eu houvêra com arte resistido a teus desejos; se me tivera negado a teus ardores, para avivál-os mais, se com esquivanças te tivêra desesperado, então terias razão de te vingares. Mas bem sabes que te amei, quando ainda nenhum desvelo punhas em agradar-me; que quando emfim te declaraste, cri cegamente em quanto me disseste; se me não amavas, porque me não advertiste? Porque pelo contrario te esmeraste em o fingir? Que

tenções erão as tuas? Sem muito trabalho podias achar uma mulher talvez mais do que eu formosa, que te guardaria fidelidade por algumas semanas; que te offereceria esses vulgares prazeres em que ao acaso, e segundo seu temperamento, se engolfão as pessoas de tua nação, e sexo; a quem tua ausencia pouco ou nenhum pezar causaria; uma mulher emfim com quem poderias romper, sem que te accusassem de inconstancia: por que razão pois fizeste de mim escolha? Já o sei, cruel: como entendeste o quanto te amava, assentaste que menos te custava o enganarme. Não allegues por desculpa o dever, a ordem, que recebeste de partir; que se eu estivera no teu caso ver-me-hias resistir a tudo. Nada me poderia obrigar a deixar-te, e tu lanças mão dos mais futeis pretextos para te ausentares d'esta terra. Dir-me-has que o navio estava de partida... Quem te tolhia de ficar em terra, e deixál-o partir? Porque levado d'um

ardor inusitado te foste expôr sem mim ao furor das rugidoras ondas? Teu pai assim o ordenava. Quero crê-lo; mas bem sabes o quanto tive de soffrer da parte do meu. A gloria o exigia; sim, mas eu puz de parte a minha, e teu rei certo que não havia mister de ti para dilatar a sua. Dizem-me que elle é sensível, e pois que amou, certo que havia de perdoar a culpa em que, por amor de mim, incorresses.

Como! é possível que conhecendo o muito que te amava, te determinasses a privar-me para sempre de tua presença? a condemnar-me a eterno pranto? Assoberbada de tristeza vou-me de dia em dia finando; nada mitiga meus pezares; entro em colera contra as pessoas que me dão conselhos, como se todos os meus deveres se cifrassem unicamente em amar-te.

Hontem dona Brites, pessoa a quem muito, estimo apertou commigo para que sâsse do quarto, e fosse tomar o

fresco na varanda , donde os olhos se dilatão com prazer por estendidas planicies. Fiz-lhe a vontade , mãs quão de pressa me arrependi ! Apenas ali cheguei acodirão-me taes lembranças, que tive de recolher - me immediatamente ; para o meu quarto para chorar á minha vontade, e pensar em ti. Nada me suaviza as mágoas : molestão-me os desvelos com que, compadecidas de minha sorte, me tratão minhas amigas. D'aquella varanda é que pela primeira vez te vi, e n'ella é que nossos olhos se encontrárão ; que senti esse secreto abalo, indicio d'um amor nascente. D'ali estive admirando a graça , com que governavas teu cavallo, o qual parecia soberbo com tão formosa carga. Ah ! e como me parecião longos os dias ! Como secretamente anciava por te ver de mais perto ! Tua bizarría, e certo ar de negligencia que em tua pessoa observava, começavão , sem que eu n'isso attentasse , a triumphar de minha indifferença ; sentia não sei que

prazer, acompanhado de certo temor, e afigurava-se me que em tudo quanto fazias punhas só o fito em agradar-me. Qual foi o premio de tão estremecido amor tu bem o sabes; e ainda me atrevo a escrever-te?... Melhor faria de engolir meus enfados, e calar-me. Meus lamentos não servem senão para divulgar tua infidelidade, que não podem nem elles, nem minhas lagrimas conseguir o que não pôde conseguir meu amor. Minha ruina é certa, e d'ha muito projectada. Dêsque partiste, assentei que não devia conservar a esperança de reinar em teu coração. Com encantos taes é impossivel não enfeitices outras damas, como me enfeiticastes!... Não o permitta Deus! Mas que digo? é impossivel que assim não seja; porém ou não te conheço bem, ou estes novos amores devem durar mui pouco; e podes, sem amar, lançar-te nos braços d'outra? Se ao menos para isso tivesses algum pretexto, talvez, achando-te me-

nos culpado, fosse menor a minha mágoa. Quem sabe se o que ahí te retém não é o receio de não poderes corresponder aos meus transportes? Ah! não os temas; que por mais extremoso que seja o amor, que por ti tenho, acho-me com forças para moderar-me, e com tanto que respire o mesmo ar, que tu respiras, dar-me-hei por ditosa, e porei termo aos queixumes. Oh! e o como sou credula! E ainda me lisongeo de conhecer-te? Tens de amar outra dama, e sou a unica que te não agrada. Sim has de amar, e eu devêra ensinar-te o como se ama. Lembra-te pois dos tormentos que padeci, de meus ciúmes, transportes, sustos, e inquietações, e imita-me, se queres ser feliz.

Disseste-me um dia, que amavas certa compatriota tua, da qual com pena te apartaste. Ainda a amas? Falla-me sem rebuço: tencionas voltar a Portugal, ou não? Não me deixes n'esta incerteza, que me atormenta de morte: val mais

um desengano a tempo , que uma esperança mentirosa. Manda-me o retrato d'essa dama , e dá-me conta dos prazeres que com ella logras. Escrever podes quanto ella te diz ; não tenhas sustos que desmaie ao lêl-o ; que tão tua escrava sou , que apenas me compete o fazer-te a este respeito a menor observação. Tão feia cousa me parece o ser ciosa , que por criminosa me teria , se o fôra.

Um official de tua nação está á espera d'esta carta. Quantas vezes não tenho querido rematál-a , e sempre em vão. Quando te escrevo affigura-se-me, caro Melcourt , estar-te vendo , e fallando. Achál-a-has por extremo longa , e fastidiosa. Serei mais breve na primeira , e porei á parte as queixas , e invectivas. Abster-me-hei nella de te fallar de meu funesto amor ; estou resoluta a sepultál-o no intimo d'alma ; tem-no por certo. Faz hoje um anno que elle teve principio , e quem diria que no cabo de seis

mezes me havias de ser infiel, que havias enfim de partir, e deixar-me aqui ao desamparo. Teu compatriota não me permite estender-me mais, que tanta é a pressa com que está de partir : talvez tambem aqui deixe alguma desgraçada; talvez alguma compatriota minha me faça companhia na desgraça.

Adeus!.... não sei o como te appellido, que já não me atrevo a dar-te os nomes que meu amor havia inventado. Deus! e o como te amo, sendo tu commigo tão desamoravel! A ponto tal que nem para mitigar-me as magoas te dignas escrever-me, assim que a cada correio sobe de ponto a minha angustia. Mais queria dizer-te, porèm teu compatriota quer partir : parta muito embora. Demais que o que escrevo é mais para mim, que para ti, pois bem sei que tão estirada carta te ha de anojár. Que hei feito, meu Deus! Porque me vejo condemnada a perpetuos pezares? Porque aqui estou

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 253
presa ! Porque?... Assim o quiz minha
estrella, e seria inutil pedir-te que me
ames.





CARTA DECIMAQUINTA.



UMPRE que me deslembre
de ti : assim m'õ prescreve o
dever, e o brio, escrever-te

vou por derradeira vez. Deus! e como nossa alma folga, quando se vê descativada do jugo do amor! Agora sim que respiro... e a ti o devo. Cedo te será remettido por dona Brites, depositaria fiel de meus segredos, quanto me pôde avivar as lembranças de meus erros passados: de ti nada guardar quero. Ella desempenhará melhor do que eu o encargo de fazer com que ás tuas mãos chegue o teu retrato, e cartas. O primeiro sobre tudo que já ha dias que não podia ver: ancias me vinhão de deitál o no Tejo, e não o fiz, por temer tivesses para ti que o guardava, ou não me atrevia a romper de todo em todo comtigo. Assim que, determinei de te convencer da verdade, hem que te cause talvez isso algum despeito. Confesso que não sei porque ao apartar-me d'esses penhores senti partir-se-me com dores o coração, não obstante não te ter já amor algum. Enterneci-me, reguei-os com infindas lagrimas, custou

muito emfim, mas venci, e agora entendendo quão efficaz seja a razão em semelhante lucta.

A final ficção em poder de dona Brites esses penhores d'um fementido amante, não sem mil combates, incertezas, e dores, que teu coração é incapaz de sentir, e de que seria inutil dar-te conta. Pedi a minha amiga que não me fallasse mais n'elles, nem m'os tornasse a entregar, nem mostrar, ainda que de joelhos lhe supplicasse.

O muito que me custou a dar este passo é uma prova do extremoso amor, que por ti tive, e se eu soubera me havia custar tanto, talvez me não aventurasse a fazê-lo. Póde ser que não soffresse mais continuando a idolatrar-te, com ter a certeza de teu desamor, e ingratitude. Não me determinei a isso por amor proprio, não; que bem claras provas te hei dado de que podia supportar o teu odio, e até tua inconstancia; porém não assim tua indifferença.

Tua derradeira carta, os protestos de amizade, que n'ella me fazias, teus cumprimentos, tua compaixão sobretudo me fizêrão romper n'este excesso. Sei que minhas cartas te forão entregues, e que as leste; pedi-te por ventura n'ellas que me tirasses do engano em que andava? Quem te encarregou de me privar dessa sombra de felicidade de que gozava? Porque destruiste os castellos de vento, que na imaginação edificava? Estava disposta a crer quanto me affirmasses, e não sei que não me recesse que delicadamente me enganasses.

Sei quaes sejam teus defeitos, conheço-os um por um, ingrato. Sei que não és credor d'um affecto tão puro, e desinteressado, porém espero que me ajudes a pôr-te em esquecimento. Promette-me sobretudo de nunca mais me escrever; talvez tivesse ainda a fraqueza de ler tuas cartas, de responder-te, de ceder a meus transportes, e desejo evitar as

consequencias que d'isto se podem seguir. Deixa-me livre e senhora de minha vontade, não cures mais de mim, nem do que penso, ou faço; não perturbes a doce paz de que vou gozar; ingrato fostes, porém não sejas barbaro. Pelo que me diz respeito dou-te a minha palavra que nenhum odio te tenho. O odio seria em mim um indício d'amor. Não falta quem me corteje: amanhã, se quizer, posso ser vingada; amanhã posso empregar n'outro o meu affecto; mas quem será digno d'elle? Quem dará vida a um coração já defunto? O que me é mister é um amante e não um vingador. Ah! e quanta força sobre nós tem uma primeira inclinação! Por mais que façamos, sentimo-nos impellidos por uma mão invisivel para o objecto, que primeiro nos cativou o coração. Sem elle não ha para nós completa alegria; é uma especie de idolo a quem secretamente tributâmos culto, bem que em publico o desado-

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 259
remos. Debalde procurámos distrahir-
nos, tudo vemos, e nada nos dá prazer :
a ferida que a infidelidade em nosso
peito abre, ainda depois de cicatrizada ,
nos occasiona dores ; e a unica consola-
ção que temos, vendo-nos livre, é a li-
berdade de chorar a nosso sabor sobre
o terrivel cativo a que fomos postos.

Demos mesmo que en fôra d'humor
a formar novos laços , a empenhar-me
n'outros amores , como é que assober-
bada de pezares associaria outrem á
minha triste sorte? Creio que deves de
estar satisfeito, que não podia eu fazer
mais, do que hei feito para te agradar.
Em que te desmereci, Melcourt, para
ser com tanto rigor tratada? Que attrac-
tivos póde ter uma emparedada? dirás
tu. Múitos; primeiro, por isso que vive
longe do bullicio do mundo é mais
terna, mais amavel. Nada ha que assim
alente o amor, como a solidão. Na solidão
nada nos distrahe de nosso affecto, n'el-
le pensámos de dia, com elle sonhâmos

de noite, e o silencio que em torno de nós reiná dá mór vulto, mór belleza ao objecto do nossa adoração. Como! agradão-te mais essas loucas que com qualquer cousa se divertem; que paixão do theatro á casa de dança, e da casa de dança ao theatro; essas almas insaciaveis, que correndo após o prazer, por mais variados que elles sejam nunca se fartão? Como te contentas com o pouco que ellas te podem conceder, já porque são casadas, já que as diversas occupações que tem lhes tolhem receber-te, se são solteiras? Mas para que me canço em provar-te quão diferente era o affecto meu, d'esse que te dedicão as damas de França? Desquitada estou de ti, e graças dou a tua inconstancia: demais que não nasci eu para ser feliz em amor. Não obstante ver-te todos os dias, andava sempre em sustos; amesquinhava-me por não ser mais formosa; ardia em zelos, se infiel te cria; o menor sopro do vento me fa-

zia enfiar; se me vinhas ver ao convento, temia não te encontrassem meus parentes; por mais que fizesse para te expressar o meu affecto assentava que nada havia feito, emfim sentia os mesmos tormentos, que hoje sinto.

Que seria de mim se perdido de todo o pudor me embarcasse, e fosse ter contigo em França, se em lá chegando me desprezasses? Sim, ingrato: com terem meus males chegado ao ultimo ponto, conheço que ainda podião sobir a mais. Emfim abriu-me Deus os olhos; abjuro meus erros, e uma vez na vida sigo os dictames da razão. Que feliz conversão! E o quanto deves de estar contente de me veres razoavel. Não tenhas o incommodo de m'ò dizeres, desejo ignorál-o: demais que já te pedi que nunca mais me escreveses. Consideraste bem no mal que me has feito? Não te corres de pejo, ingrato e fementido? Houveste-te como um covarde, como um homem de duas faces. Aborrecias-me, e fingias

que me amavas; e pude, e não me envergonhei de pôr em ti o meu affecto? Que encantos tinhas, que prestigios, ou que virtudes para por tal modo deslumbrar-me? Que sacrificio por mim fizeste? Enxugaste-me por ventura as lagrimas? Tiveste compaixão de meus tormentos? Deixaste por isso de caçar? Não procuraste longe de mim quantos prazeres encontrar podias? Entranhavelmente te aborreço, e abomino, e assim o devo fazer. Saltaste as barreiras do decoro, ultrajaste-me, feriste-me no mais vivo d'alma; nenhuma desculpa tens, nem t'as posso acceitar. Se jámais aqui pões os pés, meus parentes lavarão em teu sangue a nodoa, que em minha reputação poseste, entregar-te-hei em suas mãos; é tempo que a mim mesma dê as penas de minha cegueira, e idolatria. Que votos formar ousos? Céos! guardai-vos de annuir a elles: desde já me retracto, e com gosto consinto que Melcourt venturoso seja. Venturoso!....

e longe de mim... E como o podes ser se teu coração é tal qual se me afigurava ser. Mas que digo? Por que razão de ti me apiado? Ah! é mister que te escreva ainda uma vez. Então fál-o-hei com mais assento, e meu estilo terá a mesma seccura e frieza que meus sentidos. Que prazer não será o meu, quando me vir em estado de te exprobrar teus crimes, de confundir-te, de tratar-te com o mais soberano desdem, de ensopar-me a meu sabor nas doçuras da vingança, de provar-te emfim com os olhos enxutos, e o coração de pousada, que te hei posto em esquecimento de envolta com meus prazeres, e magoas. Brazão não faças de me ter seduzido: que era eu moça, credula, e tinha sido educada n'um convento; ignorava o theor da sociedade, e quantos homens havia visto erão mal geitosos. Quanto me rodeava era insipido, e ninguem me adulava de formosa. Tu foste o primeiro que tal me disseste, inexperiente acreditei-te, e cuidei que via pela primeira vez o

mundo, que começava a raiar a aurora de minha existencia. Ah! e de quão tristes foi seguida! Dissipou-se a illusão, quebrou-se o encanto, e quem o fez foi meu proprio amante. Sim, tu me tiraste a venda dos olhos; estava á borda do precipicio, déste-me a mão, e salvaste-me. As duas cartas que me escreveste forão meu remedio; assim que as guardo com todo o cuidado, não tenha alguma recaída, e para esse effeito não ha dia, em que não as leia.

Quão bemaventurada seria a minha sorte, insensivel Melcourt, se, como devias, houvesse lealmente correspondido a meu amor! Ah! que ainda agora, quando penso, me desfaço em lagrimas, que não deixão de ser acompanhadas de certa doçura. Mas emfim feito é... tal é minha ultima determinação, e na falta d'essa dita suspiro pela paz. Determinada estou a nunca mais escrever-te, porque quasi que já não sinto nem amor, nem colera. Adeus digo para sempre a ti, e ao mundo.



CARTA DECIMASEXTA E ULTIMA.

MELCOURT A EUPHRASIA .



ão te escrevo para justificar-me,
fál-o-hei, cara Euphrasia, a teus
pés ajoelhado. Alma angelica,

e terna, em breve atravessando os mares irei consolar-te, consagrar-te todos os meus dias, unir-me contigo para todo sempre, entregar-te meu coração, e pedir-te o teu. Cedo me conhecerás a fundamento. Amar-me-has por ventura menos por isso que o mereço mais? El Rei premiou meus serviços, por elle honrado mais digno sou de teu affecto. Amo, e sou Francez, e reparto os meus cuidados entre minha patria, e minha amada; porém como é feita a paz, tendo satisfeito ao que de mim exigia a honra, livre sou de entregar-me todo ao amor. Cedo te envergonharás de me teres crido perfido. E a quem querias tu que amasse n'essa capital onde me acho? Sem estima crês tu que' possa haver amor? Mais que muito conheço a inconstancia de minhas compatriotas, desgraçado d'aquelle, que se fia em suas promessas! Como has crido que infiel te fosse? Onde poderia encontrar tantas virtudes juntas com belleza tanta? Mens aq; a-

rentes crimes, meu silencio culpavel era um ardil, que me tinha suggerido o amor. Não tendo esperanças de te tornar a ver, e retido em França pelos mais santos deveres, desejava curar-te d'uma paixão, que solapava tua existencia, e por compaixão por teus males tornava-me culpado, para que commigo rompeses. Mas já não hei mister de subterfugios taes... Porèm quem sabe se crendo-te desquitada de mim, não déstes teu coração a outrem. Ceos! que horrivel idea! Que triste pressentimento! Se assim for, guarda-te de meus transportes. Ir-te-hei arrancar dos braços de teus parentes, do sanctuario mesmo. Nada ha que te possa subtrahir a meu furor. Sou teu amante, e tenho de ser teu esposo. Se tua familia se opposer á nossa união, esposar-nos-hemos em espirito: emfim tenho de morrer onde nasceste, e de provar-te que não poseste emvão em mim o teu affecto.

Adeus! é tempo de partir, parece que

68 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

ouço os teus lamentos de envolta com os rugidos dos ventos, sim, és tu que me chamas; tem paciência que não tardo. Abismo insondavel, pégo tempestuoso, tu respeitaste meus dias quando votados á tristeza; respeita-os agora que vão ser consagrados á alegria.

FIM DA SEGUNDA PARTE, E DO SEGUNDO
E ULTIMO TOMO.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).